



Instituto Politécnico de Tomar – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
(Departamento de Geologia da UTAD – Departamento de Território, Arqueologia e Património do IPT)



Erasmus Mundus
Master Erasmus Mundus em
QUATERNARIO E PRÉ-HISTÓRIA

Sítio Arqueológico Testa Branca II, Contributo a Arqueologia Rupestre Brasileira. Estreito, Maranhão – Brasil.

Ariana Silva Braga

Orientador: Luiz Oosterbeek
Co-orientador: Fernando de Morais

Ano académico 2009/2011



In Memoriam
Ao meu companheiro de trabalho
Ao meu grande amigo
Ao meu grande amor
Aos sonhos que construímos
Claidvon de Paula Moraes
Ou simplesmente Von
05/08/1981- 20/07/2010

Sítio Arqueológico Testa Branca II, Contributo a Arqueologia Rupestre Brasileira. Estreito, Maranhão – Brasil.

Ariana Silva Braga

O presente trabalho trata do sítio Testa Branca II, encontrado em 2001 pela equipe do Núcleo Tocantinense de Arqueologia durante o programa SALTESTREITO, entretanto as intervenções no mesmo ocorreram somente nove anos após sua descoberta. Foram escavados dois cortes testes com a finalidade de confirmar a hipótese que as gravuras continuariam surgindo em cotas negativas, resultando na descoberta de gravuras até os níveis 100-105 cm. Devido a esta constatação, optou-se por escavar uma trincheira na margem do paredão, evidenciando todas as gravuras em cotas negativas, possibilitando a documentação total do sítio. Após a reconstituição dos quatro painéis que o compõem, estes foram analisados de forma individual. Posteriormente foi executada análise global, correlacionando as gravuras ao contexto arqueológico.

Palavras-chaves: Arqueologia Rupestre, Gravuras, Documentação e Maranhão.

Archeological Site Testa Branca II, Contribution to Brazilian Rupestrian Archaeology. Estreito, Maranhão - Brazil.

Ariana Silva Braga

This work deals about the Testa Branca II archeological site found in 2001, by the Núcleo Tocantinense de Arqueologia during the SALTESTREITO's program, investigations have started just nine years after its discovery. Two test cuts were excavated in order to confirm the hypothesis that the engraving would continue appearing in negative levels. The result was the discovery of engravings to levels 100-105 cm. Because of this finding, we decided to dig a trench at the edge of the wall, showing all the engravings in negative levels, enabling the full documentation of the site. After reconstitution of the four panels that constitute the site, they were analyzed individually. Subsequently, a comprehensive analysis was performed, correlating the engravings with the archaeological context.

Keywords: Rupestrian Archaeology, Engraving, Documentation and Maranhão.

Agradecimentos

Há um ano quando estava em Carolina - MA no meu último dia de levantamento, acordei com um telefonema que traria a pior notícia que já havia recebido. A princípio veio à negação seguida do desespero, era um pesadelo. A primeira vontade foi de morrer também, pois era pra eu estar naquele carro.

O pesadelo parecia não ter fim, foi uma longa viagem até conseguir chegar em Bela Vista- GO para despedir-me da pessoa mais maravilhosa que passara por minha vida até o momento. Centena de vezes passou pela minha mente abandonar tudo, até a minha própria vida a vontade de ir com ele era enorme, pois não sabia o que fazer da minha vida com sua ausência. Afinal passamos um mês inteiro trabalhando juntos, morando juntos e planejando nosso futuro, sua ausência repentina foi como arrancar todos os meus sonhos de uma só vez.

No entanto quando comecei a olhar para o mundo a minha volta percebi o porquê havia atrasado meu levantamento e não estava com ele naquele carro.

Esta percepção veio quanto abri meus olhos e vi que mesmo sem ele não estava sozinha, pois havia tanta gente ao meu lado, dando todo o apoio que precisei. Então para estas pessoas que me mostraram que a “vida é feita de encontros, embora haja tantos desencontros pela vida” venho por meio deste agradecer imensamente.

Em especial a minha pequena família que me deu todo o suporte necessário para eu superar este que foi o ano mais difícil da minha vida. Papai, Mamãe e Vovó sem vocês não teria conseguido suportar perder o meu Von, obrigada por me ensinarem dia após dia a sempre superar... Obrigada meus tios queridos que também estiveram comigo Tia Lelena, Tio Lúcio. A meus primos que são como meus irmãos André, Marcos, Heloísa aos meus compadres Maria José e Hugo que me deram o pequeno Heitor como afilhado que com o seu sorriso inocente neste momento confortou meu coração por diversas vezes. Obrigada pelo suporte construído com muito amor, vocês me ensinaram o significado de família e amizade.

Jamais esquecerei a família De Paula Moraes, obrigada por me dar a oportunidade de conhecer a pessoa mais maravilhosa do mundo e me acolher como uma de vocês, obrigado de verdade Val, Claide, Seu Leonda, Dona Valda, Geraldo e Vilma vocês continuaram sendo sempre minha família também, pois estaremos sempre ligados pela memória do Von que transformou nossas vidas e nos ensinou a sermos sensíveis.

Sinto muitas saudades da fazenda e dos tempos de implantação da ordenha, aprendi muito com vocês em especial com o Geraldo que não se importava em responder as perguntas bobas desta garota da cidade.

Obrigada aos amigos que estiveram presentes neste momento me motivando a seguir em frente e me dando momentos de alegria que nunca vou me esquecer. Ligando-me, me levando às vezes forçosamente para festinhas tentando me distrair de qualquer maneira.

A toda equipe do Núcleo Tocantinense de Arqueologia em especial a Professora Neta e o Professor Marcos que me acolheram a exatos seis anos neste laboratório e que sempre estiveram dispostos a me ajudar e sempre confiaram no meu trabalho, muito obrigada, pois aprendi muito com vocês. E estamos juntos aprendendo a superar a perda do nosso maior arqueólogo.

Aos amigos que a arqueologia me deu, gente obrigada Marcos, André, Barbaras, Daniella, Rachel, Cíntia, Geysa, Marrian, Jorlan, Raoni, Manoel, Sara Cura, Pedro Cura, Antonella entre outros tantos que tenha esquecido. Especialmente Carolina Abreu pelas aulas de Photoshop, que possibilitou a montagem do sítio, pela amizade e por compartilhar dos mesmos sonhos rupestres. Obrigada!! Mas preciso agradecer especialmente a pequena grande Loriza, goianinha obrigada por tudo, você não sabe a importância que tem na minha vida. Sem você este trabalho não teria nem iniciado, você sabe disso.

Aos meus professores que muito me ensinaram em especial uma pessoa que me convenceu a não desistir com apenas uma frase “acredito no seu trabalho” OBRIGADA Mila Simões de Abreu, além de ter me ensinado a trabalhar você é também responsável pela minha superação profissional. Não posso esquecer-me do meu orientador Luiz Oosterbeek que foi obrigado me aturar e sempre encontrava soluções para os meus problemas, obrigada professor! Ao amigo e co-orientador Fernando Morais, obrigado por me oportunizar trabalhar com o TEG, este grupo que é mais que um espeleogrupo é um grupo de amigos.

Obrigada ao David que me mostrou que agente pode reconstruir os sonhos e que me fez sentir amada outra vez. Merci mon soleil, merci pour être la lumière de ma vie.

Por fim obrigada a arqueologia que me deu tudo que eu tenho hoje e me transformou em uma pessoa realizada profissionalmente e com vontade de aprender dia após dia com ela.

OBRIGADA!

Sumário

Lista de Figuras.....	vii
Lista de Tabelas.....	viii
Lista de Mapas.....	viii
Lista de Gráficos.....	ix
Lista de Fotografias.....	ix
Introdução.....	1
1. Caracterização e contextualização.....	4
1.1 Localização e aspectos ambientais.....	5
1.2 Estudos arqueológicos no extremo norte do Tocantins e sul do Maranhão: da escassez bibliográfica a potencialidade dos sítios.....	14
1.3 Estudos rupestres no extremo norte do Tocantins e Sul do Maranhão.....	20
1.4 Delimitação da área estudada: da imensidão a unidade.....	24
2. Pressupostos teóricos e metodológicos.....	26
2.1 Levantamento rupestre.....	27
2.2 Do processo analítico: A Arqueologia Rupestre.....	35
2.3 Semiótica aplicada a Arqueologia Rupestre.....	37
3. Testa Branca II.....	39
3.1 A descoberta e o silêncio de dez anos.....	40
3.2 Localização e caracterização do sítio Testa Branca II.....	42
3.3 Escavações: o ressurgir.....	46
3.4 Contexto arqueológico.....	52
3.5 As gravuras.....	58
3.5.1 Pannel do Abrigo.....	60
3.5.2 Pannel 1.....	61
3.5.3 Pannel 2.....	69
3.5.4 Pannel 3.....	89
3.5.5 Pannel 4.....	93
3.5.6 Análise global.....	98
Considerações finais.....	101
Bibliografia.....	105
Anexos.....	111

Lista de Figuras

Figura 1: Exemplos de morfologias de canais no Rio Tocantins.

Figura 2: Folha de levantamento, exemplo da junção das folhas A4. Demarcação dos limites pela margem azul.

Figura 3 Exemplo de folha de levantamento.

Figura 4: Croqui do levantamento rupestre.

Figura 5: Exemplo de junção das folhas de decalque.

Figura 6: Resultado da montagem e limpeza do levantamento.

Figura7: Ficha de análise rupestre descritiva.

Figura 8: Levantamento, painel 1 do abrigo.

Figura 9: Painel 1, parte A.

Figura 10: Painel 1, parte B.

Figura 11: Podomorfos Painel 1, área B. Setas indicando sua orientação.

Figura 12: Podomorfo Painel 1, parte B. Detalhes das técnicas de produção.

Figura 13: Detalhe da fratura central do Painel 1 B.

Figura 14: Técnica de produção dos machados gravados.

Figura 15: Painel 1 com sobreposição do levantamento.

Figura 16: Painel 2 área A

Figura 17: Formas de disposição das cúpulas no Painel 2 A.

Figura 18: Detalhe dos motivos geométricos formados pelas cúpulas.

Figura 19: Detalhe dos machados gravados do Painel 2 A.

Figura 20: Tridígitos do Painel 2 A. Setas indicam a disposição dos mesmos.

Figura 21: Exemplos de fitomorfos do Painel 2 A.

Figura 22: Detalhe das "ferraduras" do Painel 2A.

Figura 23: Detalhe dos motivos circulares fundos.

Figura 24: Blocos gravados encontrados em contexto arqueológico resultante do processo natural de deslocamento do suporte rochoso.

Figura 25: Painel 2 área B.

Figura 26: Podomorfos do Painel 2 B.

Figura 27: Antropomorfos do Painel 2 área B.

Figura 28: Antropomorfo Painel 2, área B

Figura 29: Antropomorfo Painel 2, área B

Figure 30: Fitomorfos do Painel 2, área B.

Figure 31: Tridígitos do Painel 2, área B.

Figura 32: “Ferraduras” do Painel 2, área B.

Figura 33: Grafites recentes no Painel 2

Figura 34: Painel 2 com sobreposição do levantamento.

Figura 35: Painel 3 com sobreposição do levantamento.

Figura 36: Aglomerado de podomorfos Painel 3.

Figura 37: Aglomerado de sulcos simples verticais, Painel 3.

Figura 38: Painel 4, área A.

Figura 39: Detalhe dos motivos geométricos, Painel 4 área A.

Figura 40: Painel 4, área B.

Figura 41: Painel 4 com sobreposição do levantamento.

Figura 42: Painel 2A, com escala humana.

Lista de Tabelas

Tabela 1: Sítios arqueológicos de gravuras rupestres trabalhados nos projetos do NUTA entre os estados do Tocantins e Maranhão.

Tabela 2: Tipologias

Tabela 3: Distribuição do material arqueológico.

Lista de Mapas

Mapa 1: Localização do sítio testa Branca II.

Mapa 2: Mapa de localização da bacia hidrográfica Tocantins – Araguaia.

Mapa 3. Mapa de localização do Domínio do Cerrado brasileiro.

Mapa 4: Distribuição dos sítios rupestres entre os estados do Maranhão e Tocantins.

Mapa 5: Mapa de situação do sítio TBII.

Mapa 6: Mapa geológico do MA, com detalhe da localização do sítio TBII.

Mapa 7: Croqui geral da área do sítio TBII.

Mapa 8: Planta de resgate arqueológico.

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Distribuição quantitativa das gravuras no painel 1. Sendo Y a tipologia e X a representação quantitativa destas tipologias.

Gráfico 2: Técnica de produção aplicada a manufatura das gravuras no Painel 1.

Gráfico 3: Distribuição quantitativa das gravuras no painel 2. Sendo Y a tipologia e X a representação quantitativa destas tipologias..

Gráfico 4: Técnica de produção aplicada a manufatura das gravuras no Painel 2.

Gráfico 5: Distribuição quantitativa das gravuras no painel 3. Sendo Y a tipologia e X a representação quantitativa destas tipologias.

Gráfico 6: Técnicas de produção aplicada na manufatura das gravuras do Painel 3.

Gráfico 7: Distribuição quantitativa das gravuras no painel 4. Sendo Y a tipologia e X a representação quantitativa destas tipologias.

Gráfico 8: Escolha técnica para produção das gravuras do Painel 4

Gráfico 9: Total de motivos gravados em todo suporte rochoso do sítio TBII. Sendo Y a tipologia e X a representação quantitativa destas tipologias.

Gráfico 10: Técnica aplicada para a produção das gravuras no sítio TBII.

Lista de Fotografias

Foto 1: Processo de edificação da barragem da UHE - Estreito.

Foto 2: Vista do rio Tocantins a partir do ponto 02 do relatório do EIA-RIMA, município de Estreito- MA. Período úmido.

Foto 3: Paisagem comum nos meses de agosto e setembro. Estrada de acesso ao sítio arqueológico Testa Branca II, município de Estreito- MA. Período de seca.

Foto 4: Repetição do levantamento.

Foto 5: Fotografia da zona levantada com e sem plástico.

Foto 6: Vista do Sítio TBII a partir do Rio Tocantins, navegação sentido sul-norte. Detalhes das manchas de líquens que deram nome o sítio.

Foto 7: Gravuras rente ao solo, setas indicam as gravuras e o fio branco o nível do solo atual. Corte I-1 e I-2, nível 0-10 cm.

Foto 8: Visão da Ilha dos campos a partir do alto do Sítio TBII.

Foto 9: Abrigo do TBII, vista geral do abrigo. A seta indica a única área gravada.

Foto 10: Escavação dos cortes testes I-1, I-2 e J 2.

Foto 11: Fragmento do paredão encontrado em contexto arqueológico.

Foto 12: Sítio Testa Branca II, paredão com gravuras, corte J-2, nível 90-100cm.

Foto 13: Trincheira resultante da expansão em ambas as laterais dos cortes testes.

Foto 14: Modelo da ficha de identificação.

Foto 15: Sedimento sendo peneirado.

Foto 16: Amontoado de sedimento resultante da escavação.

Foto 17: Corte K2, nível 40-45 cm.

Foto 18: Corte L2, nível 60-65 cm.

Foto 19: Corte N1, nível 60-65 cm.

Foto 20: Corte O1, nível 50-55 cm.

Foto 21: Borda de vasilhame. Corte O1, nível 50-55

Foto 22: Corte Q1, nível 35-40 cm

Foto 23: Corte G2, nível 60-65 cm.

Foto 24: Corte J2, nível 40-50 cm.

Foto 25: Corte J2, nível 50-60 cm.

Foto 26: Corte K1, nível 85-90 cm.

Foto 27: Corte M1, nível 80-85 cm.

Foto 28: Corte Q1, nível 30-35 cm.

Foto 29: Corte R1, nível 45-50 cm.

Foto 30: Corte II, nível 170-180 cm.

Foto 31: Corte R2, nível 40-45 cm.

Foto 32: Vista da parede interior esquerda do abrigo, indicação da área gravada pelo círculo.

Foto 33: Painel I do abrigo, único vestígio de gravura na parte interior do abrigo.

Foto 34: Ação dos cupins sobre o antropomorfo.

Foto 35: Bloco gravado encontrado no corte H2 no nível 20-25 cm

Foto 36: Detalhe da pátina no interior dos sulcos.

Foto: 37: Detalhe da “ferradura” próximo a fratura do suporte.

Foto 38: Detalhe da extremidade dos sulcos simples abrasonados.

Foto 39: Resgate, município de Estreito-MA, Sítio Testa Branca II, trabalho de escavação dos cortes I-1, I-2, e J-2. Nível 130-140cm.

Foto 40: Detalhe dos escaliformes do Painel 2 área B.

Foto 41: Zoomorfo, Painel 2, área B.

Foto 42: Motivo geométrico, Painel 2, área B.

Foto 43: Aglomerado de tridígitos e sulcos simples Painel 2, área B.

Foto 44: Motivo circular com decoração interna.

Foto 45: Detalhe da degradação das gravuras devido a intensa atividade dos cupins nos primeiros níveis escavados.

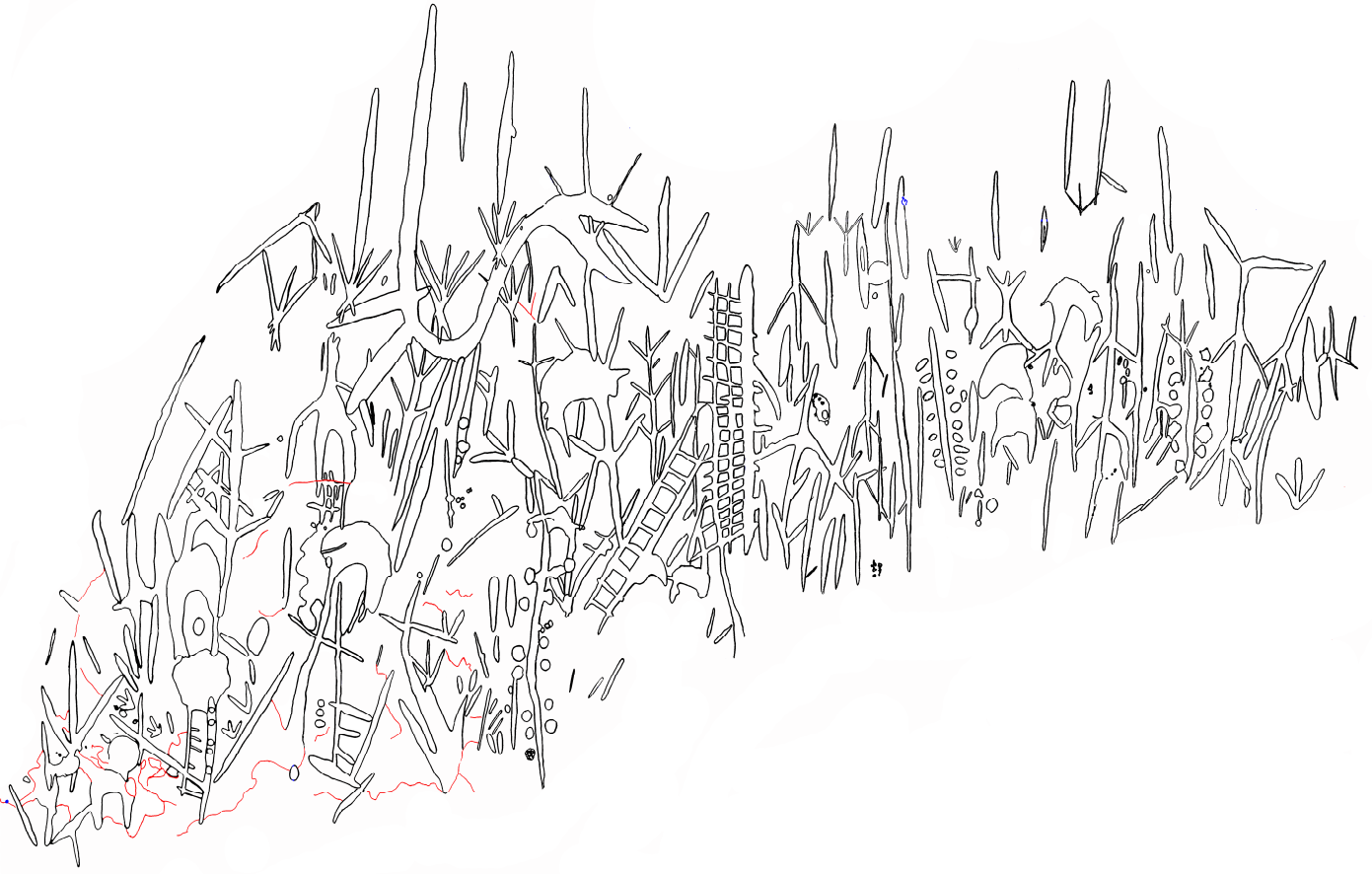
Foto 46: Detalhe da interferência antrópica recente, aplicação de pregos no suporte rochoso.

Foto 48: Aglomerado de sulcos rasos, Painel 3.

Foto 49: Fitomorfo. Painel 4, área A.

Foto 50: Antropomorfo do Painel 4 área B

Introdução



***“Sou o arenito
que o vento
molda .”***

Odir Rocha, Caminhada.

Este trabalho tratará do sítio arqueológico Testa Branca II, trabalhado no âmbito do programa SALTRESTREITO, realizado pelo NUTA, como medida compensatória da submersão da área pela Usina Hidroelétrica de Estreito-MA. Localizado na área rural do município de Estreito-MA situa-se na margem direita do Rio Tocantins, em um abrigo sob rocha arenítica da Bacia Sedimentar do Parnaíba, formação Sambaíba.

Antes do seu alagamento procedeu-se uma campanha de escavação para evidenciar as gravuras em cotas negativas, possibilitando o levantamento total do sítio além de gerar informações importantes a respeito do contexto arqueológico. Escavou-se uma trincheira com quinze cortes cada um com 2m de comprimento a fim de expor toda a base do paredão rochoso, formado pela parede direita do abrigo. Após a escavação procederam-se os trabalhos de levantamento rupestre, que resultou um total de 79 folhas de levantamento e 12 folhas de anexos, divididos em 4 painéis.

Com a finalidade de dar continuidade ao presente trabalho elaborou-se esta dissertação que fora dividida em três grandes capítulos a fim de analisar estes painéis e correlacioná-los na medida do possível aos dados da escavação, sabendo-se que esta foi finalizada há poucos meses e não possui dados conclusivos a respeito das análises laboratoriais.

O primeiro capítulo foi subdividido em quatro partes: a primeira destina-se a localizar e a caracterizar o contexto ambiental, a fim de proporcionar maiores informações a respeito do bioma Cerrado, clima e características do Rio Tocantins além de trazer um apanhado das recorrentes implantações de hidroelétricas no curso deste rio; a segunda busca introduzir o leitor aos estudos arqueológicos realizados até o momento na área limítrofe entre os estados do Tocantins e Maranhão; a terceira traz uma continuidade da segunda, com enfoque nos estudos da Arte-Rupestre nesta mesma área; a quarta e última parte encarrega-se de delimitar a área de estudo, pois apesar de saber da existência de diversos sítios nesta área foi necessário focar em apenas um sítio devido à falta de informação nesta zona e ainda a ausência de trabalhos como este na região.

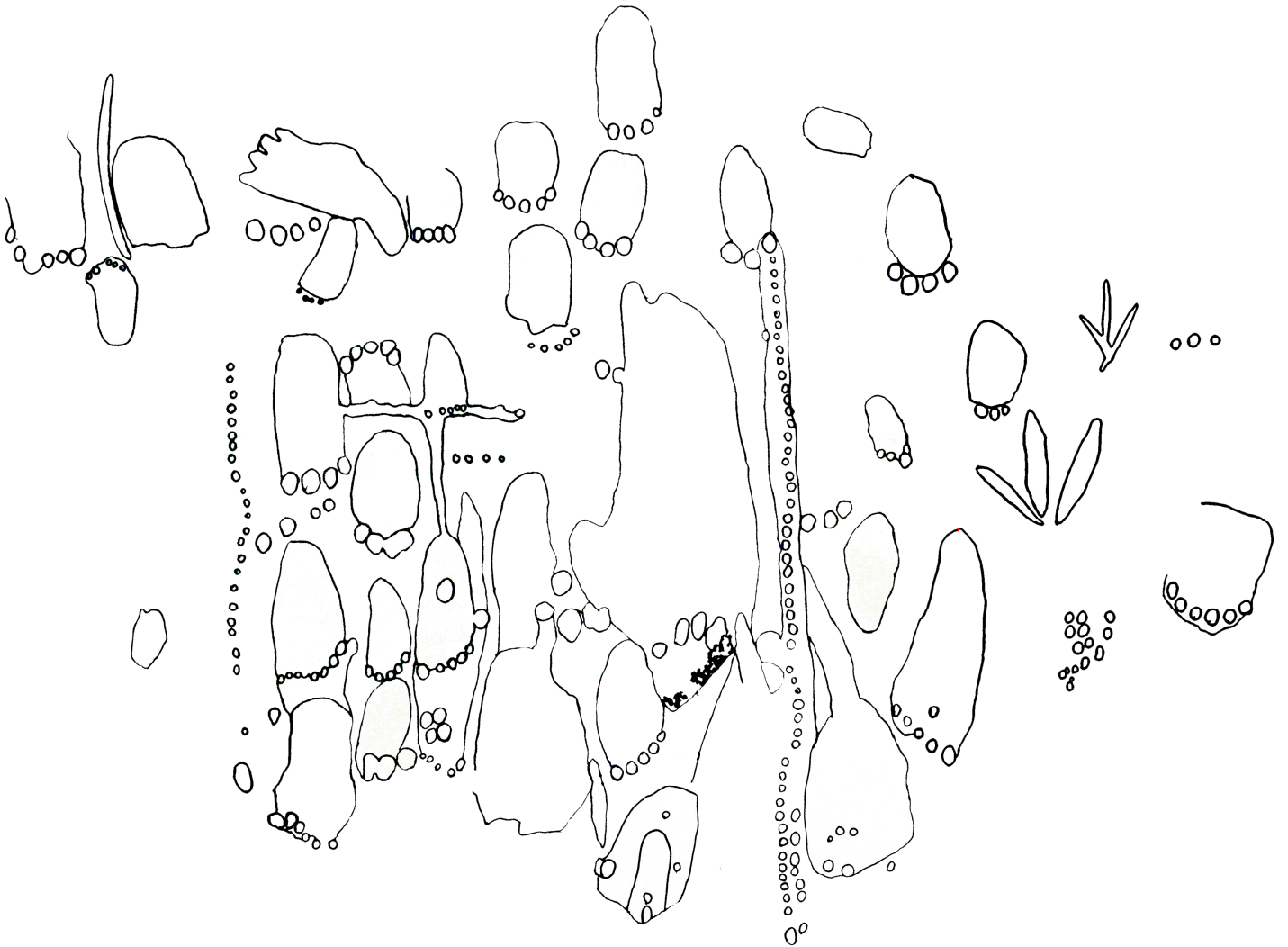
Os pressupostos teóricos e metodológicos foram descritos no segundo capítulo, sendo este subdividido em três partes: a primeira descreve os trabalhos de campo para o levantamento rupestre e os processos laboratoriais para a digitalização e armazenamento destas informações; a segunda apresenta os processos analíticos aplicados por meio da Arqueologia Rupestre, metodologia que trata a Arte-Rupestre de forma diferenciada

vinculando-a ao contexto arqueológico e utilizando esta como fonte de informação arqueológica; a terceira e última parte traz um ensaio da junção da Arqueologia Rupestre a uma antiga forma de analisar a Arte-Rupestre, por meio da semiótica.

O último capítulo trata exclusivamente do sítio Testa Branca II, para isto foi dividido em três partes. As informações da escavação com a descrição dos trabalhos realizados e escolhas para melhor aproveitamento destas informações constam na primeira parte a descrição das características do contexto arqueológico da segunda parte, onde, sabendo que este está em processo de análise considerou-se as generalizações obtidas durante as escavações; e a abordagem das gravuras rupestres; na última parte houve uma subdivisão em cinco partes, pois cada painel foi descrito e analisado individualmente e em seguida foi elaborada uma análise global que buscou relacionar as análises segmentadas em cada painel às evidências do contexto arqueológico, o que induz a conclusões significativas da associação destas informações.

Por fim constam as considerações finais tendo em vista que a conclusão deste trabalho demanda mais tempo de investigação, devido à necessidade de maior amplitude de análise laboratorial para conclusões finais.

1. Caracterização e contextualização



*“Nem tudo
Que é torto
É errado*

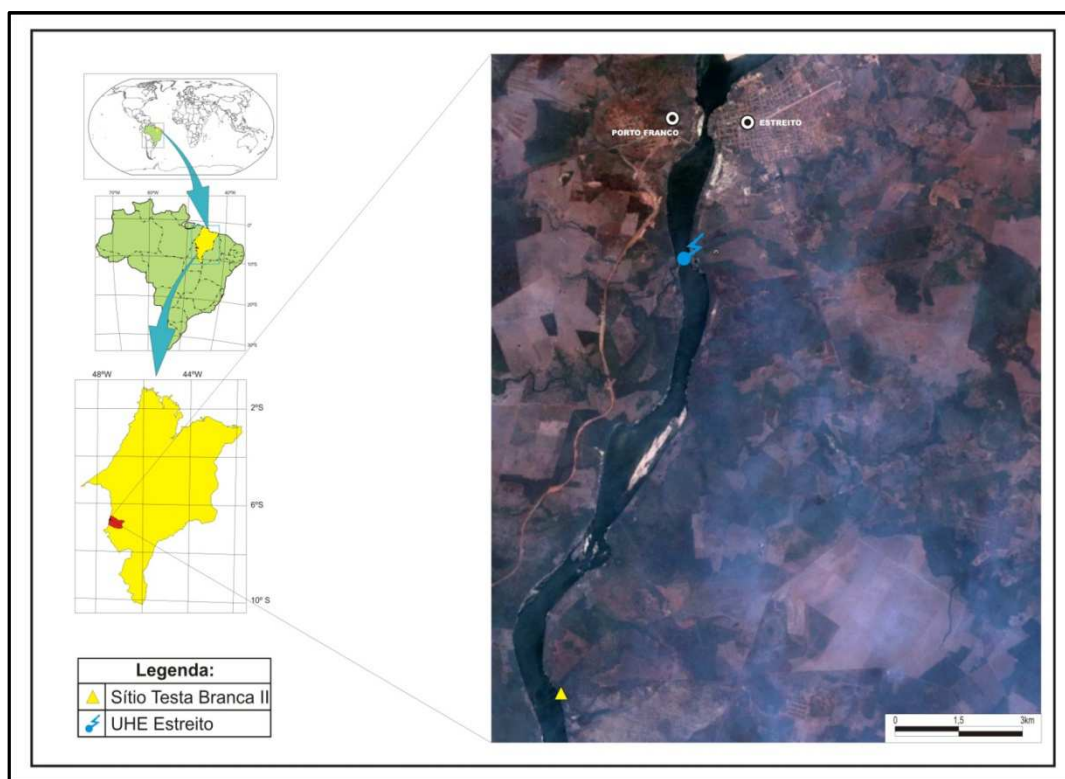
*Vide pernas
Do Garrincha
E as árvores
Do cerrado.”*

Nikolaus Von Behr, sem título.

1.1 Localização e aspectos ambientais.

A área delimitada para esta pesquisa encontra-se na zona rural do município de Estreito, estado do Maranhão fronteira com o estado do Tocantins, limite estabelecido pelo Rio Tocantins. O sítio se localiza a margem direita do rio, na porção mediana de seu vale (Mapa 1).

O Rio Tocantins recebe este nome devido à forma curva da sua confluência com o Rio Araguaia, seu maior afluente, em Tupi¹ *Tukan* significa Tucano (*Ramphastidae*) e *Tin*, bico logo *Tukantin* em português tornar-se-ia Bico de Tucano. Com o passar do tempo e a dinâmica lingüística o Tukantin adaptou-se para o Tocantins, e hoje sua confluência é chamada de Bico do Papagaio (*Psittacidae*). Lysias Rodrigues, afirma que este rio auferiu outros nomes, sendo Tocantins o mais popular devido à fama dos temidos índios Tocantins quando estes habitavam as margens deste rio. (Rodrigues, 2001:39).



Mapa 1: Localização do sítio testa Branca II. Autor: Saulo Rocha.

O Rio Tocantins nasce no estado de Goiás na confluência dos rios Almas e Maranhão, no Planalto Goiano na Serra Dourada, percorrendo 2.640km se adentrando em sentido sul-norte nos estados do Tocantins, Maranhão até sua foz na Bahia de Marajó no estado do Pará, seu estuário chega a 23 km de largura.

¹ Tupi é o maior tronco lingüístico indígena do Brasil.

Até chegar a sua foz o rio recebe diversos cursos d'água de pequeno porte, médio porte, córregos perenes e intermitentes, formando uma complexa e densa rede de drenagem (Mapa 2).

Desta forma o rio Tocantins foi dividido em três áreas.

Alto Tocantins: da sua nascente no estado de Goiás, até a cachoeira do Lajeado no estado do Tocantins, próximo a capital, Palmas. Este trecho corresponde a uma extensão de 1.060 km, com um desnível de 925m.

Médio Tocantins: estende 980 km entre as cachoeiras do Lajeado e do Itaboca, com desnível de 149m, percorrendo na sua maioria terras do estado do Tocantins, desenvolvendo bancos de areia e ilhas, formando um traçado sinuoso.

Baixo Tocantins: menor porção do rio segue da cachoeira do Itaboca até a sua foz, na Bahia do Marajó, com 360 km 26m de desnível. (Castro, 2009:20)

Na área de extensão do Rio Tocantins observa-se diversas morfologias fluviais de canais com zonas anastomosadas, meandriformes e retilíneas (Fig. 1).

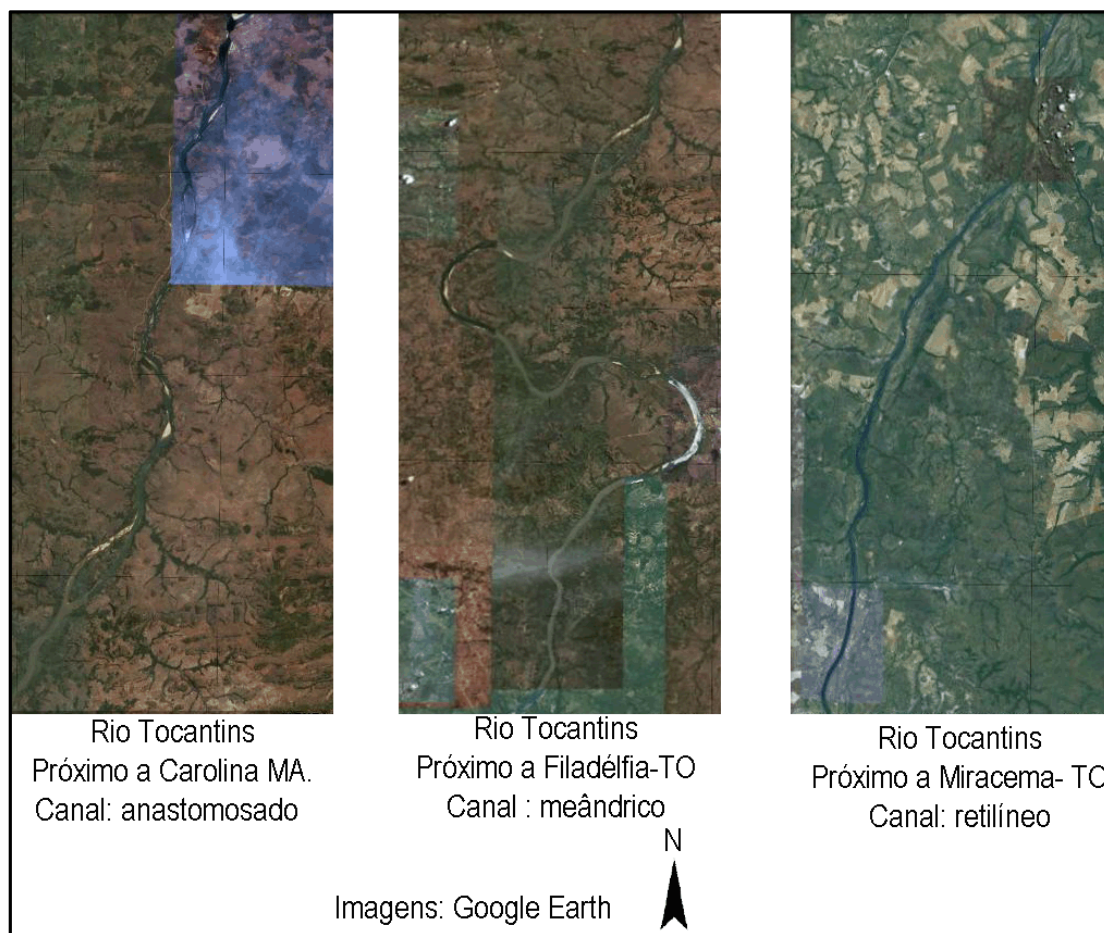
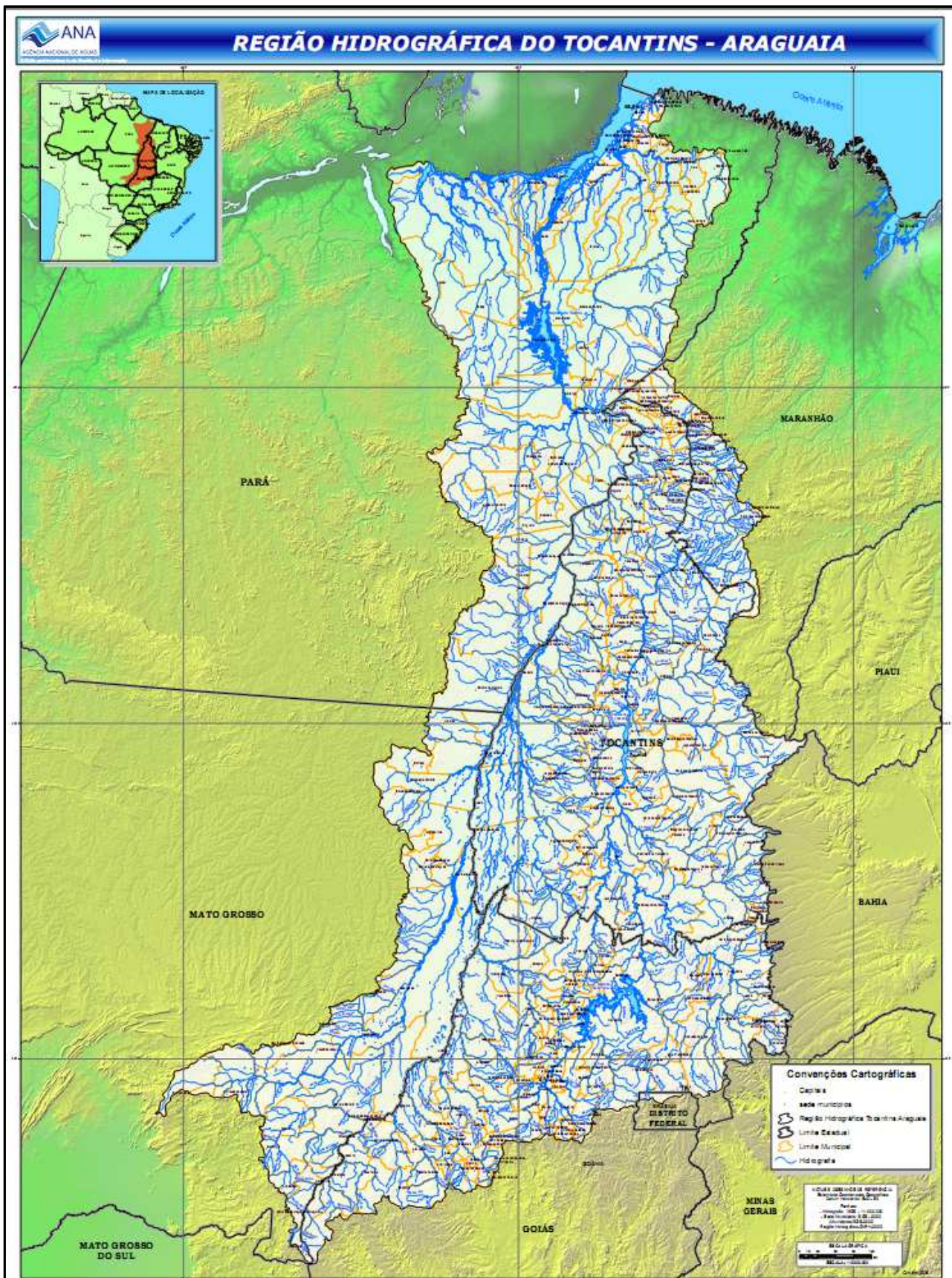


Figura 1: Exemplos de morfologias de canais no Rio Tocantins. Autor: Ariana Braga.



Mapa 2: Mapa de localização da bacia hidrográfica Tocantins - Araguaia. Fonte: ANA - Agência Nacional de Águas.

<http://www.ana.gov.br/bibliotecavirtual/pesquisaSimples.asp?critério=tocantins+araguaia&categoria=11&NovaPagina=1&pesquisar=Pesquisar> Acedido em: 03/08/2011

Essa variedade agregada ao desnível do relevo gera áreas com correntes turbulentas, tendo uma grande carga energética e também zonas de remanso, onde ocorre acumulação de sedimentos.

A sua navegação é complexa, pois seu leito possui amplos bancos de areia nos períodos de baixos índices pluviométricos além das grandes áreas de “corredeira” com inúmeros afloramentos rochosos de diferentes características, indo do arenito ao granito.

Observa-se que esta paisagem de “corredeira” vem sendo gradativamente sucumbida pelas grandes hidroelétricas implantadas ao longo da história no Rio Tocantins, tirando sua força e suas principais características, contribuindo para a extinção de elementos faunísticos e florísticos e aniquilando grande parte do patrimônio arqueológico além de afogar a memória de centenas de famílias.

Estas transformações ambientais são escolhas governamentais iniciadas com a implantação do estado novo, com a criação da “Marcha para o Oeste” *“slogan, criado pelo governo Vargas, no final dos anos 30, para divulgar seu programa de colonização dirigida”* (Poncian, 2001:95) esta ação tinha como objetivo povoar as áreas brasileiras com pouca densidade populacional.

Este processo de crescimento acelerado e descontrolado da região do centro-norte do Brasil provocou grandes transformações no Rio Tocantins e continua gerando grandes impactos, devido empreendimentos de pequeno e grande porte implantados na região oriundos de fundos governamentais e particulares, como a implantação de grandes usinas hidroelétricas além da implantação das dragas para extração areia.

As hidrelétricas de maior porte neste rio são as de Tucuruí (PA), de Serra da Mesa (GO), de Lajeado (TO) e de Cana Brava (GO) e a recém edificada de Estreito (MA-TO). Entretanto segundo a Agência Nacional de Águas e o Banco Interamericano de Desenvolvimento, estão previstas para a bacia Tocantins-Araguaia cerca de 50 barragens de pequeno, médio e grande porte.

A usina de Tucuruí foi inaugurada no ano de 1984 e produz o equivalente a 3.960MW, cujo empreendimento inundou 285 mil hectares de floresta amazônica das áreas municipais de Itupiranga, Tucuruí e Jacundá. Seu lago possui 270 quilômetros de extensão e 10 de largura.

A hidroelétrica de Serra da Mesa instalada em 1998, no município de Minaçu – GO tem capacidade de gerar 1.275MW, como consequência de tal potencialidade foi inundada uma área de 1.784 km² com extensão de aproximadamente 200 km por 70 km,

sendo hoje um dos maiores reservatórios de água do país com um volume de água, com 54,4 bilhões de m³², um verdadeiro mar doce.

A hidrelétrica de Lajeado, nomeada Luís Eduardo Magalhães, teve suas comportas inauguradas em 2001, localiza-se entre os municípios de Lajeado e Miracema do Tocantins e produz 850MW. Produz 6,5 vezes mais energia consumida no Estado do Tocantins, onde está implantada. Seu reservatório ocupa uma área de 630 km² o equivalente a 63 mil hectares, tendo 170 km de extensão, resultando na inundação de parte dos municípios de Miracema, Lajeado, Palmas, Porto Nacional, Brejinho de Nazaré e Ipueiras.

Cana Brava, foi inaugurada em 2002 tem potencial de 450MW, está instalada entre os municípios de Minaçu, Cavalcante e Colinas do Sul, para sua implantação inundou 139 km², possui um volume de água de 2,3 quilômetros cúbicos com a capacidade máxima de vazão chega a 17,8 mil metros cúbicos por segundo.

A de Estreito (Foto 1) está localizada entre os municípios de Aguiarnópolis - TO e Estreito - MA, distância 855 km da foz com capacidade de 1.087 MW, seu reservatório terá extensão de 260,23 Km com a capacidade de 5.400x10⁶m³ com uma área inundada de 400km² interferindo diretamente nos municípios de Estreito e Carolina no Maranhão e Aguiarnópolis, Babaçulândia, Barra do Ouro, Darcinópolis, Filadélfia, Goiatins, Itapiratins, Palmeirante, Palmeiras do Tocantins, Tupiratins no Tocantins³. Contribui para o agravamento dos problemas sociais para os 12 municípios impactados diretamente, sabendo que estes são em sua grande maioria carentes e que já sofriam com a miséria, mas que computavam com a riqueza do rio para contribuir com a renda e o sustento das famílias ribeirinhas, as quais passarão a ter dificuldades de sobrevivência com a transformação ríspida da paisagem e a especulação imobiliária agregada a margem do reservatório deste porte, tornando o acesso à água cada vez mais difícil e privado.

É no âmbito dos estudos de impacto ambiental desta barragem que foi elaborado este projeto tendo em vista que o sítio trabalhado está hoje debaixo das águas deste reservatório.

² Dados retirados do site da Furnas, empresa responsável pela usina : http://www.furnas.com.br/hotsites/sistemafurnas/usina_hidr_serramesa.asp acessado em 02/05/2011.

³ Dados da CESTE, responsável pela UHE, <http://www.uhe-estreito.com.br>, acessado em 02/05/2011.



Foto 1: Processo de edificação da barragem da UHE - Estreito. Fonte: <http://www.uhe-estreiro.com.br>, acessado em 02/05/2011

Historicamente o Rio Tocantins, mesmo com a dificuldade de navegação nas suas águas turbulentas interrompidas por grandes cascatas, foi o principal itinerário de ocupação colonial do centro do Brasil, interligando a porção norte com o centro-sul do país, acredita-se que este antes da ocupação colonial já havia esta função, servindo como corredor migratório dos povos pré-coloniais do interior a costa e vice-versa.

Os tributários do Rio Tocantins formam vales de riqueza inestimável para manutenção do cerrado e onde em geral os animais de grande porte matam sua sede, além de ter pesca abundante e proporcionar inúmeras áreas de cultivo, as várzeas. Acredita-se que nos vales dos rios tributários, de menor porte se fixavam boa parte das comunidades pré - coloniais devido à fartura de caça, pesca e coleta, além da disponibilidade de água potável em abundância.

O cerrado é citado na literatura como oréades, províncias dos cerrados ou ainda como domínio dos cerrados⁴. Neste domínio, prepondera o bioma⁵ cerrado, todavia pode-se observar outros tipos de bioma neste grande e diversificado domínio, pois este é “extremamente abrangente, englobando ecossistemas os mais variados, sejam eles terrestres, paludosos, lacustres, fluviais de pequenas ou grandes altitudes etc.” (Coutinho, 2002:78).

Na área trabalhada predomina-se o Bioma dos Cerrados, caracterizado pelo seu clima tropical sub-úmido (Foto 2), contendo dois períodos bem distintos um chuvoso que compreende os meses de Outubro a Abril, sendo Janeiro o mês de maior registro pluviométrico do ano e outro seco (Foto 3) durante os meses de Maio a Setembro, sendo Agosto o mês mais seco do ano com índices baixos de umidade relativa do ar. Estas

⁴ Denominação esta utilizada para este trabalho por se tratar da mais difundida e conhecida pela população em geral.

⁵ O bioma cerrado seria exclusivamente terrestre.

divisões entre as estações secas e úmidas são denominadas pelos moradores locais de Inverno e Verão, respectivamente. O clima resulta em duas paisagens distintas: um panorama verde em tempos de chuva e outro cinzento em tempos de seca, quando as árvores perdem suas folhas e inicia a época das queimadas (FULBRA, 2006:7)

Este ciclo é descrito por Barbosa com muito entusiasmo relatando que:

“Há um estrato gramíneo que sustenta uma fauna de herbívoros durante boa parte do ano enquanto não está seco. A sequia acontece no exato momento em que aparecem as flores, que, em grande parte, numa determinada época substituem como alimento as pastagens. O final das floradas coincide com o início da estação chuvosa, fazendo rebrotar os pastos secos e ainda brindando com a maturação de várias espécies frutíferas. Acompanhando os herbívoros, animais de outros hábitos formam uma complexa cadeia. Em termos vegetais, este sistema é complexo e nunca pode ser entendido como uma unidade.”(Barbosa, 2002:143)



Foto 2: Vista do rio Tocantins a partir do ponto 02 do relatório do EIA-RIMA, município de Estreito- MA. Período úmido. Autor: Marcelo Ribeiro. Acervo: UNITINS/NUTA.

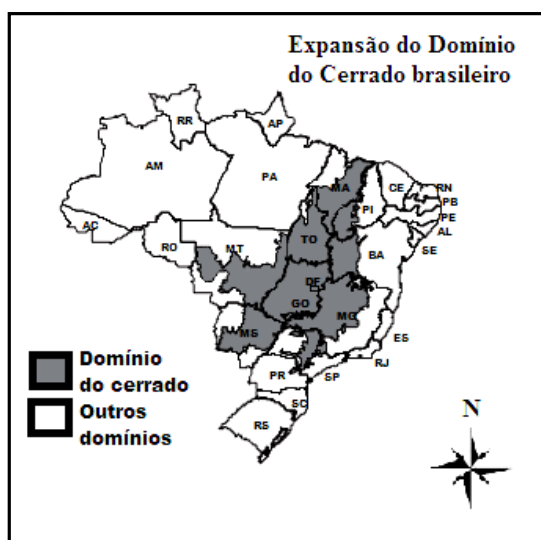


Foto 3: Paisagem comum nos meses de agosto e setembro. Estrada de acesso ao sítio arqueológico Testa Branca II, município de Estreito- MA. Período de seca. Autor: Ariana Braga. Acervo: UNITINS/NUTA.

No domínio do cerrado (Mapa 3) nota-se a ocorrência de suas várias vertentes de bioma. Observam-se paisagens de campo com chapadões e campinas; de cerrado intercalando árvores de pequeno porte e galhos retorcidos com estrato de gramíneas; o cerradão que é semelhante ao cerrado, entretanto com árvores maiores e mais espaçadas com menos estratos gramíneos e solos mais férteis; de matas que surgem em manchas de solo mais férteis; de matas ciliares nas cabeceiras dos rios e córregos seguindo suas margens em geral em estreitas faixas variando de largura dependendo das condições ambientais, podendo se propagar e formar bosques, ou até mesmo desaparecer; e de veredas caracterizadas por ambientes alagadiços onde predominam os buritis geralmente estendendo-se em toda área alagadiça, nas suas proximidades há estratos de gramíneas esverdeadas durante todo o ano (Barbosa, 2002).

O cerrado foi e é um ambiente com potencial elevado de recursos animais, e vegetais para as populações preterias, coloniais e atuais, possui grande quantidade de recursos⁶ vegetais utilizados pelas comunidades tradicionais, tanto para alimentação quanto para as práticas medicinais e rituais e ainda para a caça e a pesca. Além de recursos animais de pequeno e grande porte desde mamíferos, répteis, aves e peixes, além de insetos de grande importância para alguns grupos, como as abelhas.

A área de estudo está em uma fração do domínio do cerrado denominada por cerrados marginais por estarem “nas margens do espaço geográfico ocupados pelos cerrados do Brasil” (Castro *et al*, 2007:274). Este cerrado encontra-se na região centro-sudeste do Maranhão e sul do Piauí. Entretanto podemos observar zonas no centro da área dos cerrados com características semelhantes, denominadas por áreas de transição.



Mapa 3. Mapa de localização do Domínio do Cerrado brasileiro. Mapa adaptado pelo autor. Fonte: Castro *et al*, 2007.

⁶ Entende-se por recurso “elementos que os diversos subsistemas deste sistema oferecem às populações humanas de economia simples, permitindo-lhes a sobrevivência e os mecanismos de planejamento e comportamento ambiental, social e tecnológico” (Barbosa, 2002:146)

Os cerrados marginais encontram-se no nordeste brasileiro em uma faixa “estimada de 21.656.866ha, o que corresponde a cerca de 14% da área total da Região Nordeste, ou a cerca de 10,8% da área total do cerrado *sensu lato* brasileiro” (Castro *et al*, 2007:273). A grande diferença deste cerrado marginal é sua flora, pois esta se apresenta empobrecida em relação à área central do cerrado, entretanto ela é acrescida de elementos florísticos provenientes de outros domínios circunvizinhos como a caatinga. (Rizzini, 1963).

A área delimitada encontra-se atualmente no que condicionamos como cerrados marginais, entretanto em período pré-histórico sabemos que esta região era mais densa do ponto de vista florístico, pois estudos paleoecológicos mostram-nos que o cerrado atual não teria as mesmas proporções no Pleistoceno Superior e Holoceno Inicial, este se adentraria na atual Amazônia e boa parte da Caatinga (Barbosa, 2002)

A região do médio rio Tocantins está na Plataforma Sul-Americana, teve seu embasamento datado entre o Arqueano e o Paleozóico superior. Este embasamento foi consolidado sob rochas metamórficas, os granulitos, granitóides e anfibolitos do Arqueano e os xistos-verdes e as coberturas sedimentares e vulcânicas do Proterozóico superior.

Este embasamento é exposto em três escudos, o da Guiana, o Atlântico e o do Brasil Central. Estes escudos estão separados por coberturas sedimentares e vulcânicas estas bacias intercratônicas estão em áreas negativas sendo zonas de deposição e são denominadas Bacias Sedimentares do Amazonas, do Paraná e do Parnaíba, sendo que esta última bacia cobre a área desta investigação.

A Bacia Sedimentar do Parnaíba, também conhecida pelos nomes de bacia do maranhão e do meio norte, abrange quase todo o território dos estados do Maranhão e Piauí, estendendo-se até o nordeste do estado do Pará, ao centro-norte do Estado do Tocantins e parte oeste do Estado do Ceará. Segundo Brito, recobre aproximadamente 600.000 km² (Brito, 1981). Esta bacia possui características do Paleozóico, entretanto encontram-se depósitos Mesozóicos e Cenozóicos, ambos com espessura e abrangência territorial de pequeno porte. (Silva, Alves e Candeiro, 2010: 67).

Sua seqüência cretácea é composta pelas formações Codó e Sardinha. As formações Pastos Bons, Corda e Mosquito são do Jurássico. Na seqüência triássica encontram-se as formações Sambaíba e Motuca. O Permiano é formado pela Pedra de Fogo. No Carbonífero encontram-se as formações Piauí e Poti. No Devoniano estão as formações Cabeças, Pimenteiras e Longá. O Siluro-Devoniano é formado pela Serra Grande.

1.2 Estudos arqueológicos no extremo norte do Tocantins e sul do Maranhão: da escassez bibliográfica a potencialidade dos sítios.

As pesquisas arqueológicas nesta faixa de fronteira entre os estados do Tocantins e Maranhão são poucas havendo relatos de investigadores de outras áreas do conhecimento e relatórios de intervenção emergencial. Do ponto de vista acadêmico são raros os trabalhos desenvolvidos.

Em território maranhense inicia-se o interesse ao estudo arqueológico a partir das obras pioneiras de Raimundo Lopes, geógrafo e pesquisador do Museu Nacional, que resumiu seus trabalhos em *O Torrão Maranhense* no ano de 1916. O mesmo em 1924 publicou um novo título, *Civilizações Lacustres do Maranhão*, onde descrevera sítios arqueológicos na baixada maranhense em esteios conhecidas como estearias e sambaquis no litoral deste estado.

José Silvestre Fernandes, maranhense e Consultor Técnico do Diretório regional de Geografia, publicou em 1950 uma obra intitulada *Os sambaquis do Nordeste*, onde faz referencia três sambaquis no Maranhão, os materiais coletados em seus trabalhos também tiveram como destino o Museu Nacional. (Bandeira, 2006:24).

No ano de 1971, com o patrocínio do Museu Paraense Emílio Goeldi e apoio do IPHAN, deu-se início ao Projeto São Luiz, tendo objetivo de analisar comparativamente e correlacionar os sambaquis da Ilha de São Luiz com os do litoral do Pará e do leste do Brasil (Bandeira, 2006: 26).

Em 1989, Olavo Correia Lima, professor da Universidade Federal do Maranhão (Carneiro e Gaspar, 2005: 12), médico e antropólogo (Bandeira, 2006: 25) publica o primeiro exemplar destinado à pré-história da região, cuja obra se intitula *Pré-História Maranhense*, além de publicar uma série de artigos na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, a respeito de cavidades com Arte-Rupestre (Lima, 1985 e 1986).

Em 2001 e 2003 o estado ganha dois estudos monográficos, o primeiro por Saldanha, *Um Estudo Sobre a Arqueologia Pré-Histórica no Maranhão*. O segundo um mapeamento da Arte-Rupestre maranhense elaborado por Bandeira, nomeado *Um panorama sobre os registros rupestres no Estado do Maranhão*.

No maranhão além da escassez bibliográfica, constata-se que há uma preferência dos investigadores pelos sambaquis e estearias, desenvolvendo-se grande parte das

pesquisas visando à faixa litorânea. Em se tratando do interior e ainda mais ao sul na zona mais afastada da capital, São Luiz, depara-se com uma produção bibliográfica sem qualquer dado conclusivo. Dispondo-se para estudo somente descrições superficiais de alguns sítios, oriundas de relatórios efetuados pela ação da arqueologia contratual que não assume postura científica e se limita a documentar, resgatar e salvaguardar o material arqueológico, excetuando raras exceções e matérias jornalísticas que descrevem os trabalhos do CPHNAMA.

No Estado do Tocantins observa-se a concentração das pesquisas arqueológicas nas proximidades da capital, Palmas e nas proximidades da divisa com o Estado de Goiás, sendo que o norte Tocantinense sofre com a mesma escassez de informação do Estado do Maranhão.

Há registros de dados de investigadores no Tocantins a partir de 1984, quando fora empreendida uma investigação da equipe do Instituto Anchietano de Pesquisas, coordenados por Shmitz, na região centro-sul do estado. A súmula destes trabalhos está em: *Arte Rupestre no Centro do Brasil: Pinturas e gravuras da pré-história de Goiás⁷ e oeste da Bahia*. Este livro traz informações de um abrigo com gravuras rupestres seguidas de pintura no município de Monte do Carmo e cita superficialmente a presença de um sítio nas “*imediações de Porto Nacional, beira do Tocantins⁸*” (Schmitz et al, 1984: 24) sem maiores detalhes.

O abrigo do município de Monte do Carmo teve sua ocupação

“de 4.000 anos, provavelmente, até a poucos séculos atrás. O abrigo era usado para sepultamento dos mortos. No começo e no fim eles eram deitados de costas, estendidas, em covas rasas, muitas vezes cobertas com pedras. No período do meio traziam para ali os restos descarnados de mortos que antes teriam sido sepultados em outro lugar; os ossos aparecem ora incompletos e dispersos, ora arrumados em pequenos pacotes, como se tivessem sido ordenados e amarrados para transporte. (Schmitz et al., 1984:24).

Também voltada ao centro do estado houve um grande projeto nas proximidades do município de Lajeado, como medida mitigatória da construção da barragem da Usina Hidroelétrica do Lajeado. Este projeto teve um contributo extremamente significativo para a arqueologia tocantinense em especial o centro, pois os sítios foram trabalhados por Morales em perspectiva regional e foi publicada a seguinte obra: *Brasil Central: 12.000 anos de ocupação no médio curso do rio Tocantins, TO* (Morales, 2008), elem desta publicação houve uma série de dissertações e teses como a dissertação de Berra, *A Arte Rupestre na Serra do Lajeado, Tocantins*, defendido em 2003 e a tese de doutorado

⁷ Sabendo que o território do estado do Tocantins fazia parte de Goiás, alcançando a autonomia em 1988.

⁸ Sabendo que este provavelmente foi submerso sem ser documentado pelo reservatório da U.H de Lajeado.

de Bueno, intitulada *Variabilidade Tecnológica nos sítios líticos da região do Lajeado, médio rio Tocantins* apresentada em 2005.

Os trabalhos de investigação elencados foram voltados para o centro do estado, como no Maranhão o Tocantins não possui dados conclusivos para a região do extremo-norte.

A Resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), com a resolução de nº 1 publicada em 23 de Janeiro de 1986, que estabelece diretrizes gerais para a avaliação do impacto ambiental, incluindo neste o patrimônio arqueológico, contribuiu consideravelmente para o aumento dos trabalhos arqueológicos mitigatórios, gerando grandes trabalhos de arqueologia emergencial, pois há centenas de sítios arqueológicos impactados por grandes empreendimentos governamentais e privados nesta zona. Devido esta resolução os sítios são resgatados e tem seu material salvaguardado, por instituições competentes.

No âmbito de pesquisas contratuais o Núcleo Tocantinense de Arqueologia (NUTA), tem interferido consideravelmente em território sul - maranhense e extremo norte - tocantinense, área esta que até então não recebera outro tipo de investigação que não fora de compensação ambiental. Os grandes projetos realizados por esta instituição nesta área foram os projetos descritos a seguir.

Projeto de Salvamento Arqueológico no Trecho da Linha de Transmissão de Imperatriz/MA à Miracema do Tocantins/TO, Interligação Norte/Sul (SALTMINS). O projeto foi iniciado em 1998 com o objetivo de resgatar os sítios arqueológicos na faixa de implantação das torres da linha de transmissão entre os municípios de Imperatriz-MA a Miracema do Tocantins- TO, foram resgatados 26 sítios arqueológicos neste trecho, entretanto

“frente ao total de recursos orçados à disposição e o tempo disponível para o resgate, optou-se por efetuar os salvamentos em sítios selecionados entre todos aqueles cadastrados no Instituto do Patrimônio Histórico e artístico Nacional- IPHAN durante o levantamento aos quais se somaram outros localizados pela nossa equipe” (Dias et al, 2004: 6)

Com relação ao material cerâmico o projeto, coletou 2.655 cacos do sul do Maranhão ao centro do Tocantins, este material mostrou,

“uma variação de 134 tipos de tempero agrupados em seis padrões. A combinação de Cariapé com Cauxi predomina em mais da metade do material (51,14%), seguindo do Cariapé com variáveis sem Cauxi, em mais 34,81%. Os temperos amazônicos ainda crescem mais 1,48% se incluirmos os fragmentos de vasilhas com Cauxi sem Cariapé. Totalizam, pois, 87,48% do total. Os chamados “temperos locais” ocorrem no restante do material, destacando-se o quartzo moído, com 10,50%. O material decorado é quase inexistente, reduzido a uma peça Excisa, uma Raspada, uma com Banho Vermelho e outra com Engobo Vermelho.” (Dias et al, 2006: 221-222)

Com relação ao material lítico na porção extremo norte do Tocantins e sul do Maranhão, temos os seguintes sítios:

O sítio Lontra II no município de Araguaína-TO, teve coleta de 22 peças coletadas 3 em virtude do levantamento e as outras devido o resgate. O material se resume em lascas semicorticais, microlascas e estilhas a matéria prima utilizada foi o sílex em maior quantidade seguido do quartzo e em menor quantidade o arenito silicificado. O sítio teve uma datação de 2.080 +/- 70 b.p.(Beta 129032) (Dias et al, 2004: 62)

O sítio lítico Dantas em Bananal-MA, mostrou material lítico desde a superfície até 160 cm, com maior quantidade de material na porção central da estratigrafia. Observou-se um número considerável de “lascas, microlascas e artefatos, inclusive uma lâmina de machado polido” (Dias *et al*, 2006: 233) com predominância das seguintes matérias primas: o sílex, o quartzo e o arenito silicificado.

No município de Darcinópolis- TO foi encontrado o sítio Mangaba (Torre 387/388) que teve 30 peças coletadas em superfície no âmbito do levantamento sendo estas lascas corticais e semicorticais, lascas preparadas, lascas retocadas, núcleos, lasca com sinais de esmagamento e uma ponta de projétil em calcedônia. Este material foi elaborado em arenito silicificado, sílex, calcedônia e outros (Dias *et al*, 2004: 67). Durante o resgate foram coletadas 324 peças todas em superfície, dividida em quatro áreas de coleta. Seu material é “bem elaborados, sobre bloco e sobre lasca todo ele em arenito silicificado (...) apresentou uma ponta de projétil em calcedônia” (Dias *et al*, 2006: 233)

Na torre 331, foi localizado o sítio Xupé, no município de Arguanópolis-TO, o NUTA resgatou 26 peças em superfície sendo 1 lasca cortical, 8 semicorticais, 1 preparada, 1 retocada e 11 fragmentos. A matéria prima foi o arenito silicificado e o sílex.

Sítio de nome homônimo ao município Estreito- MA foram resgatadas 257 peças advindas de três áreas de coleta de superfície e quatro cortes, entretanto teve boa parte do material descartado, pois só pode ser “classificadas em cinco lascas corticais, nove semicorticais, duas preparadas e oito microlascas” (Dias *et al*, 2004: 77) .

No Maranhão, o sítio lítico Pantanal apresentou material entre os níveis 60-70 cm a 190-200 cm, com grande quantidade de lascas de matérias primas variada: arenito silicificado, quartzo e sílex. No nível 175-180 cm, obteve-se uma datação de 8.680+/-

60 BP (Beta121323) ⁹, entretanto mesmo que sua “cronologia seja muito recuada, a tipologia do material é mais próxima daquilo que se conhece como tradição Serranópolis” (Dias *et al*, 2006: 235).

O sítio Jambu, no município de João Lisboa- MA, foram escavados 3 cortes com profundidade máxima de 30/40 cm, resultando na coleta de 514 peças, sendo 509 lascas e 3 núcleos. A matéria prima varia em quartzito, quartzo e arenito silicificado.

O Projeto de Salvamento Arqueológico na Linha de Transmissão Norte/Sul II, Trecho Samambaia/DF à Imperatriz/MA (SALTTINS), também executado no contexto da linha de transmissão teve seu trecho C inserido na mesma área de estudo desta pesquisa, saindo do norte do Tocantins e adentrando ao sul do Maranhão, identificando 18 sítios arqueológicos. A coleta de material cerâmico deste projeto constata que

“o que já pode ser avaliado, indica a possibilidade da existência de múltiplas relações e influências atuando sobre a área de pesquisada, tanto oriundas do leste e do sul, quanto do oeste amazônico (e também no norte, caso se comprovem os vínculos com o Tupi do Maranhão)” (Dias *et al*, 2006: 224).

Mais ao centro do Maranhão foi efetuado o Projeto de Levantamento e Salvamento Arqueológico na extensão da área a ser implantada a Linha de Transmissão 230 Kw, Trecho Presidente Dutra a Peritoró no Estado do Maranhão (SALTMAR), que identificou 12 sítios sabendo que 7 foram sítios líticos, 3 cerâmicos e 2 litocerâmicos.

O Programa de Salvamento e Monitoramento do Patrimônio Histórico, Cultural, Paisagístico e Arqueológico, na extensão do traçado do eixo da Ferrovia Norte/Sul (SALTFENS), trouxe dados importantes para a arqueologia do sul do Maranhão, pois encontrou dezenas de sítios nesta área. O sítio selecionado para esta investigação fora encontrado no âmbito deste projeto, mas por se tratar da área de impacto indireto, não fora trabalhado no âmbito deste empreendimento.

Os resultados deste programa são de grande relevância para esta investigação tendo em vista que este foi realizado em território maranhense nas proximidades do Rio Tocantins. Com relação ao material cerâmico foi possível concluir que se localiza em

“área muito mais próxima ao curso do rio Tocantins, os dados já analisados do Programa SALTFENS indicam outra realidade, sobretudo porque se centralizaram, por enquanto, no sítio com cerâmica policroma. Este material tanto poderá ser um dia vinculado ao grupo Tupi do Maranhão, quanto à Tradição amazônica propriamente dita, quando dispusermos de mais dados comparativos” (Dias *et al*, 2006: 222).

⁹ Datação feita pelo Dr. Eurico Miller “ por ocasião do levantamento. Submetida pela Dra. Betty Meggers, do Smithsonian Institution de Washington” (Dias *et al*, 2006: 221-235)

O Levantamento e Salvamento Arqueológico, Cultural, Histórico e paisagístico da Usina Hidroelétrica de Estreito (SALTESTREITO), trabalhou frente aos municípios de Estreito e Carolina, no Maranhão e Aguiarnópolis, Darcinópolis, Babaçulândia, Filadélfia, Goiatins, Barra do Ouro, Itapiratins, Palmeirante, Palmeiras do Tocantins e Tupiratins no Tocantins. O projeto teve o objetivo de levantar, monitorar e resgatar os sítios arqueológicos descobertos na área de abrangência do canteiro de obras da barragem e da área de inundação pelo reservatório além das áreas impactadas indiretamente, tendo sido trabalhado até o momento 64 sítios. É no âmbito deste projeto, na etapa de resgate que se enquadrou e estruturou a pesquisa de campo desta tese, visto que o sítio trabalhado fora inundado pelo citado reservatório.

A dicotomia das informações arqueológicas no Brasil proporciona grandes vazios de conhecimento a respeito da nossa pré-história, tendo regiões muito exploradas com uma gama de pesquisas e investigadores considerável, como no Piauí, Minas Gerais e Mato Grosso e outras várças praticamente maculadas como o caso do Tocantins e do Maranhão, regiões com potencial para a compreensão do processo de ocupação de duas regiões importantes como o sudeste do Piauí e a Amazônia tendo em vista os:

“sítios piauienses com datações que possivelmente recuarão até 32.000 anos de antiguidade, aliada ao fato que a arqueóloga Anna Roosevelt obteve datações de até 8.000 anos em sítios na Amazônia, acentua o vazio existente no território maranhense, carente de conhecimento acerca de sua pré-história”.
(Carneiro e Gaspar, 1998:8)

1.3 Estudos rupestres no extremo norte do Tocantins e Sul do Maranhão.

As pesquisas arqueológicas como um todo em território maranhense não são capazes “compôr um quadro mínimo sobre as ocupações pré-coloniais de seu território” (Bandeira, 2003), com relação à Arte-Rupestre a dificuldade é ainda maior, pois o que se tem são mapeamentos e relatos da existência dos sítios, não havendo estudos sistemáticos dos mesmos, estas dificuldades também são encontradas no lado oposto do rio na parte tocantinense, entretanto nesta área há diversos sítios catalogados e descritos nos relatórios do NUTA.

A escassez de informação a respeito da Arte-Rupestre no Maranhão chegou ao ponto de por muito tempo pensar-se que não havia Arte-Rupestre no estado, em 1999 ECHEVARNE, conclui que “*os grafismos rupestres foram localizados até o momento em quase todos os estados nordestinos, com exceção do Maranhão*” (Echetevarne, 1999: 126).

Mesmo sendo de sapiência de grande parte da população local somente em 1909, Carvalho em sua *Pré-História Americana* cita que os “*litoglifos encontram-se no Maranhão, no Ceará, no Piauí, no Rio Grande do Norte e na Paraíba*” (Costa, 1959: 163 apud Bandeira, 2003).

Após anos sem registros de estudo, em 1934, Olímpio Filho, visita a região de São Domingos por meio de um convite para fazer o levantamento topográfico da estrada que ligaria a cidade de Picos a Passagem Franca e os estudos preliminares sobre a ponte que seria construída sobre o rio Itapecuru na altura da cidade de Picos. O resultado desta empreitada foi um artigo nominado *A Casa de Pedra*, que o mesmo escrevera com o objetivo “*de trazer ao conhecimento do Instituto Histórico Geográfico do Maranhão a existência de uma autentica caverna com estalagmites e estalactites e ainda inscrições de sinais desconhecidos nas paredes internas*” (Filho, 1956:47). Ao descrever superficialmente suas reflexões a respeito dos sinais e seus achados, o mesmo tentou decifrar os “sinais” nas paredes da caverna como um alfabeto, mais “*o que se vê são sinais inteiramente estranhos e dispersos ao leo*”(Filho,1956:50). E conclui argumentando a importância destes estudos na região se referindo admirado que “*não é longe e nem é na China, nem no Egito. É aqui mesmo no Maranhão*” (Filho, 1956: 50). Apesar de mostrar grande interesse e preocupação com relação a Arte-Rupestre encontrada, seus estudos só foram continuados anos depois.

Em 1970, quando Olavo Correia de Lima, baseando-se nas informações de Olimpio Filho, fez uma série de viagens com o objetivo de confirmar as informações sobre a existência de sítios rupestres, resultando no primeiro mapeamento e descrição da Arte-Rupestre maranhense no município de São Domingos nas proximidades da Serra das Alpercatas e Serra da Boa Vista, concluiu-se que “*a cultura rupestre maranhense acompanha exclusivamente os incidentes espeleológicos*” (Lima, 1985 apud Bandeira 2003: 90). De fato, observa-se que mesmo com diversos afloramentos rochosos nas margens dos rios a preferência são os suportes verticais de grutas, abrigos e cavernas da região trabalhada. Neste trabalho o antropólogo descreve os sítios Casa de Pedra, Caverna Élide, Caverna Correia de Lima e Caverna Olímpio Fialho¹⁰, com riqueza de detalhes e desenhos dos abrigos. Lima descreve que todas as cavernas na região de São Domingos são em rochas calcárias e que as “*cavernas maranhenses são geralmente pequenas e não tem o esplendor espeleotêmico das suas irmãs sulinas. Contudo nelas tenho encontrado inscrições rupestres, que, para o antropólogo, compensam aquela pobreza*”. (Lima, 1985:64). Em sua obra fica claro a riqueza da região de São Domingos e da importância de ser dada continuidade aos trabalhos destes pioneiros da arqueologia sul maranhense.

Após as excursões acadêmicas de Olavo Correia Lima, somente em 1990 outro trabalho é realizado, pela primeira vez por um arqueólogo, Deusdedit Carneiro por meio do Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Paisagístico do Maranhão (DPHAP-MA), agora contemplando a região de Carolina,

“*através do contato mantido entre a Prefeitura Municipal de Carolina e o DPHAP-MA, efetuou-se um levantamento preliminar na região do Rio Farinha onde foram localizados os sítios Morro das Figuras, caracterizado pela existência de gravuras com motivos antropomorfos e representações de pegadas e pontilhados e o sítio Morro das Araras, com painéis geométricos ambos inseridos na região de fauna e flora típico do cerrado e em suporte arenítico*” (Carneiro e Gaspar, 1998:8).

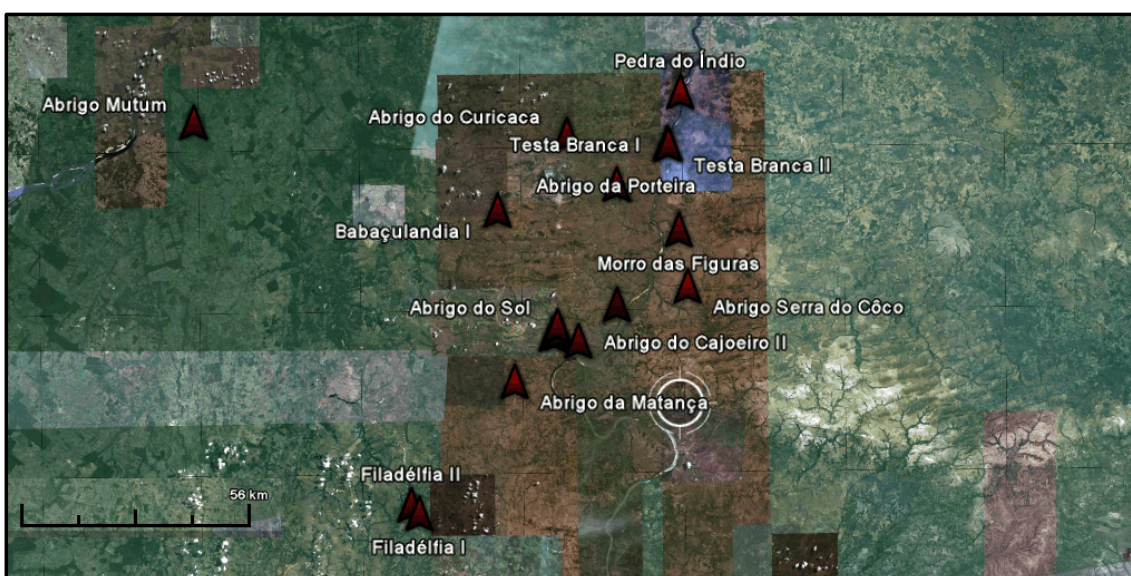
Em 1998 Deusdedit continua com seus trabalhos visitando o município de São João Sóter e encontra o sítio Lageado do Escrivão “*um abrigo de 30 metros de comprimento por 3m de altura, com ocorrência de manchas de gravuras com motivos geométricos e antropomorfos*” (Carneiro e Gaspar, 1998:8). Ainda na mesma expedição foi encontrado no município de Gonçalves Dias o sítio Pedra da Letra, “*com pinturas e gravuras com motivos geométricos e figuras antropomórficas*” (Carneiro e Gaspar, 1998:8).

¹⁰ A grafia do nome de Olímpio Filho aparece na literatura em duas formas como FIALHO e FILHO, entretanto em sua obra intitulada *Casa de Pedra* (1956) o nome do autor aparece como FILHO, logo trataremos o mesmo como FILHO devido este dado.

Em 2009, o CPHNAMA empreende uma campanha ao município de Grajaú, coordenados pelo arqueólogo Deusdedit Carneiro, com o objetivo de avaliar o potencial arqueológico do município, nesta perspectiva foi encontrado o sítio Talhado de São Rafael, o da Cachoeirinha, o Talhado da Pedra Grande e o do Barbosa.

Com o objetivo de verificar referências de sítios de Arte-Rupestre no ano de 2010 foi empreendido um trabalho de campo pelo CPHNAMA, nos municípios de Estreito, Balsas, Grajaú, Loreto e Parnarama. Os trabalhos iniciaram-se no município de Estreito, onde foi visitado o então escavado sítio Testa Branca II, sítio trabalhado no âmbito desta pesquisa, de Estreito o grupo seguiu para Grajaú para dar continuidade a pesquisas já iniciadas anteriormente, concluindo a documentação fotográfica do Abrigo do Barbosa. Em Balsas foi localizado um abrigo denominado Pedra Marcada. Seguindo viagem foi visitado no município de Loreto o sítio Casa de Pedra, tendo sua indicação relatada para a Biblioteca Nacional no sec. XIX, sendo um dos maiores sítios da região. Entretanto os sítios cadastrados no município de Parnarama não foram encontrados pela equipe e são desconhecidos pelos moradores locais.

O NUTA, também efetuou trabalhos na área com relação à Arte-Rupestre, em seus projetos de compensação ambiental, descobrindo, catalogando e fotografando sítios de gravuras na região. Nesta perspectiva o NUTA descobriu 16 sítios gravados na margem esquerda do rio no estado do Tocantins e três sítios na margem direita do lado maranhense (Mapa 4), entretanto visitaram mais dois sítios já conhecidos e trabalhados por Carneiro, o Morro das Figuras e o Morro das Araras.



Mapa 4: Distribuição dos sítios rupestres entre os estados do Maranhão e Tocantins. Autor: Ariana Braga.

Tabela de sítios arqueológicos rupestres no extremo-norte do TO e sul do MA.			
Sítio Arqueológico	Município	Estado	Programas
Abrigo do Curicaca	Darcinópolis	Tocantins	SALTMINS
Abrigo do Sol	Babaçulândia	Tocantins	SALTFENS
Abrigo da Ribeira	Darcinópolis	Tocantins	SALTFENS
Abrigo da Porteira	Darcinópolis	Tocantins	SALTFENS
Abrigo da Matança	Babaçulândia	Tocantins	SALTFENS
Abrigo dos Coelhos	Babaçulândia	Tocantins	SALTFENS
Abrigo do CajueiroI	Babaçulândia	Tocantins	SALTFENS
Abrigo do CajueiroII	Babaçulândia	Tocantins	SALTFENS
Abrigo do Bacuri	Babaçulândia	Tocantins	SALTFENS
Babaçulândia I	Babaçulândia	Tocantins	SALTFENS
Filadélfia I	Babaçulândia	Tocantins	SALTFENS
Testa Branca I	Estreito	Maranhão	SALTFENS
Testa Branca II	Estreito	Maranhão	SALTFENS
Mundo Novo	Babaçulândia	Tocantins	SALTFENS
Filadélfia II	Filadélfia	Tocantins	SALTFENS
Mutum	Filadélfia	Tocantins	SALTFENS
Gameleira	Filadélfia	Tocantins	SALTFENS
Abrigo Serra do Coco	Carolina	Maranhão	SALTESTREITO
Morro das Figuras	Carolina	Maranhão	SALTESTREITO
Morro das Araras	Carolina	Maranhão	SALTESTREITO
Pedra do Índio	Arguianópolis	Tocantins	SALTFENS

Tabela 1: Sítios arqueológicos de gravuras rupestres trabalhados nos projetos do NUTA na faixa limítrofe dos estados do Tocantins e Maranhão.

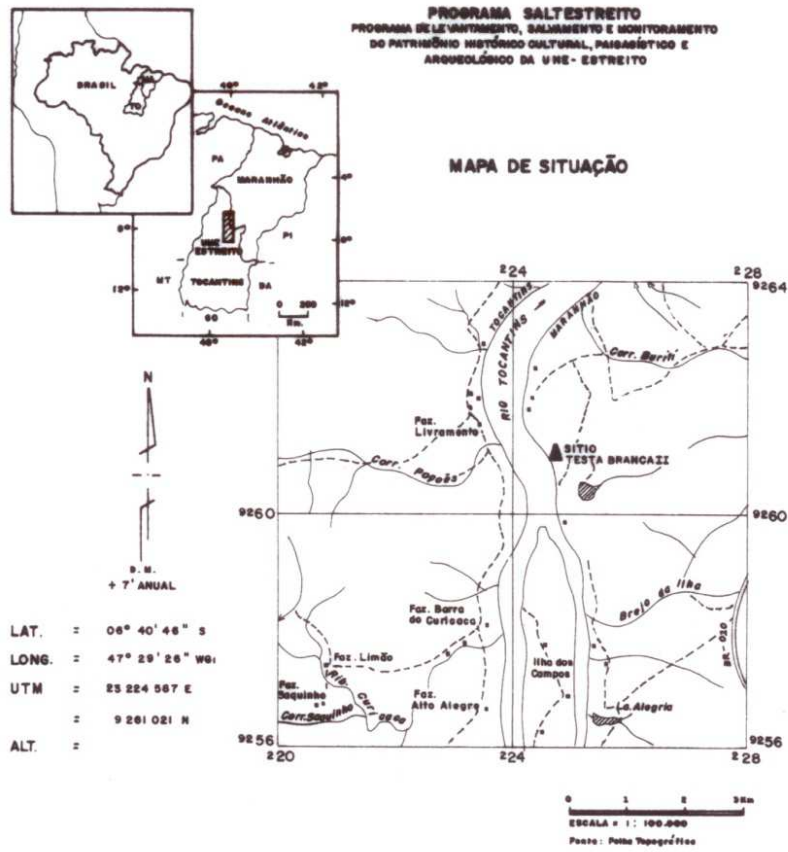
Os sítios rupestres nesta zona estão em grande parte em abrigos de formação sedimentar arenítica da bacia do Parnaíba, a maior recorrência são de gravuras elaboradas por abrasão, havendo alguns abrigos pintados e uma porcentagem mínima de picoteados, talvez esta escolha esteja associada à facilidade de gravar por abrasão nestes arenitos de baixa dureza, entretanto para tal afirmação são necessários maiores estudos em âmbito regional. É observado que mesmo havendo grandes afloramentos rochosos horizontais as margens dos rios da região, não foram localizados nesta faixa sítios a margem do leito sobre suportes horizontais, sendo a preferência abrigos e paredões verticais.

1.4 Delimitação da área estudada: da imensidão a unidade.

A escassez de estudos voltados a Arte-Rupestres na área delimitada para pesquisa inviabilizou o trabalho com numero maior de sítios, pois se sabe que a maior parte destes foram registrados há pouco tempo e que trabalhos sistemáticos de Arte-Rupestre não contemplam a região inviabilizando grande parte dos paralelos comparativos dentro de uma perspectiva regional.

Tendo em conta as dificuldades encontradas foi preciso selecionar um dos sítios para a construção deste trabalho, devido às adversidades dos trabalhos de campo, a complexidade dos sítios além do escasso tempo disponível para a execução deste projeto. Sendo assim buscou-se trabalhar um dos sítios rupestres que estava em processo de escavação para assim poder fazer os paralelos interpretativos e estratigráficos das gravuras com o material arqueológico.

Logo dentre os 21 sítios de gravuras rupestres conhecidos até o momento no extremo norte do Tocantins e sul do Maranhão, selecionou-se o sitio arqueológico Testa Branca II (TBII) (Mapa 5).



SÍTIO ARQUEOLÓGICO TESTA BRANCA II
MUNICÍPIO: ESTREITO - MA.

- L E G E N D A**
- RODOVIA**
 - ESTRADA VICINAL**
 - CURSO D'ÁGUA**
 - PÂNTANO**
 - BANCO DE AREIA**
 - LAGOA**
 - URBANIZAÇÃO**
 - EDIFICAÇÃO RURAL**
 - SÍTIO ARQUEOLÓGICO**

Autor: ANTONIO AIRES
(geógrafo)
UNIVERSO

Mapa 5: Mapa de situação do sítio TBII. Autor: Antônio Aires.

2. Pressupostos teóricos e metodológicos



“o homem é um animal simbólico”

(Cassirer, 1977 apud Netto, 2001: 80)

O desenvolvimento teórico e metodológico desta investigação priorizará as gravuras, vez que o sítio trabalhado não possui pinturas e a grande maioria dos sítios no seu entorno são exclusivamente gravados. Sendo as pinturas realidade de uma região mais ao centro do Maranhão e ao sul do Tocantins em outra realidade geológica, os calcários, onde esta investigação não pode alcançar.

2.1 Levantamento rupestre

A documentação de sítios rupestres gravados segue uma série de critérios para angariar o maior número de informações possíveis para a análise, compreensão e remontagem do mesmo. Percebe-se que grande parte destes sítios correm risco de desaparecer devido sua fragilidade frente as forças do intemperismo, sendo a documentação de fundamental importância para salvaguardar dados para atuais e futuras pesquisas. Logo o investigador precisa ser o mais claro possível ao elaborar sua documentação, pois o seu registro pode se tornar a única fonte futura para outros investigadores.

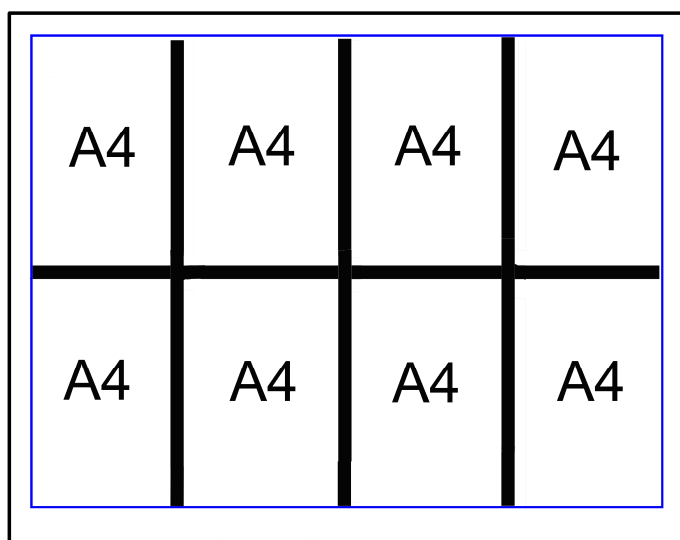
Neste sentido buscou-se elaborar uma documentação clara seguindo certos padrões e critérios para o levantamento das gravuras, estes tiveram base na metodologia descrita no manual *Rupestrian Archaeology, Techniques and Terminology A Methodological Approach: Petroglyphs* (Fossati, Jaffe e Abreu, 1990), que se resume no levantamento direto das gravuras por meio de plástico cristal com espessura de dez milímetros em tamanho pré-determinado (standard 80x60cm, soma de 8 folhas A4) e canetas permanentes de cores variadas para identificar cada ocorrência, entretanto foi preciso flexibilizar a metodologia devido constatações obtidas em visitas prévias ao levantamento no sítio arqueológico para que se pudesse elaborar uma documentação da melhor forma possível tendo em vista o tempo e as condições de trabalho. Já que esta investigação fora empreendida em um contexto de arqueologia empresarial, com pouco tempo para o levantamento tendo em vista o enchimento do reservatório.

Os critérios para a execução do trabalho de campo seguiu os seguintes parâmetros:

- 1- Visita prévia ao sítio para planejamento dos trabalhos, definição da melhor metodologia a ser aplicada e avaliação dos materiais necessários.
- 2- Divisão dos painéis foi elaborada para dinamizar a execução do levantamento, pois o objetivo era compreender o sítio de forma global. Mesmo assim esta divisão foi elaborada tendo em vista as falhas no suporte que por muitas vezes foi

tida em consideração na execução das gravuras. Considera-se também as áreas vagas, pois havia zonas de até 5m sem qualquer gravura, logo foi dividido os painéis somando estas preferências as técnicas e as condicionantes do suporte.

- 3- Quadriculação de toda a área gravada, de forma “imaginária” levando-se em consideração as quadriculas da escavação e representando a linha do sedimento no levantamento, para não se perder o controle das camadas estratigráficas da escavação no próprio levantamento. Logo quando há cotas negativas no painel temos o corte e o nível de todos os sulcos encontrados em contexto estratigráfico. Podendo assim correlacionar a estratigrafia arqueológica com a estratigrafia rupestre.
- 4- Levantamento da área com todas as folhas em tamanho igual, sendo a somatória de oito folhas A4 (Fig. 2), tamanho estabelecido no manual citado a cima (Fossati, Jaffe e Abreu, 1990). Entretanto devido os vazios gráficos foram realizados anexos de tamanhos variados para economizar material e acelerar o levantamento.



*Figura 2: Folha de levantamento, exemplo da junção das folhas A4. Demarcação dos limites pela margem azul.
Autor: Ariana Braga.*

- 5- Sulcos e picos representados na cor preta.
- 6- Fissuras da rocha contornadas em vermelho.
- 7- Grafites¹¹ atuais e informações adicionais que por ventura surgiram sinalizados em azul.
- 8- Marcas das junções das folhas de levantamento assinaladas por linhas tracejadas em azul e remarcando os ângulos de 90° do retângulo na folha sobreposta.

¹¹ Entende-se por grafites as intervenções históricas e atuais no painel.

- 9- Informações dispostas nas margens do levantamento (Fig. 3): sigla do sítio, data do levantamento, norte magnético, número da folha, corte da escavação que está correlacionado e nome do autor do levantamento.

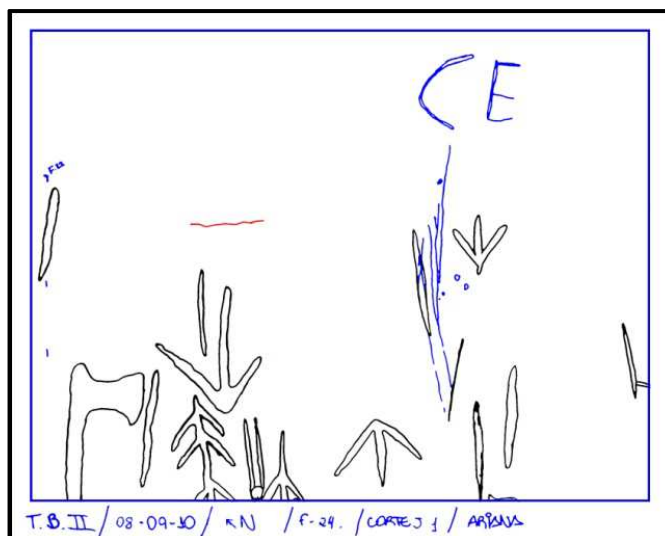


Figura 3 Exemplo de folha de levantamento. Autor: Ariana Braga. Acervo: UNITINS/NUTA.

- 10- Levantamento efetuado em todas as folhas pelo menos duas vezes (Foto 4), a primeira vez levantando tudo que era visível, após no dia a seguir ou no mesmo dia em horário diferente com outra realidade de iluminação refazia-se no mesmo plástico, obtendo-se assim a certeza de que todos os sulcos fossem levantados. Por diversas vezes sulcos finos não estavam nítidos, em especial os picoteados dispersos. Esta operação foi repetida sempre que necessário tendo em vista tanto a densidade quanto a dificuldade de visualizar algumas de gravuras de certas áreas devido o tamanho da mesma ou ainda pela iluminação não favorável no período vespertino devido à densidade da luz natural, provocando reflexos no plástico.



Foto 4: Repetição do levantamento. Autor: Crisvanete. Acervo: UNITINS/NUTA.

11- Registro fotográfico (Foto 5) *in loco* de todas as folhas com e sem o plástico, para que se obtivesse ambos exemplares do registro fotográfico e do levantamento.



Foto 5: Fotografia da zona levantada com e sem plástico. Autor: Ariana Braga.

12- Desenho em croqui (Fig. 4) de todas as folhas decalcadas para demonstrar as áreas de encaixe e sua posição. Observou-se que sem esta etapa seria quase impossível fazer a junção física e digital do levantamento sendo o croqui de total importância para a conclusão dos trabalhos sem perda de tempo e informação.

13- Séries de tomadas fotográficas de todo o painel para a construção de panorâmicas. Utilizando um tripé fixado a uma distancia de 2m.

14- Tomadas fotográficas individuais por conjuntos de imagens, principalmente as áreas de maior concentração gráfica, para que assim tivesse suporte fotográfico para ser comparado ao levantamento, amenizando ao máximo as duvidas nas fases seguintes, buscando maior aproveitamento e dinamismo no processo de análise.

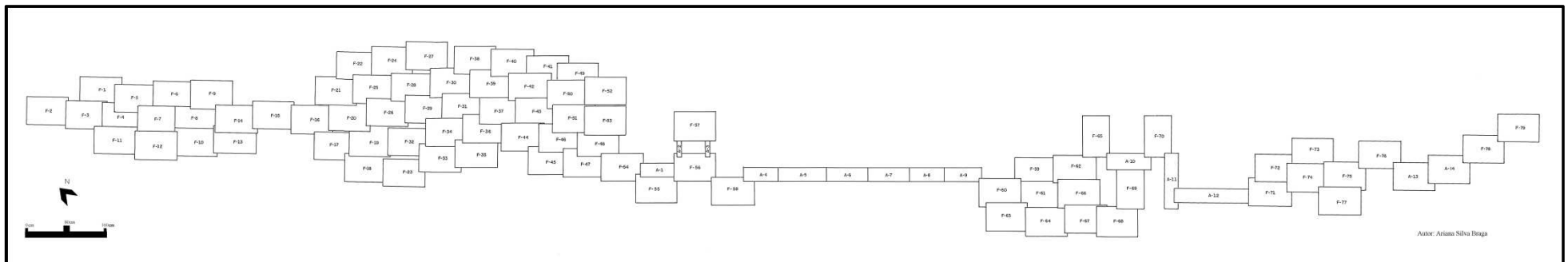


Figura 4: Croqui do levantamento rupestre. Autor: Ariana Braga. Acervo: UNITINS/NUTA.

Os trabalhos laboratoriais foram elaborados tendo em conta os dados coletados em campo por meio dos quais foram feitas as remontagens e análises, da seguinte forma:

1. Digitalização das folhas de levantamento sendo esta elaborada por meio fotográfico. Foi fixado um quadro branco em uma parede a 2 metros do chão e a um metro dele foi fixado um tripé na altura de 1m, logo a câmera posicionou-se ao centro do quadro, neste quadro foi colocado todos os plásticos, sendo todos eles fotografados com e sem flash. Entretanto constatou-se que sem a utilização do flash as imagens ficavam melhores.
2. Limpeza das folhas de levantamento logo após a digitalização, utilizando o software Adobe Photoshop CS5.
3. Obtenção do resultado esperado, tendo todo o material levantado em meio físico e digital.
4. Junção das folhas (Fig. 5) utilizando-se o software Adobe Photoshop CS5 seguindo as indicações tracejadas do levantamento e o croqui do levantamento.

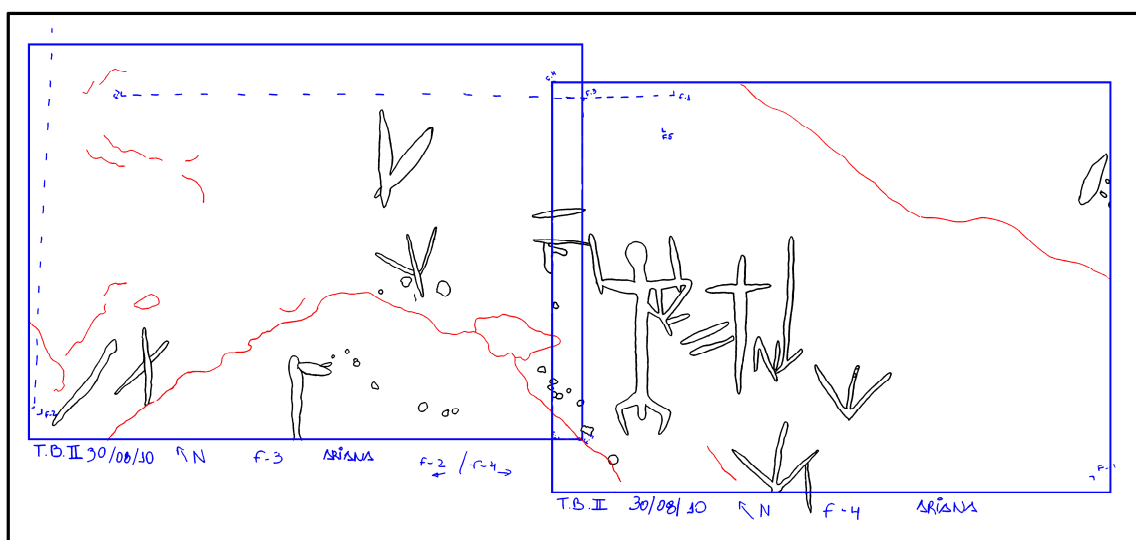


Figura 5: Exemplo de junção das folhas de decalque. Autor: Ariana Braga. Acervo: UNITINS/NUTA.

5. Limpeza da imagem (Fig. 6) retirando todas as margens e informações de junção, permanecendo somente as gravuras, os grafites e as fraturas.

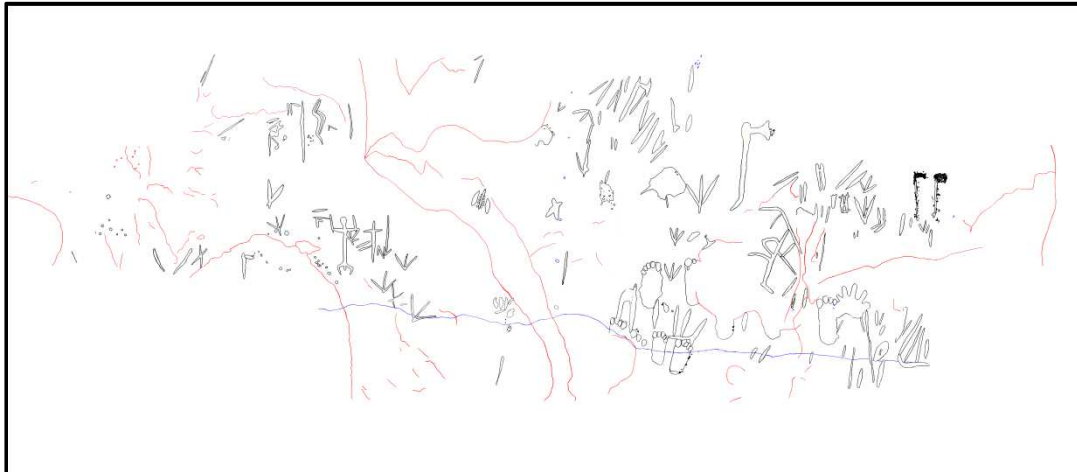


Figura 6: Resultado da montagem e limpeza do levantamento. Autor: Ariana Braga. UNITINS/NUTA.

6. Concluso os trabalhos de digitalização, limpeza remontagem e finalização, iniciou-se os trabalhos de análise quantitativa, onde contabilizado por painel quantos elementos havia em cada um deles utilizando as folhas de levantamento. Os sulcos de cada painel foram medidos e tiveram descritas sua forma de execução. Todos os dados foram anotados em uma ficha (Fig. 7) de análise descritiva e ainda inseridos em uma planilha quantitativa.

Localização		Informação sobre os levantamentos			
Sítio:		Fotografia (nº)	Sim	Não	
Painél:		Decalque/plástico	Sim	Não	
Folhas:		Número de folhas totais			
Cortes:					
Croqui das folhas de levantamento rupestre					
Reduções Sim Não Escala 1/2 A4 A3		Dimensões totais do sítio Comprimento Altura Orientação			
Dimensões totais do painél					
Comprimento					
Altura					
Orientação					
Outras informações					
Catálogo das figuras					
Número total de figuras					
Descrição dos aglomerados de sulcos					
		Técnica			
Nº	Descrição	Dimensões		Picoteado	
Fig		Comp	Larg	Den	Dis
					Polimento
Figuras em contexto arqueológico					
Folha	Figura	Morfologia	Corte	Nível	
Outras observações					
Decalque reduzido					
Nome do responsável pelo levantamento:					
Data do levantamento:					

Figura7: Ficha de análise rupestre descritiva. Autor: Ariana Braga. Acervo: UNITINS/NUTA.

7. Numeração da tipologia para o preenchimento das tabelas quantitativas, sendo que cada tipologia obteve um número, para assim facilitar a análise.

Observa-se que toda a preocupação tida em campo foi de fundamental importância para a digitalização do sítio constatando que o trabalho sistemático em campo, com critérios seguidos quase como doutrina resulta em uma reconstrução extremamente clara e relativamente rápida do sítio. Entretanto foi observado que o trabalho laboratorial feito pelo próprio pesquisador que fizera o levantamento resulta com muito mais eficácia e dinamismo. Não sendo inviável que outra pessoa o faça, entretanto percebe-se que esta terá mais dificuldade nas remontagens por não conhecer o suporte, sabendo que este gera uma série de mutações no levantamento quando se trata de uma superfície tridimensional em formato bidimensional. Sendo esta uma problemática, que não chega a inviabilizar muito menos a anular os trabalhos de levantamento direto. Houve a tentativa de amenizar esta problemática com a junção do levantamento com a fotografia, que mesmo sendo um suporte bidimensional, fornece certa perspectiva. Isto somado a um bom conhecimento topográfico do suporte gera bons resultados sendo a transformação dimensional um detalhe a ser tido em conta e não um problema para as análises.

2.2 Do processo analítico: A Arqueologia Rupestre.

As análises rupestres foram elaboradas tendo em vista a Arqueologia rupestre, este termo surge em 1989, em Val Camonica- Itália. A *“Rupestrian archaeology is a science that draws on and contributes to other archaeological fields”* (Fossati, Jaffe e Abreu,1990:3) logo entende-se por Arqueologia Rupestre, o estudo sistemático da Arte-Rupestre, como material arqueológico. Sendo este baseado em uma metodologia de campo bem definida, contemplando a totalidade do sítio, pois *“a not complete reproduction, exactly like a digging not well conducted, has no archaeological value”* (Fossati e Arcá, 1997), além da percepção tecnológica para a manufatura da Arte-Rupestre e observação sistemática das sobreposições sendo que *“engraved panel is often the result of many centuries (or millennia) of engraving practice. Untying the layers of superimpositions is quite similar to the study of na archaeological stratigraphy”* (Fossati e Arcá, 1997), pois com este estudo pormenorizado das sobreposições podemos definir camadas como em uma estratigrafia, podendo reconhecer as seqüências de sobreposição como uma seqüência estratigráfica.

A Arqueologia Rupestre prevê a correlação da Arte-Rupestre com os demais materiais arqueológicos, sendo esta tratada como parte do contexto, *“deste modo a Arte Rupestre passa a ter sua interpretação realizada com maior validade e abrangência quando integrada com a totalidade do registro arqueológico”* (Netto, 2001:70). Esta integração não é viável somente para sítios com gravuras em contexto estratigráfico, podendo ser aplicada a sítios sem este privilégio, entretanto este estudo deverá ser elaborado com mais cautela.

Arte-Rupestre é mais que contemplação estética esta é uma fonte de informação arqueológica, entretanto *“os estudos de Arte-Rupestre, através de seus métodos, técnicas e teorias, muitas vezes induzem ao tratamento como algo distinto do registro arqueológico”* (Netto, 2001:27), todavia este é um erro ao qual não se pode mais deixar levar, pois *“the archaeological point of view in petroglyph analysis is intended to be of primary importance”* (Fossati e Arcá, 1997) sendo necessário construir um novo olhar sobre Arte-Rupestre, tirando-se da marginalidade do estudo arqueológico, analisando-se como parte integrante deste contexto tão importante como qualquer outra linha de investigação arqueológica capaz de trazer-nos uma enorme gama de informação para agregar aos outros campos desta área do conhecimento.

Visto que este tipo estudo somado às outras áreas desta ciência é de fundamental importância para melhor compreensão da área estudada, não sendo a Arte-Rupestre nem mais nem menos importante que as outras áreas, sendo de igual importância para o conhecimento arqueológico.

Tendo em vista que

“Para se chegar a interpretar qualquer tipo de fenômeno na Arqueologia, deve-se ter em mente que os objetos encontrados no solo, formadores do contexto arqueológico, representam fragmentos dos comportamentos dos seus produtores, como também ocorre com a Arte-Rupestre, enquanto um dos vestígios integrantes do contexto arqueológico” (Netto, 2001:70).

Neste caso a Arte-Rupestre será tratada como vestígio arqueológico integrante ao contexto, para isto, as análises rupestres deste trabalho serão elaboradas tendo em vista estas considerações contextuais, com a valorização das sobreposições para compreensão dos horizontes da ocupação do suporte rochoso para correlacioná-lo aos horizontes estratigráficos. Dar-se-á ênfase ao modo de fabricação das gravuras sendo a técnica aplicada de fundamental importância para a interpretação dos dados, ciente de que esta pode variar entre os horizontes de ocupação do suporte rochoso, ou ainda determinar o tipo de material lítico utilizado para elaboração das gravuras.

A interpretação da Arte-Rupestre neste caso é tida da mesma forma obedecendo ao contexto arqueológico, entretanto é importante ressaltar que a interpretação em qualquer área do conhecimento é elaborada a partir de uma matriz referencial, logo toda interpretação seja ela rupestre, lítica ou ainda cerâmica trará no seu bojo conceitos atuais do seu interpretador. É impossível desvincular a interpretação do interpretador, a consciência deste fato torna o pesquisador um mediador entre os dois mundos o seu e o científico. A capacidade de mediar às informações entre estas esferas é que fará resultar em uma boa interpretação e não a “categoria” do material arqueológico.

2.3 Semiótica aplicada a Arqueologia Rupestre.

A semiótica muito pode contribuir para o estudo da Arte-Rupestre, entretanto antes da aplicação da mesma deve-se refletir a respeito tendo em vista que esta pode trazer informações extremamente vagas, se não ponderadas do ponto de vista arqueológico.

Considerando a semiótica como ciência dos signos, investigadora de todas as linguagens possíveis por meio destes signos (Peirce,1990) e (Netto,2001). Compreendendo os signos como *“aquilo que sob certo aspecto ou modo representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa, um signo equivalente ou talvez um signo mais desenvolvido.”* (Peirce,1990), sendo assim este signo é a representação de algo, o objeto. Sendo este interpretado por alguém, gerando desta interpretação um segundo signo, também chamado de representação, individual ou social. Ressaltando que o signo não é o próprio objeto sendo ele o representante deste *“objeto não em todos os seus aspectos mais com referência a um tipo de idéia”* (Peirce,1990), que remete ao mesmo resultando na criação de outro signo na consciência interpretante, nunca o objeto em si.

Sendo este segundo signo por Peirce considerado *“interpretante do primeiro signo”* (Peirce,1990). Pode-se concluir que a Arte-Rupestre é um conjunto de signos e a recepção desta informação em nosso olhar arqueológico resulta em outros signos que não relata o todo do objeto representando parte dele tendo em vista que *“o significado construído originalmente para aquele conjunto de signos, que constitui a Arte-Rupestre está perdido, mais não seu potencial de informação”* (Netto. 2001: 200). Logo a Arte-Rupestre nesta perspectiva é estudada como a interpretação secundária do objeto, afinal o objeto é reconhecido pelo gerador do primeiro signo, o fabricante da imagem.

A junção da semiótica a Arqueologia Rupestre se fará por meio da consciência de que o que está sendo interpretado não é o objeto primário em si, mas sim a ação do homem que gerou por meio da sua interpretação do objeto, um signo, assim, a imagem analisada pelo arqueólogo rupestre é a interpretação de um objeto, nunca o objeto propriamente dito. Esta consciência a respeito do objeto de estudo é de fundamental importância para reduzir as interpretações rupestres deslumbradas, onde a estética de algumas formas retira a atenção do pesquisador, diminuindo o valor das formas irreconhecíveis ao seu olhar.

É importante ressaltar as condições em que estas imagens foram produzidas tentar encontrar as condicionantes comportamentais simbólicas que motivou estes homens a produzir seus signos em suportes rochosos. Tendo em vista que estes comportamentos estão vinculados a um comportamento social embebido em relações simbólicas, *“porque este homem dos primeiros tempos não estava só no mundo. Vivia como sempre viveu como nós ainda hoje vivemos, ou seja, em sociedade”* (Benoist, 1975: 16). Esta afirmativa reitera o discurso da Arqueologia Rupestre, pois estes desenhos pintados ou gravados foram elaborados em uma sociedade, sendo o contexto social gerador do contexto arqueológico inseparável da Arte-Rupestre.

3. Testa Branca II



“a paisagem é sempre uma herança”

(AB’SABER. 2003: 9)

3.1 A descoberta e o silenciar de dez anos

O sítio arqueológico Testa Branca II, foi encontrado em 26/11/2001 no município de Estreito- MA durante a primeira etapa do Programa SALTFENS, na área de abrangência da Ferrovia Norte/Sul. Logo, por se encontrar na área de impacto indireto o sítio foi prontamente registrado, descrito e fotografado. Realizou-se um desenho a mão livre de algumas áreas gravadas do sítio. Entretanto não fora copilado em sua totalidade privilegiando formas mais visíveis e reconhecíveis, sabendo das limitações desta técnica. Visto que o objetivo era o registro do sítio e não uma documentação total do mesmo, do ponto de vista sistemático do levantamento rupestre.

O sítio foi denominado Testa Branca, devido uma mancha branca (Foto 6) de líquens em toda a superfície superior do paredão o que torna o sítio mais visível para quem navega no rio Tocantins em especial no sentido sul-norte, pois o paredão está posicionado perpendicularmente ao rio.



Foto 6: Vista do Sítio TBII a partir do Rio Tocantins, navegação sentido sul-norte. Detalhes das manchas de líquens que deram nome o sítio. Autor: Ariana Braga. Acervo: UNITINS/NUTA.

Passados nove anos um novo grande empreendimento fora construído nas proximidades deste sítio, porém desta vez impactando diretamente a área devido à construção do reservatório da Usina Hidroelétrica de Estreito (UHE Estreito).

Devido ao impacto causado por esta usina, foi elaborado o Programa SALTESTREITO, em atendimento ao que determina a Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961 e a resolução do CONAMA já mencionadas. Sabendo que estas leis definem que todo grande empreendimento deverá contemplar em seus estudos de impacto ambiental, a arqueologia englobando todas as fases da pesquisa da prospecção a análise. Então com

o objetivo de minimizar os danos ao patrimônio arqueológico na área de impacto direto e indireto deste vultoso empreendimento deu-se início em 2007 o Programa SALTESTREITO, ainda em andamento.

No âmbito deste programa foram empreendidos os trabalhos de prospecção e resgate na área de impacto direto e indireto do reservatório. No processo de prospecção o sítio TBII foi revisitado pela equipe do NUTA, quando se constatou a necessidade de intervenção no mesmo, tendo em vista a previsão da imersão total deste sítio. Foi estabelecida uma campanha de escavação, para tentar “compensar” e “minimizar” os danos ao patrimônio causados pelo empreendimento.

Encontrou-se o sítio TBII devido as suas gravuras e não fora localizado material arqueológico em superfície. Entretanto justificou-se a necessidade de intervenção pelo fato das gravuras estarem rentes a linha de sedimentação (Foto 7). Então observou-se que provavelmente haveria gravuras em níveis negativos.

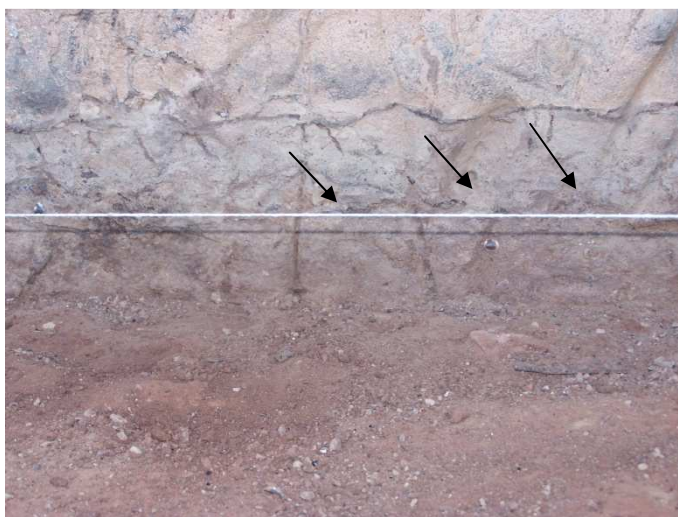


Foto 7: Gravuras rentes ao solo, setas indicam as gravuras e o fio branco o nível do solo atual. Corte I-1 e I-2, nível 0-10 cm. Autor: Loriza Dantas. Acervo UNITINS/NUTA.

3.2 Localização e caracterização do sítio Testa Branca II

O sítio arqueológico TBII está localizado entre as cidades de Carolina - MA e Estreito – MA, na área rural deste último município nas margens do Rio Tocantins do seu lado direito a aproximadamente 20m do seu leito, no interior do meandro em frente à Ilha dos Campos¹² (Foto 8). A vegetação circundante ao sítio é composta pela mata ciliar do rio Tocantins, área de cerrado aberto.

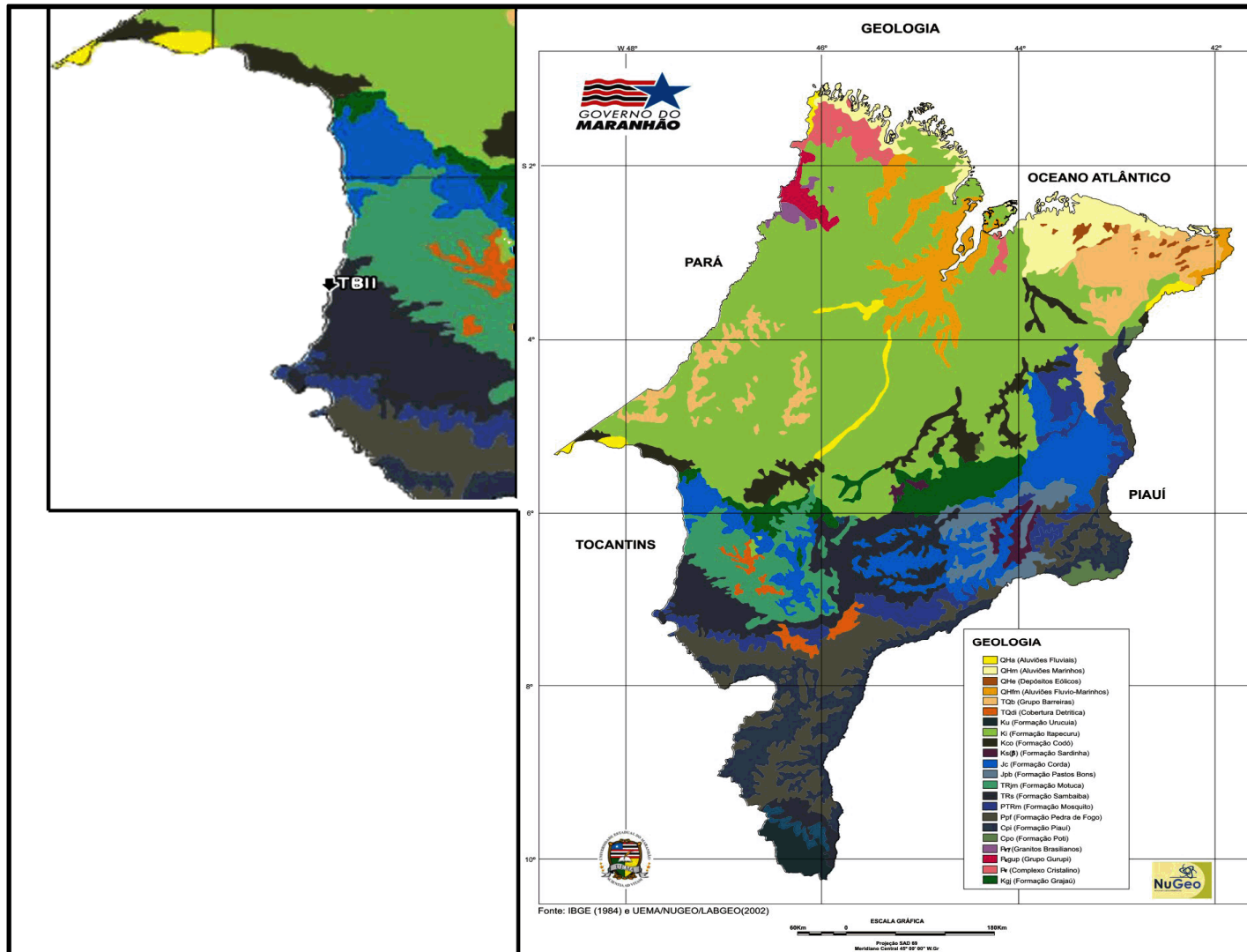


Foto 8: Visão da Ilha dos campos a partir do alto do Sítio TBII. Autor: Ariana Braga. Acervo: UNITINS/NUTA.

Está na compartimentação geomorfológica do domínio morfo-estrutural da Depressão do Tocantins, que se caracteriza por se posicionar topograficamente mais baixa das outras unidades geomorfológicas com altitudes entre 150 e 180m, é uma superfície de aplainamento resultado das mudanças morfogenéticas com vários índices de dissecação (CASSETI; DIAS e BORGES, 2004).

Seu substrato é constituído pela Formação Sambaíba (Mapa 6), de idade Triássica que se compõe prioritariamente, de arenitos maciços, com granulação que varia entre fina a média, com grãos selecionados e arredondados. Apresenta estratificação cruzada, sendo resultado de ambiente deposicional continental eólico. O relevo apresenta-se, de forma geral dominado por relevos tabulares (CASSETI; DIAS e BORGES, 2004).

¹² Foi escavado concomitantemente ao sítio TBII o sítio Santa Helena, localizado na ilha dos campos. Neste sítio um abrigo sob-rocha arenítica foi encontrado quatro urnas funerárias e um bloco rochoso gravado.



Mapa 6: Mapa geológico do MA, com detalhe da localização do sítio TBII. Mapa do Governo do Maranhão com adaptações da autora.

O sítio foi implantado em um abrigo sob-rocha e suas áreas adjacentes. O abrigo em si é pequeno e de difícil acesso, entretanto sua parede direita, tendo em vista a visão frontal do mesmo, se estende formando um grande paredão levemente inclinado, que por sua vez abriga um espaço relativamente grande com uma área a ser habitada de aproximadamente 300m², sendo possível abrigar do sol com comodidade em grande parte do ano e da chuva nas áreas próximas ao paredão.

O abrigo e o paredão rochoso encontram-se edificadas em arenito da Bacia Sedimentar do Parnaíba, da Formação Sambaíba (Mapa 6). No TBII este arenito se mostra em cor levemente alaranjada em seu interior, entretanto devido à pátina e a cobertura de líquens a coloração do arenito aparenta ser esbranquiçada com áreas até róseas na zona frontal do suporte, onde foram manufaturadas as gravuras. Este arenito é extremamente friável, tornando o sítio bastante sensível a erosões e atividades de insetos.

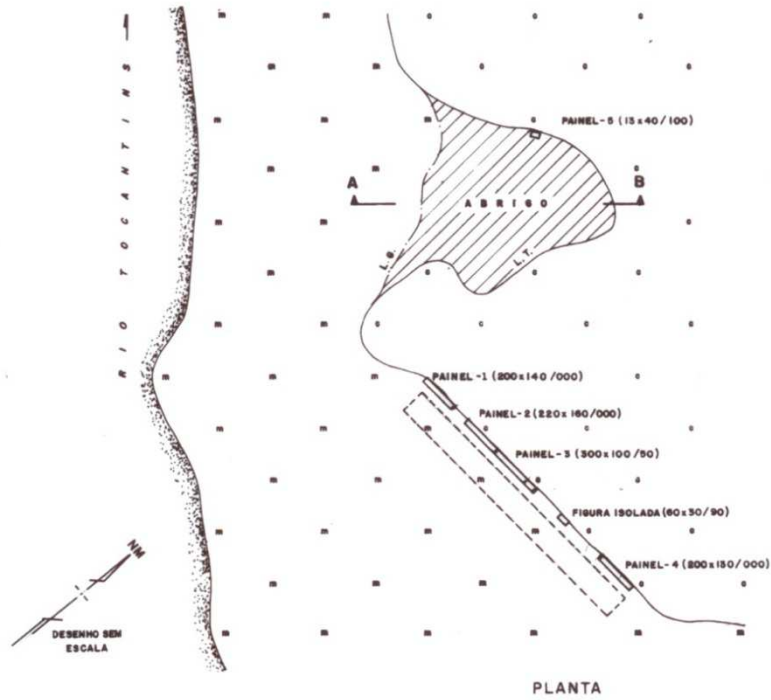
O abrigo em si é uma pequena cavidade (Mapa 7), tendo seu acesso intrincado pelo relevo íngreme da sua entrada até o nível atual do solo. Está em um nível avançado de desmoronamento (Foto 9) tendo sua área interna praticamente destruída, observa-se que as atividades intensivas dos insetos agregado a fragilidade do suporte e ação eólica podem ter sido responsáveis pelos deslocamentos, resultando em quase o total desaparecimento das gravuras deste abrigo restando apenas dois exemplares na parede esquerda do abrigo, sendo esta área uma das únicas zonas do abrigo que contem pátina como as zonas intactas do paredão e aparenta ser mais antiga que as outras pela coloração e pelo fato de ser a única com gravuras.



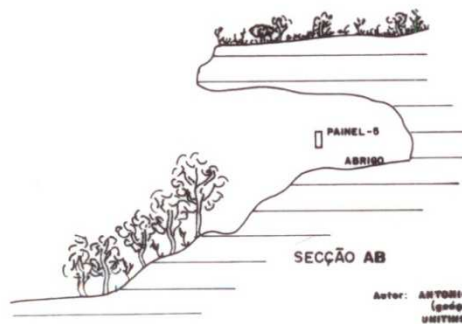
Foto 9: Abrigo do TBII, vista geral do abrigo. A seta indica a única área gravada. Autor: Ariana Braga. Acervo: UNITINS/NUTA.

PROGRAMA SALTESTREITO
 PROGRAMA DE LEVANTAMENTO, SALVAMENTO E MONITORAMENTO
 DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL, PARASITICO E
 ARQUEOLÓGICO DA UHE - ESTREITO
SÍTIO ARQUEOLÓGICO TESTA BRANCA II
 MUNICÍPIO: ESTREITO - MA

CROQUI DO MEIO AMBIENTE



- LEGENDA**
- LINHA DE TERRA (LT)
 - LINHA DE GOTEIRA (Lg)
 - MARGEM DO RIO
 - PAINEL DE GRAVURA RUPESTRE
 - ÁREA DE ABRISO
 - - - - - ÁREA DE ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA
 - MATA GILIAR (PARTE JÁ SUPRIMIDA)
 - CERRADO



Autor: ANTONIO AIRES
 (geógrafo)
 UNIMIG SUTA

Mapa 7: Croqui geral da área do sítio TBII. Autor: Antônio Aires.

3.3 Escavações: o ressurgir

A escavação foi empreendida com o objetivo de evidenciar as gravuras rupestres, para suprir a hipótese de que havia gravuras em níveis negativos a cota atual do solo devido da proximidade das mesmas do sedimento. Logo foram abertos três cortes testes (Foto 10) nas proximidades das áreas de maior densidade de motivos gravados. Sendo um o corte I 1 uma estreita área entre o paredão e o corte vizinho o I 2 e o corte J 2, sendo estes dois últimos os cortes testes, pois o I 1 desaparece devido a invasão de sua área pelo suporte rochoso a 140-150 cm, não atingindo a rocha matriz.

Os cortes testes I 2 e J 2 seguiram o padrão pré-determinado pelo programa SALTESTREITO, sendo ambos de 2x2 m. Por se tratar de cortes teste escavou-se até chegar à rocha matriz, a 2,40 m de profundidade. Os cortes testes I 1, I 2 e J 2 deram a dimensão do que estava por vir, sendo que o sítio seguiu certo padrão na distribuição do material arqueológico.



Foto 10: Escavação dos cortes testes I-1, I-2 e J 2. Autor: Ailson. Acervo: UNITINS/NUTA.

Os cortes testes nos expuseram em princípio a presença de três horizontes de ocupação, o primeiro cerâmico entre 20 e 40 cm, o segundo lito-cerâmico entre 40 e 110 cm e um horizonte somente lítico entre 170 e 200 cm, sendo este material consideravelmente diferenciado do material lítico encontrado conjugado com a cerâmica no horizonte anterior, o que justificou o terceiro nível de ocupação. As gravuras foram encontradas de 0 a 110 cm de profundidade. Havendo em contexto arqueológico diversos fragmentos do suporte rochoso (Foto 11) com gravuras resultado do deslocamento natural do suporte, sendo algumas encaixáveis ao paredão.



Foto 11: Fragmento do paredão encontrado em contexto arqueológico. Autor: Ariana Braga. Acervo: UNITINS/NUTA.

Surge na camada 10-20 cm uma lasca em sílex, mais não fornece subsídio para considerar como um quarto horizonte, sabendo que fora uma única peça encontrada, podendo esta ter sido revolvida pelos insetos em constante atividade nas camadas entre 0 a 40 cm ou por outro acontecimento.

Devido as evidencias arqueológicas (Foto 12) encontradas nos cortes teste, optou-se por abrir uma trincheira na margem do paredão rochoso estendendo a escavação para ambos os lados, para evidenciarmos a totalidade das gravuras. Sabendo que o objetivo era fazer a documentação e o levantamento total das gravuras tendo em vista a fragilidade deste registro e ainda a provável destruição imediata do mesmo a partir do aumento dos níveis das águas do reservatório, sabendo da fragilidade do suporte.



Foto 12: Sítio Testa Branca II, paredão com gravuras, corte J-2, nível 90-100cm. Autor: Ailson. Acervo UNITINS/NUTA.

A setorização do sítio procedeu-se de forma alfa-numérica, a linha nas proximidades do paredão foi dividida nominando cada divisão com letras e a linha que parte do paredão em sentido oeste rumo ao rio teve sua divisão nomeada por números. Toda a área foi setorizada e marcada por piquetes (Foto 13).

Escavou-se um total de 20 cortes, partindo dos dois cortes testes (Mapa 8). Foram escavados dois cortes a esquerda e dezesseis à direita, evidenciando todas as gravuras possibilitando o levantamento total destas, sendo viável a reconstrução integral do sítio e oferecendo uma amostra do material arqueológico, passível de correlação com as gravuras por se tratar do mesmo contexto.



Foto 13: Trincheira resultante da expansão em ambas as laterais dos cortes testes. Autor: Ariana Braga. Acervo: UNITINS/NUTA.

Os cortes seguiram as normativas do projeto, entretanto os cortes G1, H1, K2 e L2, foram escavados de forma diferenciada em 2x1m, para que se dinamizasse a visualização das gravuras sem perder as informações arqueológicas, os demais cortes obedeceram à linha do suporte rochoso que resultou em cortes de tamanhos diferenciados.

A escavação procedeu seguindo níveis artificiais de 10 cm divididos em dois níveis de 5 cm, ou seja seguiu o padrão pré-estabelecido do projeto dos níveis artificiais em 10 cm, entretanto as informações foram coletadas em dois momentos a cada 5 cm para que se pudesse obter maior apreensão possível de informação, dentro dos critérios estabelecidos pelo programa. O material foi recolhido pré- identificado (Foto 14) e embalado, segundo sua classe: cerâmico, lítico, ósseo, malacológico etc. Estas embalagens receberam uma etiqueta identificadora interna e outra externa, com informações a respeito do material.

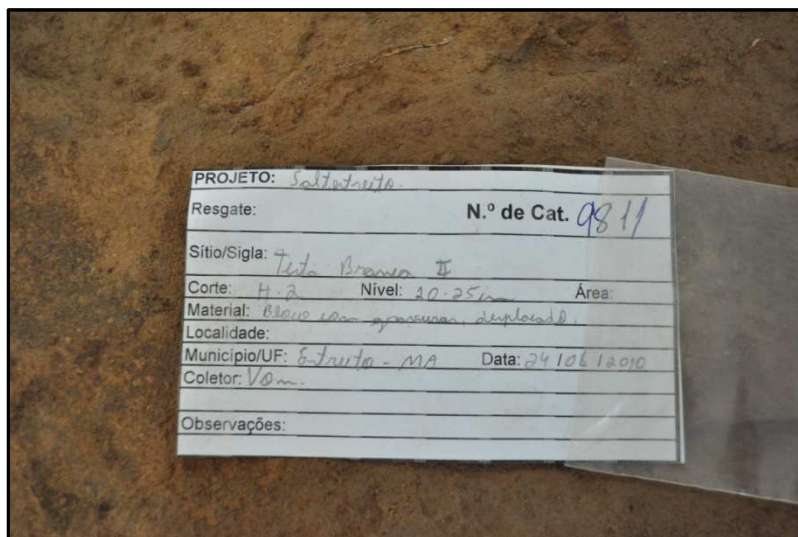


Foto 14: Modelo da ficha de identificação. Autor: Ariana Braga. Acervo: UNITINS/NUTA.

Todo o sedimento de cada corte e de cada nível foi peneirado (Foto 15 e 16) e observado, evitando perda de material arqueológico de pequenas dimensões. Foi coletado também uma amostra de sedimento em uma quantidade de 4l por nível artificial de 10 cm, para futuras análises.



Foto 15: Sedimento sendo peneirado. Autor: Ariana Braga. Acervo: UNITINS/NUTA.

Após a coleta e identificação todo material e documentação resultante das escavações seguiram para o NUTA, onde foi catalogado e está em processo de análise. Acredita-se que este processo ainda levará tempo para ser concluído devido à quantidade do material e a extensão do programa SALTESTREITO.



Foto 16: Depósito de sedimento resultante da escavação. Autor: Ariana Braga. Acervo: UNITINS/NUTA.

É sabido que se esta mesma escavação tivera ocorrido em outro contexto com tempo suficiente para se traçar um transecto ou ainda expandir as escavações por áreas afastadas do paredão, por exemplo, ter-se-iam melhores resultados e mais abrangentes tendo em vista a área do sítio. Mas como esta não foi à realidade dos trabalhos, fez-se o melhor possível tendo em vista o tempo, buscando privilegiar as gravuras que não estão protegidas da inundação por camadas sedimentares.





Sendo assim fica todo o pesar pelo ocorrido, entretanto este sentimento é suprido pela consciência que fora feito o melhor possível dentro da realidade concedida a este trabalho.

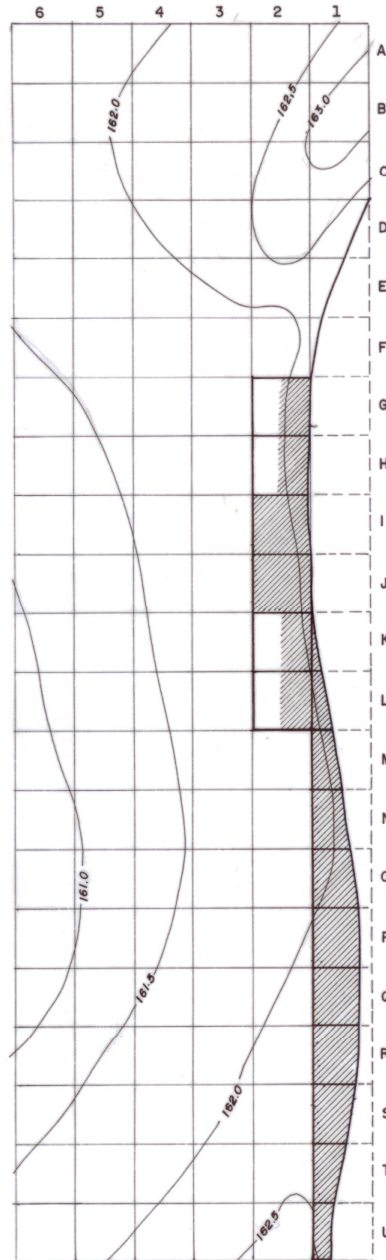
PROGRAMA SALTESTREITO
 PROGRAMA DE LEVANTAMENTO SALVAMENTO E MONITORAMENTO
 DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL, PAISAGÍSTICO E
 ARQUEOLÓGICO DA U.H.E DE ESTREITO
 SÍTIO ARQUEOLÓGICO TESTA BRANCA II
 MUNICÍPIO: ESTREITO - MA.

PLANTA DE RESGATE ARQUEOLÓGICO



LEGENDA

-  SETORIZAÇÃO (2mX2m)
-  CORTE ESTRATIGRÁFICO (ESCAVAÇÃO)
-  LINHA DE TERRA (LT.-PAREDÃO)
-  CURVA DE NÍVEL



Autor : ANTONIO AIRES
 UNITINS/NUTA

Mapa 8: Planta de resgate arqueológico, acervo UNITINS/NUTA. Autor: Antônio Aires.

3.4 Contexto arqueológico

A distribuição do material arqueológico se mostrou de forma relativamente organizada tendo uma distribuição uniforme e contínua em toda a extensão da área escavada. Podendo reconhecer pelo menos três horizontes de ocupação desta área, visto que as análises líticas, cerâmicas e sedimentológicas estão em andamento não tendo porem nem uma análise laboratorial conclusiva. Logo serão relatados aqui os dados da escavação e as informações preliminares dos trabalhos em laboratório.

Segue a descrição dos cortes por ordem decrescente, ou seja, inicia-se pela camada de ocupação mais antiga correspondente ao último nível escavado.

Corte G1: Sem presença de material arqueológico entre os níveis 110 cm a 70cm. Com material lito-cerâmico nos níveis 60-70 cm e 50-60 cm. Seguindo com camadas estéreis dos níveis 40-50 cm ao 0-10 cm.

Corte G2: Primeiras camadas com ausência de material arqueológico. Inicia-se a ocupação com uma camada lítica no nível 70-80 cm seguido de duas camadas lito-cerâmicas nos níveis 60-70 cm e 50-60 cm. Seguindo estéril até o nível 10-20 cm onde foi encontrado uma placa gravada resultante do deslocamento natural do suporte rochoso. Seguindo sem ocorrência no nível 0-10 cm.

Corte H1: Entre os níveis 100-110 cm a 90-100 cm não foi constatada a presença de material arqueológico. No nível 80-90 cm aparece material lítico, seguido de material cerâmico nos níveis 70-80 cm e 60-70 cm. O nível 50-60 não apresentou nem um tipo de vestígio arqueológico. No nível 40-50 cm foi encontrado material lítico, seguido de camadas estéreis entre 30-40 cm e 0-10 cm.

Corte H2: Primeira ocorrência de material lítico acontece no nível 100-110 cm, seguido de uma camada estéril. Recomeçando surgir material lito-cerâmico no nível 80-90 cm até o nível 50-60 cm. Entre os níveis 40-50 cm e 30-40 cm foi detectado material lítico. No nível 20-30 cm encontrou-se um bloco com gravuras resultante do deslocamento do paredão rochoso, seguindo estéril até o último nível, 0-10 cm.

Corte I1: Possui uma larga camada de 100 cm sem ocorrência de material arqueológico. Surgindo no nível 40-50 cm material lito-cerâmico seguido por duas camadas estéreis. Aparecendo no nível 10-20 cm material lítico, seguido do nível estéril 0-10 cm (Foto 30).

Corte I2: Os primeiros níveis, tendo em vista que este corte foi escavado até a exposição da rocha matriz, foram estéreis entre os níveis 230-240 cm ao 200-210 cm. Prosseguindo com uma camada lítica de 30 cm entre os níveis 190-200 cm ao 170-180

cm, sendo que neste último além do material lítico também foi encontrado um fragmento do suporte rochoso com gravura rupestre. A seguir permanece estéril por 70 cm entre os níveis 160-170 cm a 100-110 cm. Seguido por uma ocupação lito-cerâmica entre os níveis 90-100 cm e 40-50 cm. Entre os níveis 30-40 cm e 20-30 cm obteve-se somente material cerâmico. Seguido por camadas com ausência de material arqueológico até o nível 0-10 cm.

Corte J2: Mostra-se completamente estéril da rocha matriz a 240 cm até o nível 210-220 cm, com a primeira camada de ocupação humana no nível 200-210 cm, com material lítico. A seguir de uma camada estéril, com retomada do material lítico nos níveis 180-190 cm e 170-180 cm, prosseguido de uma camada lito-cerâmica, 160-170 cm. Seguindo estéril¹³ por 50 cm, dos níveis 150-160 cm aos 110-120 cm, com o surgimento de uma fração do paredão rochoso gravado no nível 140-150 cm. No nível 100-110 cm surge a ocupação lito-cerâmica seguindo até o nível 40-50 cm. O nível superior 30-40 cm é um horizonte cerâmico, seguido de camadas estéreis até o último nível, 0-10 cm (Fotos 24 e 25).

Corte K1: Com dois níveis estéreis 130-140 cm e 120-130 cm, prosseguidos por um nível lítico 110-120 cm e outro cerâmico 100-110 cm. Seguido de camadas lito-cerâmicas entre os níveis 90-100 cm e 60-70 cm. Finalizando a presença de material arqueológico com uma camada lítica nível 50-60 cm (Foto 26).

Corte K2: Os dois primeiros níveis escavados 130-140 cm e 120-130 cm com presença de material lítico, seguido de um nível estéril entre a segunda camada lítica no nível 100-110 cm. O horizonte lito-cerâmico ocupa grande espaço entre as camadas 90-100 cm e 40-50 cm. Entre os níveis 30-40 cm e 0-10 cm não foi encontrado indícios de ocupação humana (Fotos 17 e 31).

Corte L1: Foi escavado até o nível 120-130 cm com as três últimas camadas sem presença de material arqueológico. A primeira camada úbere é o nível 90-100 cm, com presença de material lítico. Após o nível lítico constatamos 5 níveis lito-cerâmicos entre os níveis 80-90 cm e 40-50 cm, seguido de um nível somente lítico, 30-40 cm. Finalizando com nível estéril de 20-30 cm a 0-10 cm.

Corte L2: Camada lítica entre 130-140 cm com 20 cm de intervalo sem ocorrência de material arqueológico, retomando outro nível lítico entre 110-100 cm. Seguido por dois níveis lito-cerâmicos, 90-100 cm e 80-90 cm. Depois de 10 cm estéril

¹³ Considera-se as camadas estéreis mesmo na presença de fragmentos do suporte rochoso gravados, pois este está em contexto arqueológico por razões naturais e não por ação antrópica.

retoma-se a ocupação com 3 níveis lito-cerâmicos entre 60-70 cm e 40-50 cm. Sendo os últimos níveis estéreis. (Foto 18)

Corte M1: Inicia-se estéril do nível 130-140 cm ao 120-130 cm. No nível 110-120 cm surge material lítico seguido por outra camada cerâmica, 100-110 cm, voltando ao lítico no nível seguinte, 90-100 cm. Seguido de uma larga camada lito-cerâmica que inicia no nível 80-90 cm e finaliza-se no nível 40-50 cm. Surge um nível unicamente cerâmico no nível 30-40 cm. Com intervalo de 10 cm, surge um nível lítico em 10-20 cm. Sendo o ultimo nível estéril (Foto 27).

Corte N1: A escavação chegou até o nível 100-110 cm, sendo as duas ultimas camadas estéreis. Aparece no nível 80-90 cm material lito-cerâmico que segue ininterrupto até o nível 40-50 cm. No nível 30-40 cm surge material somente lítico, seguido por níveis estéreis até o nível 0-10 cm (Foto 19).

Corte O1: Os primeiros níveis escavados foram estéreis, o material lito-cerâmico surge no nível 70-80 cm seguindo até o nível 40-50 cm, com um intervalo de 10 cm retomando no nível 20-30 cm. As duas últimas camadas seguiram estéreis (Fotos 20 e 21).

Corte P1: O material lito-cerâmico surge após duas camadas estéreis no nível 80-90 cm. Seguido de uma camada cerâmica, nível 70-80 cm, neste mesmo nível foi encontrado um fragmento do suporte rochoso gravado. No nível 60-70 cm houve somente material cerâmico. As duas camadas seguintes apresentaram materiais lito-cerâmicos, 50-60cm e 40-50 cm, voltando a ser somente cerâmico no nível seguinte, 30-40 cm. Os três últimos níveis seguiram estéreis, entretanto no nível 10-20 cm surgiu um bloco gravado resultado do deslocamento natural do suporte rochoso.

Corte Q1: Este corte é unicamente cerâmico, surgindo no nível 70-80 cm encerrando no nível 30-40 cm (Fotos 22 e 28).

Corte R1: Escavado até o nível 100-110 cm, inicia sua ocupação com material lítico no nível 90-100 cm, seguido de um nível estéril. Surgem dois níveis cerâmicos, 70-80 cm e 60-70 cm. Seguidos de dois níveis lito-cerâmicos, 50-60 cm e 40-50 cm. Dando continuidade com material somente cerâmico no nível 30-40 cm e somente lítico no nível seguinte, 20-30 cm. Finalizando com níveis estéreis até o 0-10 cm (Foto 29).

Corte S1: Inicia-se com os primeiros níveis estéreis, entre 100-110 cm e 80-90 cm. Com a primeira ocorrência de material entre 70-80 cm e 60-70 cm, sendo estes cerâmicos. Surgindo no nível 50-60 cm material lítico em conjunto com o cerâmico, entretanto no nível seguinte volta ser ocupado por material cerâmico, em 40-50 cm, retomando no nível seguinte a ocupação lito-cerâmica no nível 30-40 cm.

Corte T1: Ocorrência apenas de material cerâmico em um único nível, 40-50 cm. Sendo todos os outros níveis completamente estéreis.

Corte U1: Somente material cerâmico em um único nível, 30-40 cm.

É notória certa uniformidade na distribuição (Tabela 2) do material arqueológico, contatando no mínimo três momentos de ocupação, como já havia sido constatado durante as escavações. O primeiro entre os níveis, 200-210 cm e 170-180 cm. Este se caracteriza por líticos grosseiros com matéria prima de má qualidade sendo todos os artefatos em arenito com um nível muito baixo de silicificação e sem presença de cerâmica. O segundo nível também lítico, entretanto com uma matéria prima um pouco melhor com presença de arenitos e quartzos entre os níveis 130-140 cm e 110-120 cm. A terceira camada é bastante extensa indo do nível 100-110 cm ao 30-40 cm, esta é caracterizada por apresentar uma grande quantidade de cerâmica com diferentes temperos e decorações, havendo fragmentos corrugados outros engobados e simples. A presença de material lítico também é abundante, com uma matéria prima mais refinada que das camadas anteriores, com inserção do sílex e do quartzo hialino. Uma quarta camada é passível de discussão, pois se encontrou no nível 10-20 cm em dois cortes (M1 e I1) material lítico, entretanto esta hipótese é pouco viável tendo em vista que se trata de uma lasca em cada corte sendo uma em arenito e outra em sílex, semelhante ao material da camada anterior, logo este material pode ter sido revolvido ou ainda esta camada pode ter uma extensão mais ampla chegando até o nível 10-20 cm.

É válido ressaltar que aqui se trata de hipóteses, pois estas questões só poderão ser esclarecidas com o finalizar das análises laboratoriais do material arqueológico.



Foto 17: Corte K2, nível 40-45 cm. Autor: Ariana Braga



Foto 18: Corte L2, nível 60-65 cm. Autor: Ariana Braga



Foto 19: Corte N1, nível 60-65 cm. Autor: Ariana Braga



Foto 20: Corte O1, nível 60-55 cm. Autor: Ariana Braga



Foto 21: Borda de vasilhame. Corte O1, nível 50-55 cm. Autor: Ariana Braga



Foto 22: Corte Q1, nível 35-40 cm. Autor: Ariana Braga



Foto 23: Corte G2, nível 60-65 cm. Autor: Ariana Braga



Foto 24: Corte J2, nível 40-50 cm. Autor: Ariana Braga



Foto 25: Corte J2, nível 50-60 cm. Autor: Ariana Braga



Foto 26: Corte K1, nível 85-90 cm. Autor: Ariana Braga



Foto 27: Corte M1, nível 80-85 cm. Autor: Ariana Braga



Foto 28: Corte Q1, nível 30-35 cm. Autor: Ariana Braga



Foto 29: Corte R1, nível 45-50 cm. Autor: Ariana Braga



Foto 30: Corte I1, nível 170-180 cm. Autor: Ariana Braga



Foto 31: Corte K2, nível 40-45 cm. Autor: Ariana Braga

Tabela de distribuição do material arqueológico

Sítio: Testa Branca II
Programa: SALTESTREITO

CORTE	G		H		I		J	K		L		M	N	O	P	Q	R	S	T	U	
	1	2	1	2	1	2	2	1	2	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	
0-10												●								●	
10-20					●							●									
20-30			●			●								●			●				
30-40			●	●		●	●			●		●	●		●	●	●	●		●	
40-50			●	●	●	●	●			●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
50-60	●	●		●	●	●	●		●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
60-70	●	●		●	●	●	●		●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
70-80		●		●	●	●	●		●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
80-90			●	●	●	●	●		●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
90-100					●	●	●		●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
100-110			●			●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
110-120								●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
120-130									●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
130-140									●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
140-150																					
150-160																					
160-170							●														
170-180							●	●													
180-190							●	●													
190-200							●	●													
200-210							●	●													
210-220							●	●													
220-230							●	●													
230-240							●	●													

- Legenda**
- Deslocamentos gravados
 - Lítico-cerâmico
 - Cerâmico
 - Lítico
 - Estéril

Autor: Ariana Silva Braga

Tabela 2: Distribuição do material arqueológico.

3.5 As gravuras

O sítio TBII inicia-se em um painel gravado dentro da cavidade, que será tratado como “painel do abrigo”, tendo em vista que esta é uma pequena área gravada que denuncia a provável decoração do abrigo antes dos desmoronamentos e desgastes das suas paredes.

A parede direita do abrigo estende-se a sul formando um grande paredão, sendo este decorado por grande quantidade de gravuras, sua extensão é de 30m. A decoração deste paredão é elaborada por intensidades diferentes em seu percurso, possuindo áreas densamente gravadas com diversas sobreposições e outras imaculadas sem um sulco sequer. Sendo assim este suporte rochoso foi dividido em 4 painéis para dinamizar a análise, tendo em vista as áreas dos vácuos e as fraturas naturais da rocha suporte, iniciando a divisão numérica da esquerda para a direita, da mesma forma da numeração do levantamento.

Estes painéis por sua vez demonstram diferentes intensidades de ocupação e diferentes formas do ponto de vista da escolha das técnicas e dos motivos a serem gravados. Verificou-se uma preferência temática em cada um dos painéis. As sobreposições em geral compõem as formas, observou-se que a intenção destas não era extinguir a anterior, por vezes aparentam com mesma patina da anterior, levantando a hipótese de terem sido elaboradas no mesmo período, reforçando a hipótese de composição.

Cada painel foi analisado do ponto de vista quantitativo, técnico e das escolhas dos motivos, após esta análise individual de cada painel juntou-se as informações trazendo uma análise global do sítio.

Para as análises quantitativas foi atribuído um número a cada tipologia. Vale ressaltar que a atribuição das tipologias (Tabela 3) foi elaborada como ferramenta de análise, entendendo que estas podem ser variáveis discutíveis do ponto de vista do contexto arqueológico. Sendo assim faz-se necessário esclarecer os termos.

Tipologia	Nº
Antropomorfo: figura que apresenta características humanas.	1
Zoomorfo: representação animal.	2
Sulco: uma reta.	3
Linhas múltiplas: várias retas desordenadas	4
Círculo: representações arredondadas	5
Semi-círculo: a metade de um círculo.	6
Círculo concêntrico: círculo com círculos internos.	7
Espiral : espiralados simétricos ou não.	8
Oval : motivos ovais, não necessariamente simétricos	9
Soliforme: formato de sol	10
Podomorfo: formato de pé	11
Podomorfo com cúpulas: formato de pé com pododáctilos representados por cúpulas	12
Ferradura: Com forma de ferradura	13
Serpentiforme: Linha ondulada	14
Escaliforme: motivo geométrico em forma de “escada” com duas retas paralelas na vertical e diversas retas perpendiculares, na horizontal.	15
Grupo de pontos densos: grupo de pontos aglomerados	16
Grupo de pontos dispersos: grupo de pontos distantes	17
Grupo de cúpulas: cúpulas em conjunto formando figuras ou retas	18
Cúpulas: gravura de morfologia arredondada afeiçoada e profunda	19
Indecifrável: motivos não reconhecíveis ao pesquisador	20
Outros	21
Tridígito: três retas que se convertem em um ponto central.	22
“X”	23
“V”	24
Machado: gravuras com morfologia semelhante a machados	25
Cruciforme: forma de cruz	26
Geométrico: grupo de sulcos formando figura geométrica	27
“H”	28
Fitomorfo: representações de plantas	29
“T”	30
“L”	31
Zig-zag: figura geométrica simétrica ou não, formado por série de sulcos na perpendicular variando o sentido.	32

Tabela 3: Descrição dos motivos e numeração dos mesmos.

3.5.1 PAINEL DO ABRIGO

Este se encontra na parte interna do abrigo, em uma área com grau acelerado de intemperismo com grande parte do suporte fragmentado, sendo este painel o testemunho de que o abrigo também poderia ter sido decorado como o paredão ao lado direito. O painel do abrigo esta na parede esquerda (Foto 32) do abrigo em uma superfície de pátina semelhante a algumas áreas do paredão rochoso, o que nos leva a crer que estas gravuras fazem parte do mesmo contexto temporal.

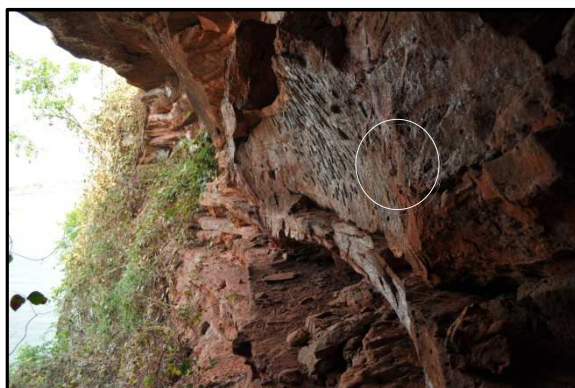


Foto 32: Vista da parede interior esquerda do abrigo, indicação da área gravada pelo círculo. Autor: Ariana Braga. Acervo: UNITINS/NUTA.

Logo este painel (Foto 33) é um pequeno exemplar, composto por um tridígito, uma figura irreconhecível e um sulco (Fig. 8). A técnica implantada para a manufatura destas gravuras foi à abrasão. As gravuras estão a aproximadamente 50cm do solo, com um grau acelerado de degradação, com diversas fraturas. A pátina é composta por cor acinzentada recobertas por manchas brancas provocadas por líquens. As zonas de coloração alaranjada são resultados do processo de deslocamentos finos, que retiraram parte da pátina, deixando a região com maior grau de sensibilidade.



Foto 33: Painél 1 do abrigo, único vestígio de gravura na parte interior do abrigo. Autor: Ariana Braga. Acervo: UNITINS/NUTA.

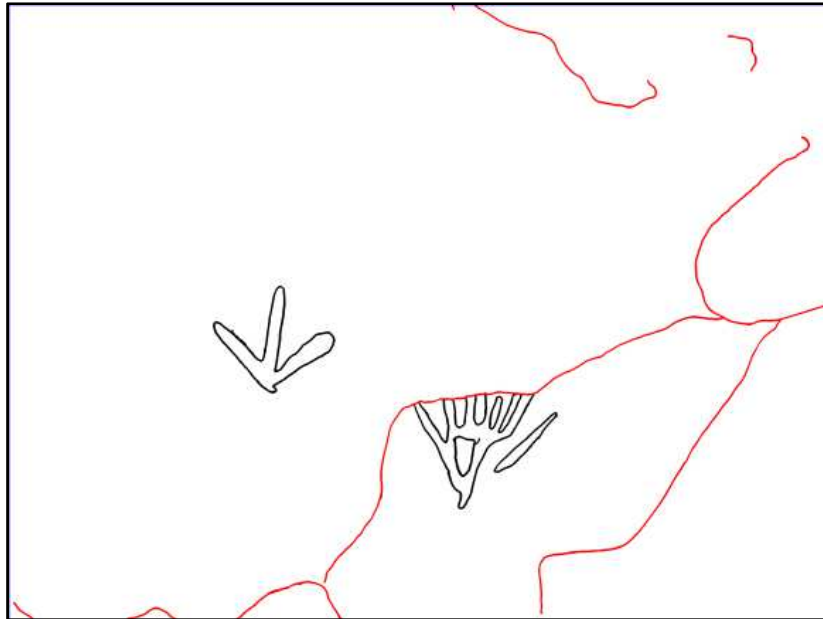


Figura 8: Levantamento, painel 1 do abrigo. Autor: Ariana Braga. Acervo: UNITINS/NUTA.

3.5.2 Painel 1

Nos seus 480 cm de comprimento por 180 cm de altura mostra-se com uma intensidade moderada de gravação, com poucas sobreposições, sendo as gravuras organizadas de forma dispersa sobre a superfície rochosa. As gravuras estão organizadas entre as fraturas menores do painel, sendo divididas em duas partes (Painel 1A e Painel 1B) tendo em vista o relevo da rocha suporte, que faz esta divisão naturalmente.

A primeira parte (Fig.9) com motivos como tridígitos, sulcos, pontos picoteados densos e dispersos e um antropomorfo esquematizado. Observa-se nesta parte a disposição dos motivos na vertical, com orientação oeste – leste, havendo poucos sulcos distribuídos aleatoriamente.

Nota-se ao lado direito do antropomorfo um motivo cruciforme (Fig. 9), semelhante ao tronco do antropomorfo. O fato da proximidade, da semelhança, da mesma técnica aplicada para confecção e a pátina interior dos sulcos indica a provável filiação destes motivos, havendo a possibilidade deste cruciforme ser a esquematização do antropomorfo ou ainda um antropomorfo abandonado no seu processo de execução.

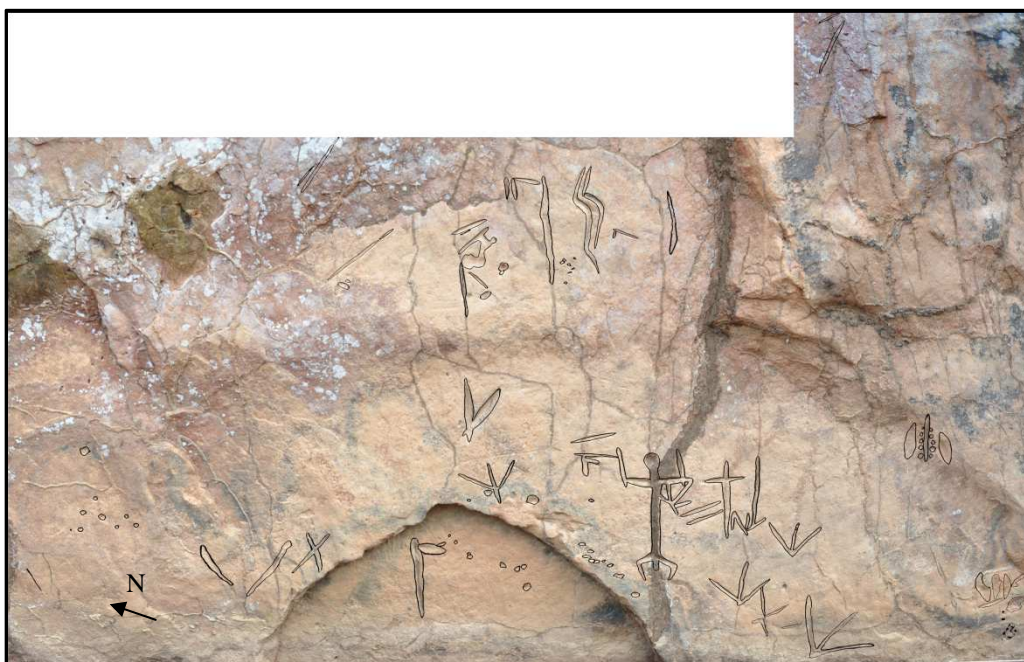


Figura 9: Painel 1, parte A. Autor: Ariana Braga. Acervo: UNITINS/NUTA.

Do ponto de vista da conservação até o momento do levantamento esta área se mostra em bom estado sendo agravada pela ação dos cupins (Foto 34) não havendo intervenções humanas contemporâneas.

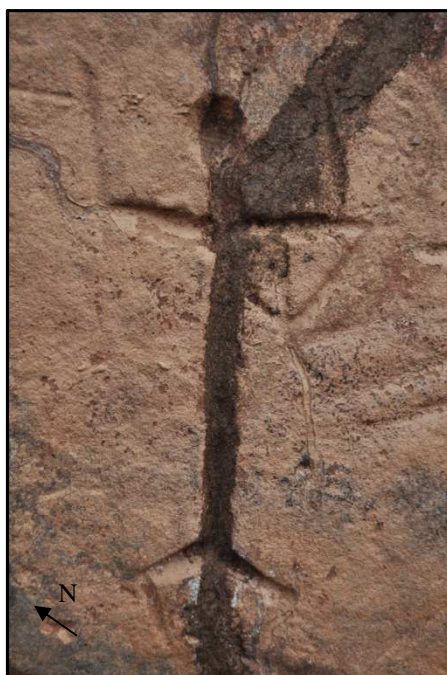


Foto 34: Ação dos cupins sobre o antropomorfo. Autor: Ariana Braga. Acervo: UNITINS/NUTA.

A segunda parte (Fig.10) é composta majoritariamente por sulcos simples produzidos por abrasão, entretanto podemos observar uma grande variedade de motivos como tridígitos, “V”, “X”, machados, “ferraduras”.



Figura 10: Painei 1, parte B. Autor: Ariana Braga. Acervo: UNITINS/NUTA.

Os podomorfos estão dispostos na mesma direção assim como a representação da mão (Fig. 11). Estes foram gravados com a associação de duas técnicas (Fig. 12) o picoteamento seguido da abrasão, podendo observar resquícios dos picoteados (Fig. 12. 2 e 4) nas zonas das extremidades destes motivos.

Os pododáctilos dos podomorfos foram elaborados afeiçoando a área com cúpulas levemente ovais de tamanhos diferentes formando a anatomia correta de pés humanos. Devido à representação cuidadosa dos pododáctilos por meio dos diferentes tamanhos das cúpulas (Fig. 12, 1) identifica-se por meio dos háluces, qual dos podomorfo foi representado, o destro ou o canhoto. Sendo assim identificou-se o podomorfo 1 (Fig.11) como sendo canhoto e o 3, 2, 4 e 5 destro, os outros podomorfos não foram passíveis de identificação por estarem fraturados ou ainda por não haver uma anatomia que permitisse tal identificação.

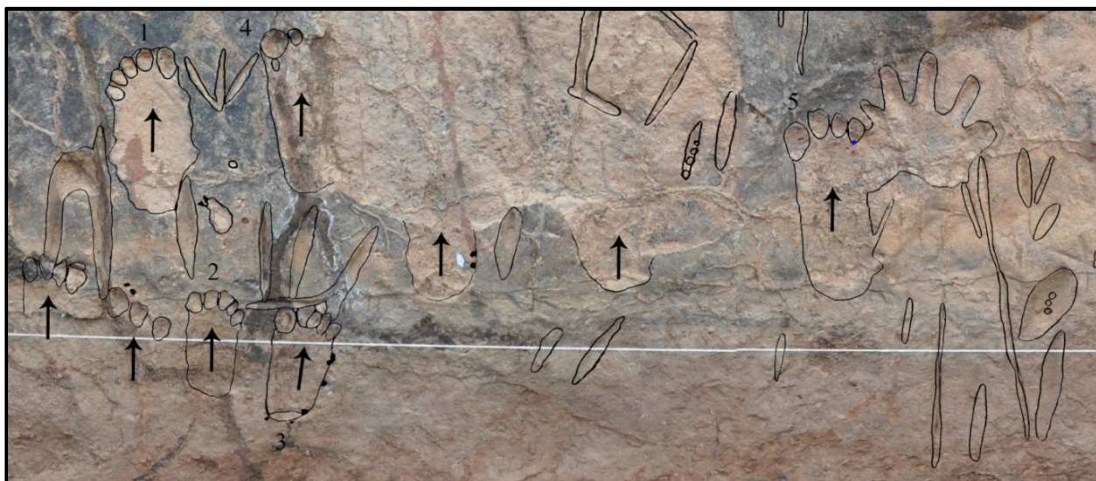


Figura 11: Podomorfos Painei 1, área B. Setas indicando sua orientação. Autor: Ariana Braga.



Figura 12: Podomorfo Painel 1, parte B. Detalhes das técnicas de produção. Autor: Ariana Braga

Observa-se uma grande fratura no centro do painel que corta duas gravuras que assemelham a parte inferior dos podomorfos inteiros (Fig. 13), esta constatação abre duas hipóteses: a manufatura dos podomorfos com o objetivo de aproveitar a fratura já existente ou o deslocamento após a execução das gravuras, permitindo inferir uma idade menor aos sulcos internos. Entretanto as marcas do deslocamento nas proximidades dos podomorfos fraturados assemelham a fraturas posteriores, pois os vértices das fraturas estão com ângulos retos nas proximidades da área gravada.

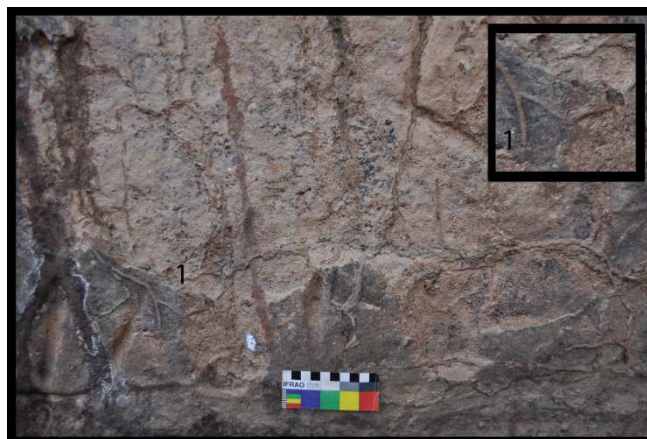


Figura 13: Detalhe da fratura central do Painel 1 B. Autor: Ariana Braga

Os machados são representados de formas morfológicas diferentes, entretanto todos encabados. O primeiro (Fig. 14, 1) possui a representação da lâmina bem afeiçãoada nas extremidades formando uma concavidade acentuada na sua lamina. Podemos observar no seu cabo marcas do processo de abrasão (Fig. 14, A). O segundo machado (Fig. 14, 2) apresenta em sua lâmina um conjunto de picoteados na zona

central do gume (Fig. 14, B). Os dois últimos (Fig. 14, 3) são visivelmente diferentes dos demais, a começar pela técnica de produção sendo majoritariamente picoteado (Fig. 14. C), o inverso dos outros, com lâminas com ângulos mais retos, remetendo aos machados petalóides. Ao contrário dos outros sua disposição é vertical, com encabamento também reto sem detalhe algum nas extremidades do cabo, este por sua vez foi afeiçoado por abrasão após a picotagem, no entanto a picotagem não foi totalmente coberta pela abrasão.

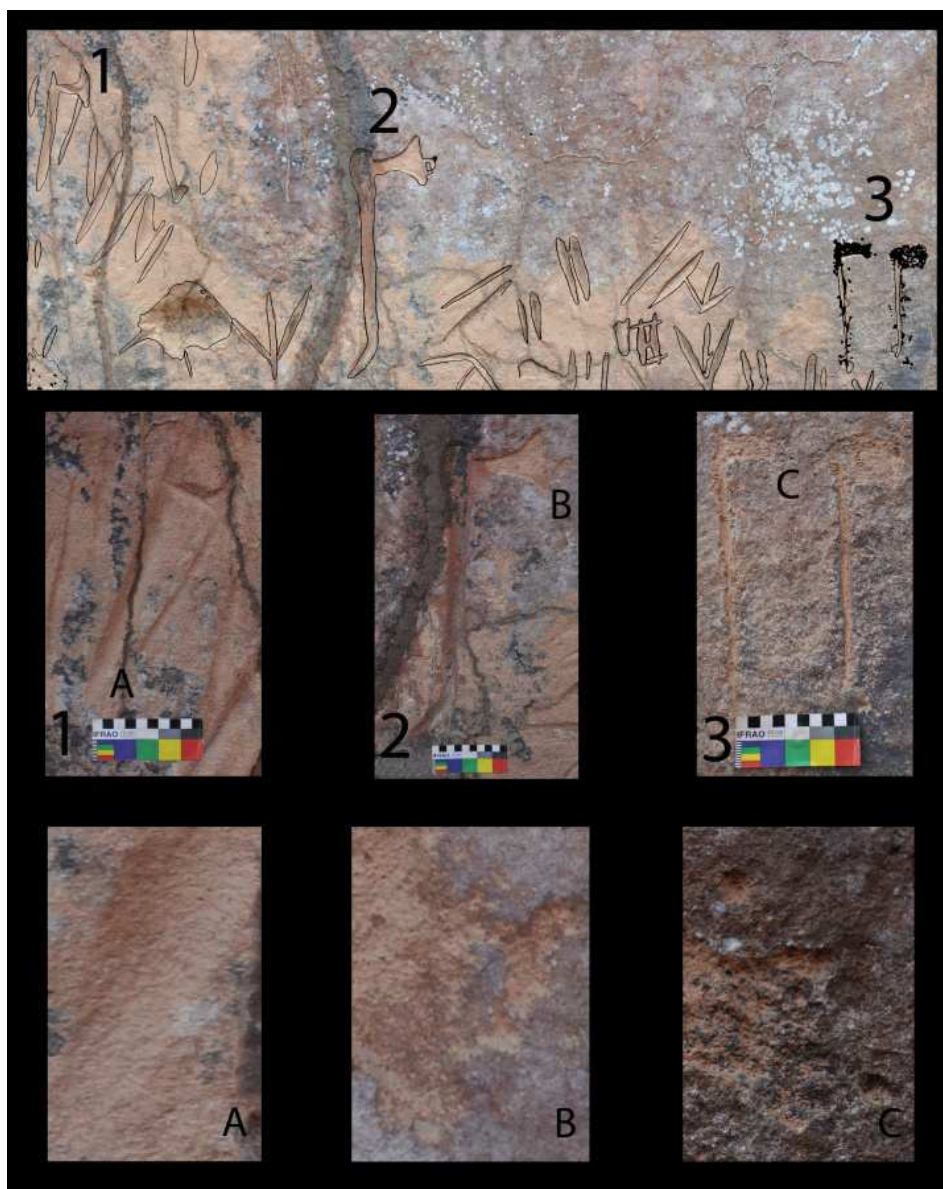


Figura 14: Técnica de produção dos machados gravados. Autor: Ariana Braga

Em geral os motivos do Painel 1 são representados com certas preferências (Gráfico 1), observamos o domínio dos sulcos simples, contudo suas dimensões são menores, sendo os motivos em menor quantidade representados mais visíveis, em especial os machados que estão representados na parte superior do painel.

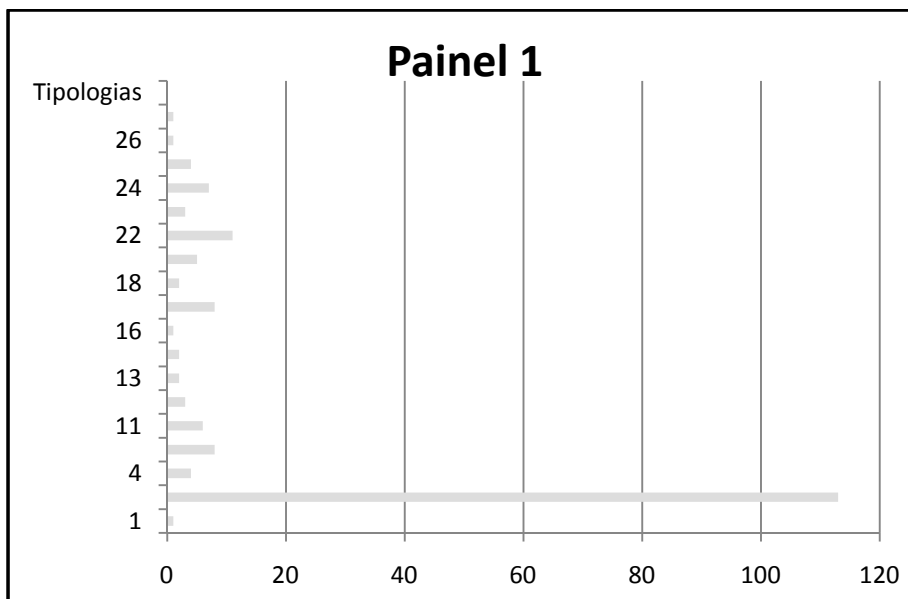


Gráfico 1: Distribuição quantitativa das gravuras no painel 1. Sendo Y a tipologia e X a representação quantitativa destas tipologias. Autor: Ariana Braga

Para a execução das gravuras houve uma variedade de três técnicas sendo elas: o picoteado denso, picoteado disperso, a abrasão e a picotagem associada a abrasão. Dos 179 motivos gravados 170 foram elaborados pela abrasão, sendo os outros casos representados por 3 exemplares cada. Evidenciando a preferência pela abrasão, sendo esta escolha possível e facilitada pela baixa dureza do suporte.

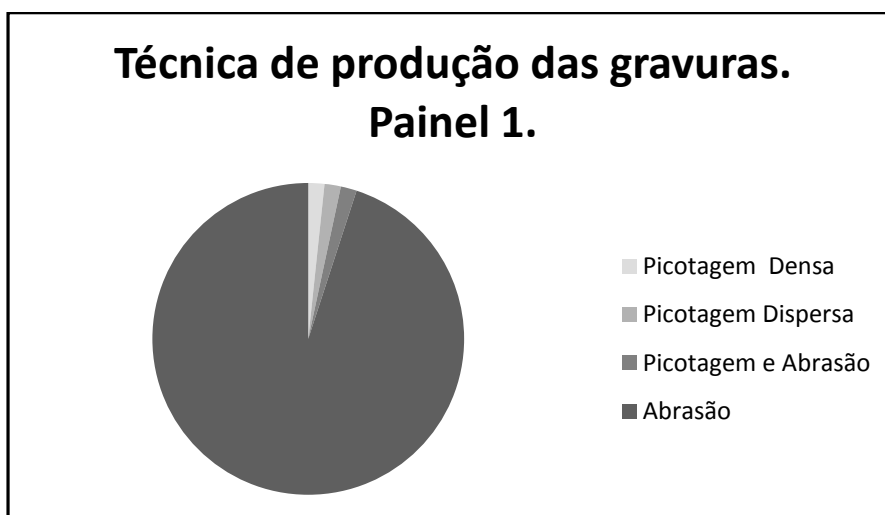


Gráfico 2: Técnica de produção aplicada a manufatura das gravuras no Painel 1. Autor: Ariana Braga

As 12 gravuras em cotas negativas neste painel não ultrapassam do nível 30-35cm e estão relacionadas aos cortes H e I. Entretanto 99% delas estão entre os níveis 0-15 cm havendo partes visíveis antes da escavação.

No corte H2 entre os níveis 20-25 cm, foi encontrado um fragmento do suporte rochoso (Foto 35), entretanto não foi possível encaixá-lo no suporte. A placa consiste em um bloco com 1m x 50 cm, com um podomorfo e 3 sulcos gravados.



Foto 35: Bloco gravado encontrado no corte H2 no nível 20-25 cm. Autor: Ariana Braga. Acervo: UNITINS/NUTA.

A pátina deste painel é composta especialmente por uma camada mais argilosa depositada em toda a extensão do painel. Provavelmente tenha se formado devido à deposição de poeira durante a época de seca e logo a consolidação desta pela chuva no período seguinte, úmido. Havendo grande concentração desta camada nos sulcos mais profundos (Foto 36). Pode-se notar concentrações de líquens brancos, restos deixados por insetos como casas de cupim e áreas com uma pátina acinzentada, provavelmente produzida pelas queimadas, visto que havia mata até as proximidades do painel.



Foto 36: Detalhe da pátina no interior dos sulcos. Autor: Ariana Braga.

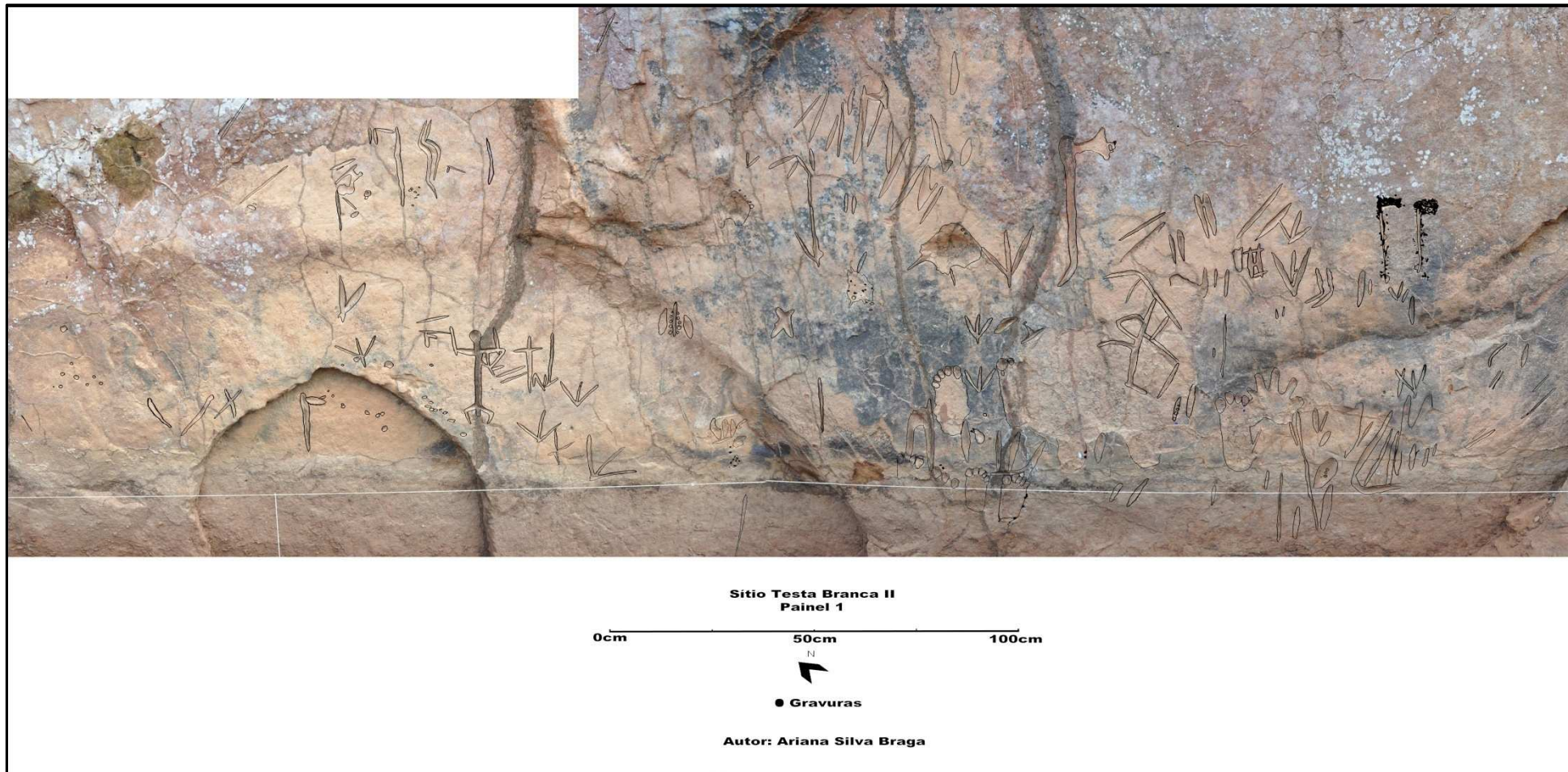


Figura 15: Painel 1 com sobreposição do levantamento Autor: Ariana Braga. Acervo: UNITINS/NUTA.

3.5.3 Painel 2

O painel 2 está posicionado na área de maior concentração de material arqueológico da área escavada e na zona mais abrigada do sítio sendo também a área de maior concentração de gravuras. Devido seu tamanho (800 cm de largura e 300 altura), suas fraturas e a densidade de gravuras dividiu-se o Painel 2 em duas partes (Painel 2A e Painel 2B).

O Painel 2 A (Fig. 16) está entre duas grandes fraturas a primeira a norte limite com o Painel 1B e a outra a sul parte limítrofe do Painel 2B. Esta área é densamente gravada com grande variedade temática e técnica.



Figura 16: Painel 2 área A. Autor: Ariana Braga.

As cúpulas neste sítio, em especial neste Painel, é parte da escolha técnica para a gravação, pois além das cúpulas tradicionais (Fig.17, foto 1 detalhe 1) espalhadas sobre o suporte observa-se que estas são dispostas entre as fraturas gerando formas (Fig. 18), associadas a motivos circulares e ovais formando os pododáctilos dos podomorfos (Fig.

17, foto 3 detalhe 3) dispostas na parte interior de sulcos polidos (Fig.17, foto 2 detalhe 2) ou dispostas entre sulcos compondo-se com outras formas (Fig. 17 foto 4 detalhe 4).

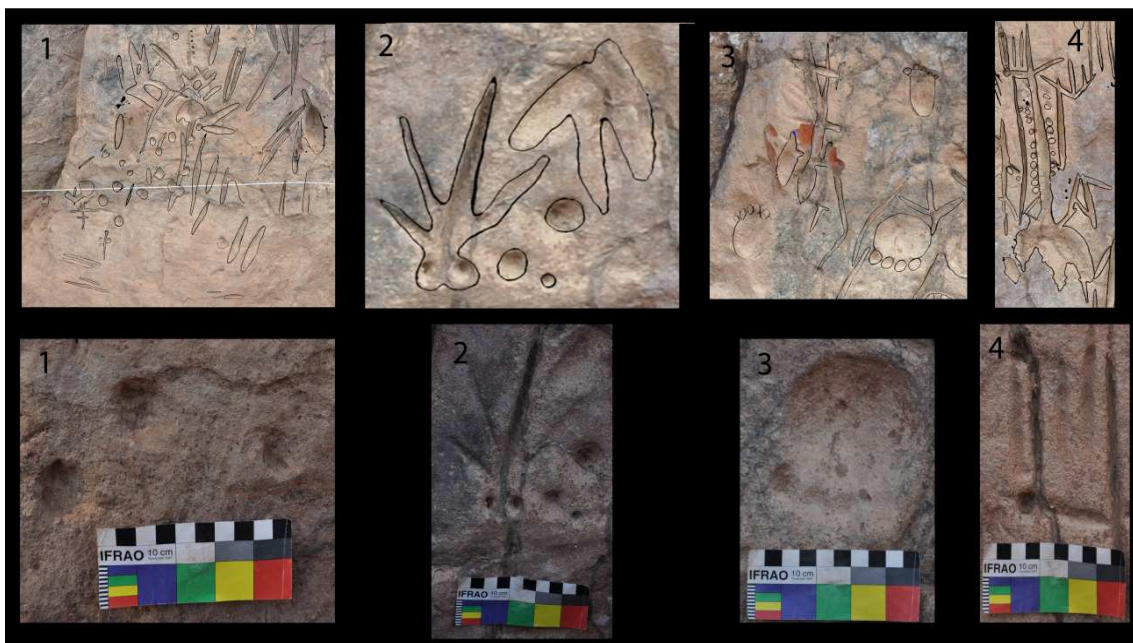


Figura 17: Formas de disposição das cúpulas no Painel 2 A. Autor: Ariana Braga.

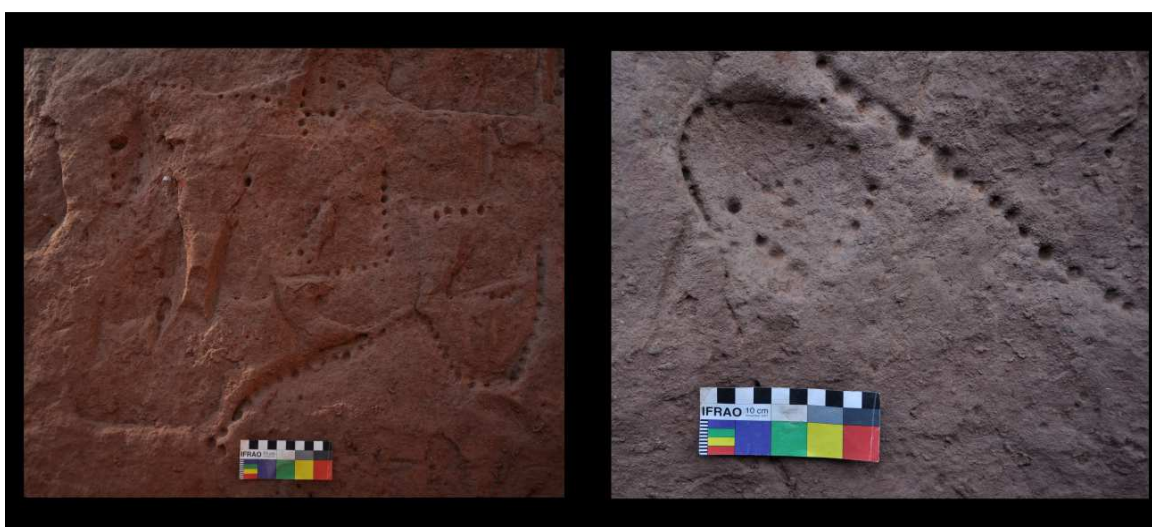


Figura 18: Detalhe dos motivos geométricos formados pelas cúpulas. Autor: Ariana Braga.

Observa-se a presença dos machados na zona superior do painel assim como no painel anterior (P1). Entretanto há um dos machados com uma decoração arredondada em seu cabo (Fig. 19, 2B) sendo este um exemplar único neste sítio, observamos que este machado se diferencia também na representação de sua lâmina sendo esta menos côncava e menor com relação ao cabo que os demais machados gravados por abrasão.



Figura 19: Detalhe dos machados gravados do Painel 2 A. Autor Ariana S. Braga. Autor: Ariana Braga.

Os tridígitos estão na parte superior da área gravada e apresentam-se desordenados (Fig. 20) do ponto de vista da disposição, fator diferenciador dos tridígitos encontrados no primeiro painel.

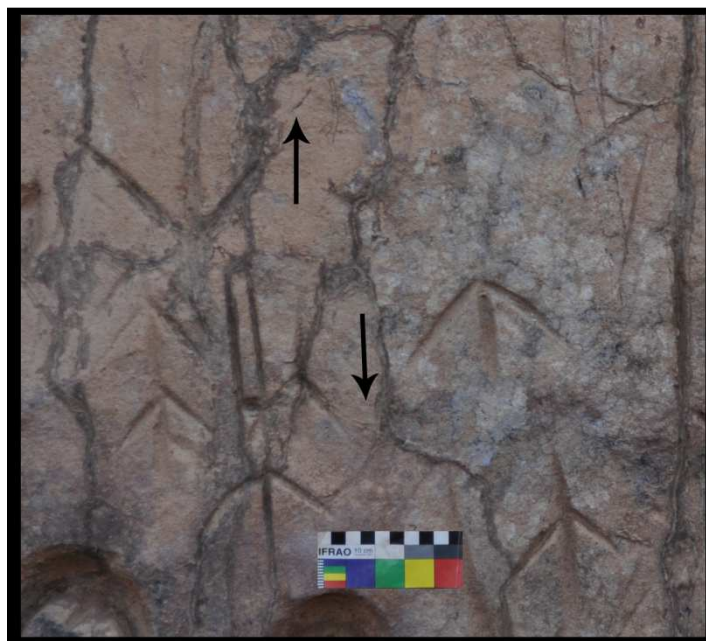


Figura 20: Tridígitos do Painel 2 A. Setas indicam a disposição dos mesmos. Autor: Ariana Braga.

É interessante observar a disposição dos fitomorfos neste painel, pois estão próximos aos machados (Fig. 19, machado 1 e Fig 21), remetendo uma associação. A disposição destes obedecem a certa ordem (leste-oeste e oeste-leste), a quantidade de sulcos para a produção deste motivo é variável, observa-se que esta falta de padrão recorre no tamanho dos fitomorfos (Fig. 21) e também no ângulo (Fig. 21 Foto 3 e 4) dos sulcos perpendiculares. Entretanto a técnica de produção é uma só, a abrasão.

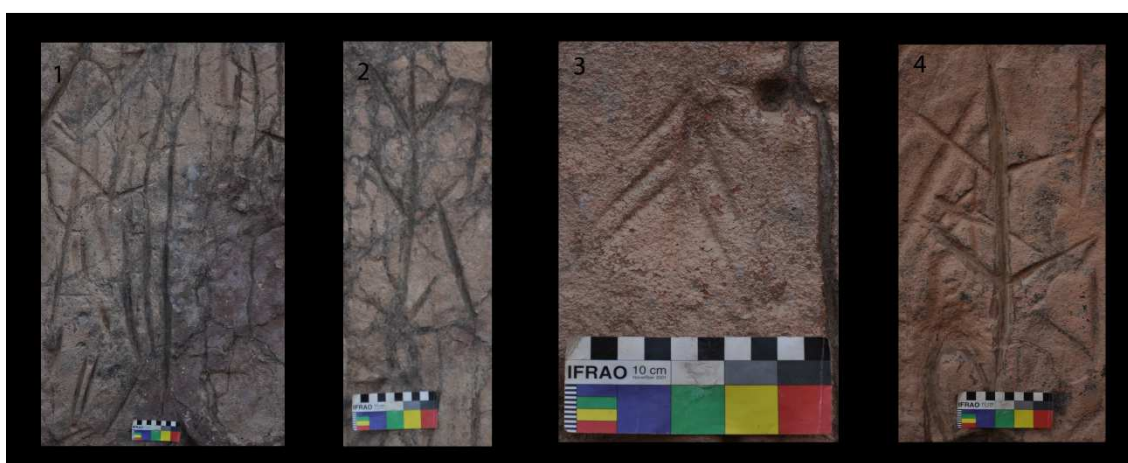


Figura 21: Exemplos de fitomorfos do Painel 2 A. Autor: Ariana Braga.

As “ferraduras” são profundas e produzidas pela associação da picotagem prévia a abrasão, pois se encontra resquícios da picotagem nas margens dos motivos (Fig. 22, 1 e 3). Este motivo por vezes aproveita-se de concavidades da rocha para ser produzido ou ainda encaixado entre fraturas (Foto 37). Por vezes suas extremidades são decoradas por outros sulcos alongando seu formato ou ainda ligando este motivo a outros (Fig. 22, 1).

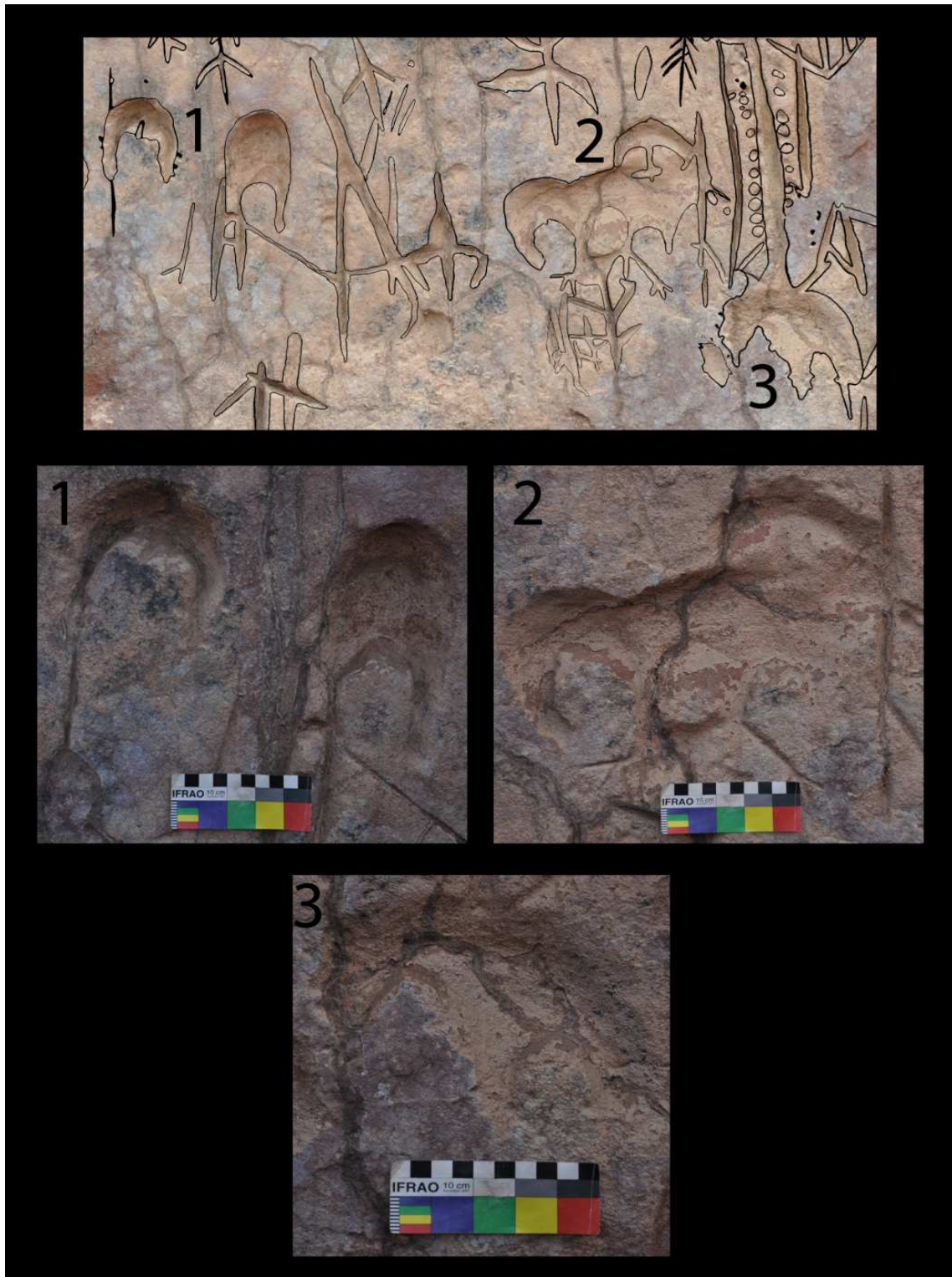


Figura 22: Detalhe das "ferraduras" do Painel 2A. Autor: Ariana Braga.



Foto: 37: Detalhe da “ferradura” próximo a fratura do suporte. Autor: Ariana Braga.

Os sulcos simples estão dispostos em grande maioria na vertical com tamanhos diferenciados sendo os motivos mais recorrentes do painel. Todos eles foram produzidos por abrasão, tendo suas áreas centrais profundas e extremidades rasas, diferença de profundidade resultante da técnica aplicada para sua execução (Foto 38).



Foto 38: Detalhe da extremidade dos sulcos simples abrasados. Autor: Ariana Braga.

Nota-se na parte inferior do painel cavidades decoradas (Fig. 23), entretanto estas parecem ter origem antrópica, pois observamos que em todo o sítio estas encontram-se somente nesta área e todas com decoração interna (Fig. 23. 1, 2 e 3) e algumas nas bordas (Fig. 23, 2A). Os motivos gravados no interior destas cavidades ovais são sulcos simples e pontos picoteados com tamanhos proporcionais as cavidades. Abaixo do maior motivo circular observamos uma nuvem de pontos (Fig. 23, 5) que remete um destes sulcos em processo de produção, pois está em uma área levemente côncava com sinais de abrasão e picotagem em formato oval.

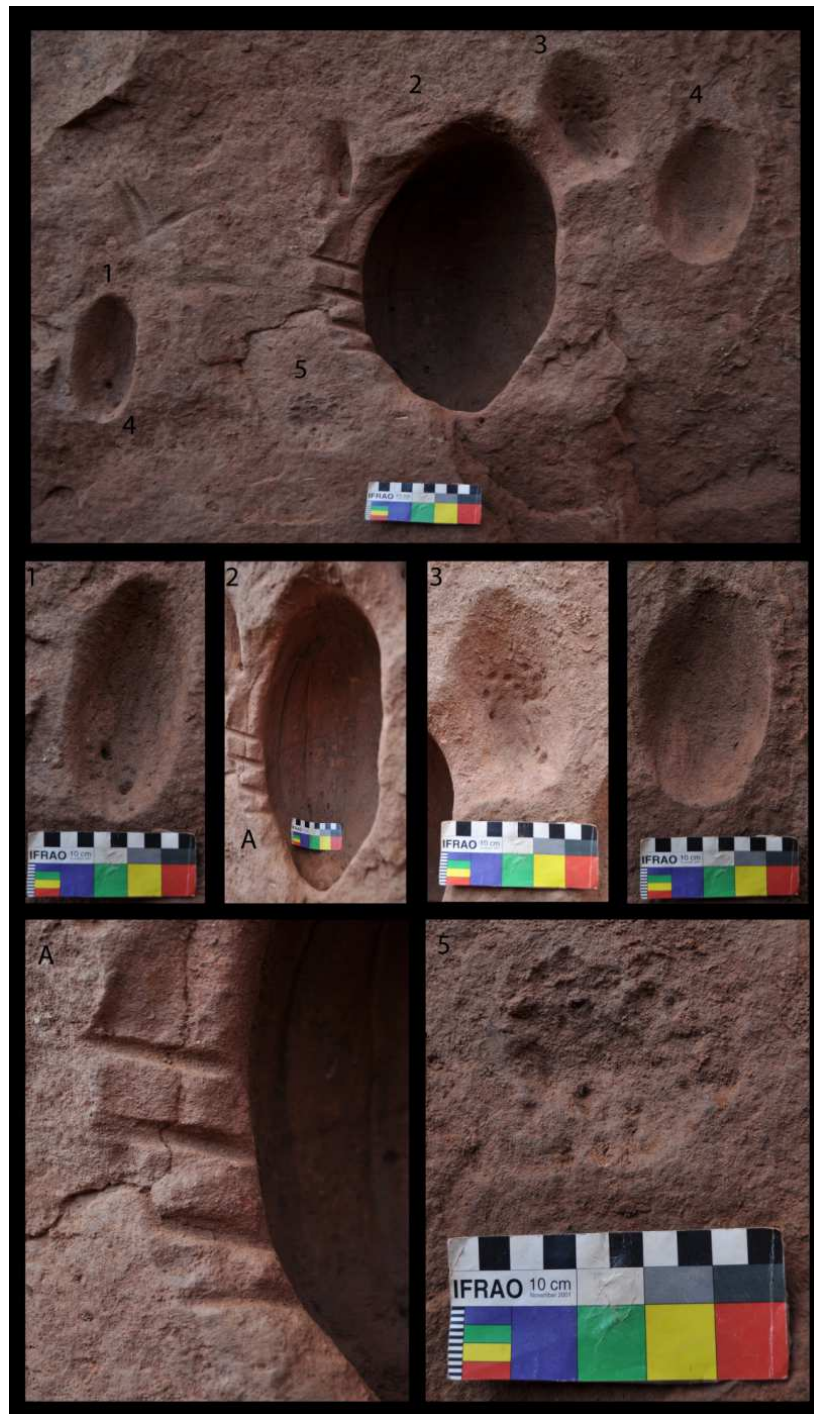


Figura 23: Detalhe dos motivos circulares fundos. Autor: Ariana Braga.

O Painel 2 B, está encaixado no interior de uma grande fratura natural. Parte do bloco resultante do deslocamento que gerou esta fratura foi encontrado inteiro, porém trincado no nível 140-145 cm (Fig. 25) o que nos remete a associação do bloco a fratura é seu formato (Foto 39) e tamanho compatível a parte superior da mesma, entretanto neste fragmento não havia gravuras, logo podemos associar as gravuras as camadas superiores a este nível.



Foto 39: Resgate, município de Estreito-MA, Sítio Testa Branca II, trabalho de escavação dos cortes I-1, I-2, e J-2. nível 130-140cm. Autor: Ariana Braga. Acervo: UNITINS/NUTA.

Surge no nível 120-125 cm do corte L1 outro fragmento do suporte com gravuras, dando-nos a possibilidade de associar as gravuras aos níveis superiores até este em questão, sabendo que a recorrência de blocos com gravuras segue nesta área como observamos ainda neste corte no nível 100-105 cm, no corte K1 entre os níveis 60-65 cm e no corte M1 no primeiro nível 0-10 cm (Fig. 24). Logo estas gravuras já existiriam a partir da segunda ocupação lítica até a ocupação lito-cerâmica. Entretanto estas associações só poderão se concretizar com a análise sistemática do material arqueológico, ainda não concluída.

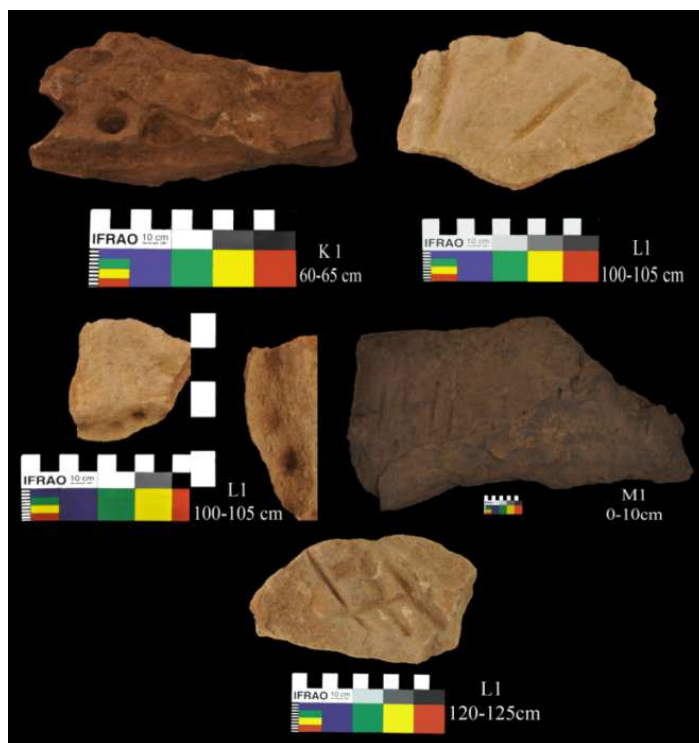


Figura 24: Blocos gravados encontrados em contexto arqueológico resultante do processo natural de deslocamento do suporte rochoso. Autor: Ariana Braga. Acervo: UNITINS/NUTA.

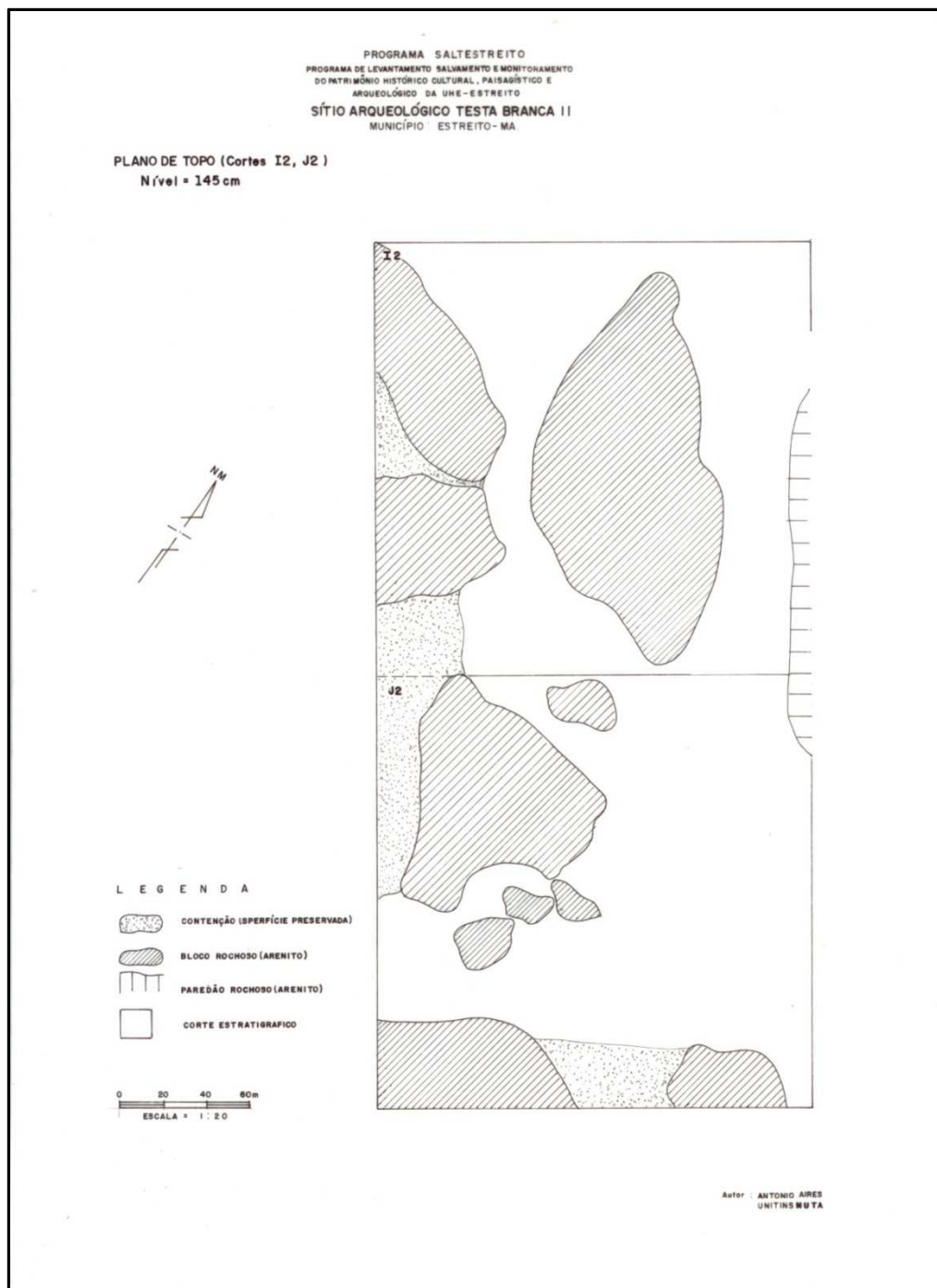


Figura 25: Plano de topo dos cortes I 2 e J 2 no nível 145cm. Autor: Antônio Aires. Acervo UNITINS/NUTA.

O painel em questão foi gravado densamente após a queda deste fragmento, com zonas de sobreposições intensas. A grande maioria dos motivos são sulcos simples que compõem grandes aglomerados de retas em todas as direções, além dos antropomorfos, escaliformes, “ferraduras”, cúpulas, tridígitos e podomorfos que compõe esta densidade de motivos gravados. A quantidade gráfica é tamanha que é difícil identificar os motivos a partir 1 metro de distancia do paredão. Observa-se a utilização freqüente das fraturas e concavidades da rocha suporte para a disposição dos motivos.



Figura 26: Painel 2 área B com sobreposição do levantamento. Autor: Ariana Braga.

Os podomorfos do Painel 2B seguem a mesma ordem do Painel 1B, na morfologia e na técnica de produção utilizando as cúpulas para dar forma aos podocáctilos e a abrasão previamente picoteada para elaborar o corpo do podomorfo além de estarem direcionados oeste-leste, com uma exceção. Os de maior dimensão estão decorados na parte interior o podomorfo 2e 3 com sulcos internos e o podomorfo 4 com um fitomorfo e sulcos. Também foi possível identificar o podomorfo 2 e 3 como sendo direitos e o número 4 esquerdo, devido as dimensões das representações dos háluces. Para além destes detalhes observamos que o podomorfo 3 teve as articulações dos pododáctilos representadas por meio da elaboração de duas cúpulas por pododáctilo e seu hálux não está diretamente ligado ao corpo do podomorfo.

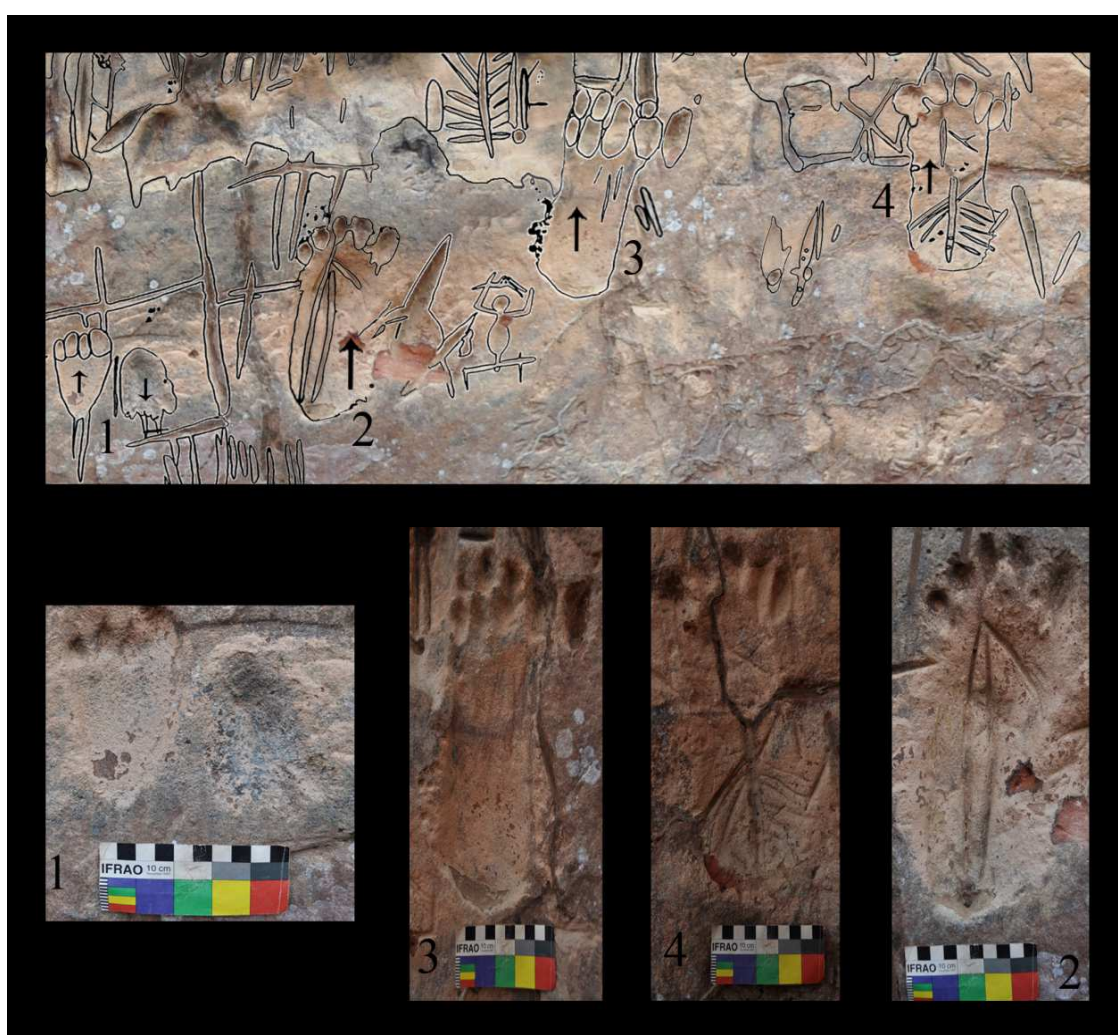


Figura 27: Podomorfos do Painel 2 B. Autor: Ariana Braga.

Os três antropomorfos desta área são esquematizados (Fig. 27) e dois deles seguem os padrões de ângulos retos para representação (Fig. 27 1 e 3) dos membros inferiores e superiores como no Painel 1 A. O outro (Fig. 27, 2) é diferenciado, mais esquematizado, com a representação da cabeça e dos membros elaborada somente por

um sulco. Observamos que os órgãos sexuais são sempre evidenciados, entretanto o antropomorfo 1 (Fig. 28 e 29) é representado de forma diferenciada, com uma pequena cúpula, além de ter uma decoração acima da cabeça e uma concavidade na região do tronco, estas evidencias levam a hipótese de ser uma representação feminina. Sendo este o único exemplar do sítio com estas características.

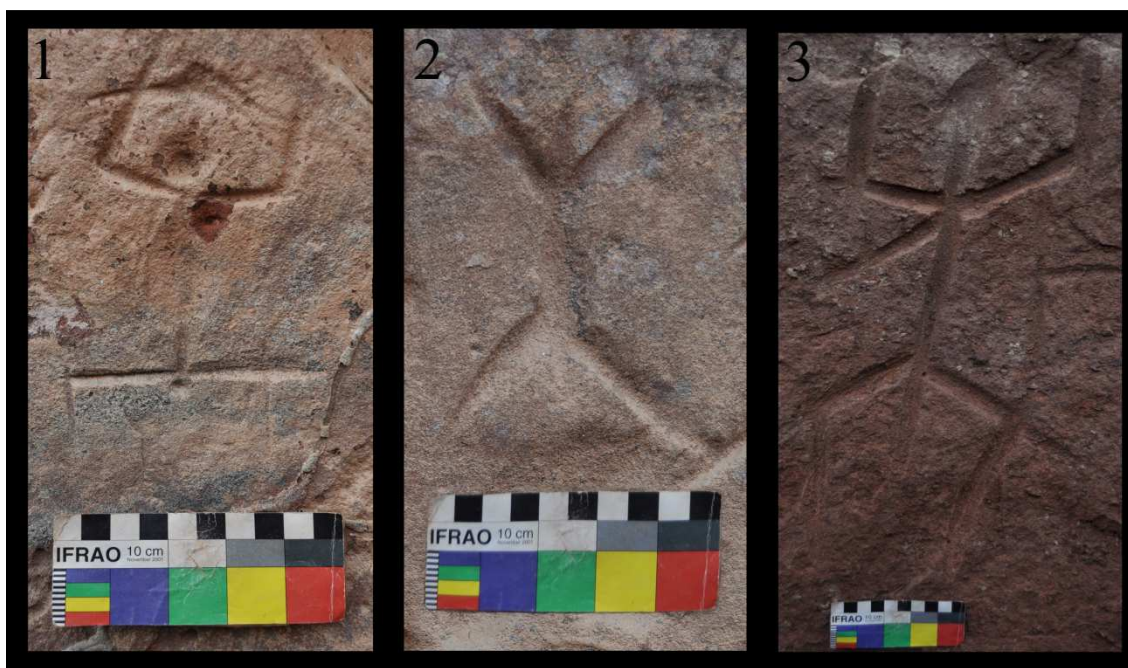


Figura 28: Antropomorfos do Pannel 2 área B. Autor: Ariana Braga.



Figura 29: Antropomorfo Pannel 2, área B. Autor: Ariana Braga.

Os escaliformes (Foto 40) se resumem em dois exemplares neste painel, entretanto estes são bem visíveis tendo em vista suas proporções e profundidade. Foram elaborados por abrasão, sendo as retas paralelas verticais elaboradas primeiramente e só depois estas foram divididas pelas pequenas retas horizontais que cortam as suas verticais, formando pequenos quadrados e retângulos.



Foto 40: Detalhe dos escaliformes do Painel 2 área B. Autor: Ariana Braga.

Os fitomorfos (Fig. 30) se encontram em toda a área gravada com diferentes formas e técnica de produção esta variedade também é notória em suas dimensões. Observamos a associação de cúpulas (Fig. 30, 1 e 2) a sulcos simples para a construção deste motivo, no interior de um podomorfo (Fig. 30, 3), com terminações formadas por tridígitos (Fig. 30, 4) e aproveitando concavidades (Fig. 30, 5) do suporte rochoso para se instalar. Este motivo não possui uma direção está espalhado entre os demais motivos sem seguir uma lógica na sua distribuição. Os sulcos perpendiculares a reta principal são representados de tamanhos, direções e ângulos diversos.



Figure 30: Fitomorfos do Painel 2, área B. Autor: Ariana Braga.

Os tridígitos assim como os fitomorfos (Fig. 31) desta área não estão ordenados e organizados em uma direção como observamos no Painel 1. Nesta área são de

tamanhos variados, sendo a quantidade de sulcos para sua construção também variável (entre 3 e 4 sulcos). Por vezes a linha central ultrapassa o tamanho (Fig. 31, 8 e 9) do tridígito. É observável a recorrência do cruzamento dos sulcos na parte inferior do motivo (Fig. 31. 1, 3, 4, 5, 6 e 8). Nota-se também a representação dos tridígitos “formais” com os três sulcos unidos por um ponto formando ângulos agudos semelhantes (Fig. 31. 7 e 11). Nesta área os fitomorfos e tridígitos se confundem devido à recorrência de ambos os motivos e pela utilização dos tridígitos para construção de alguns fitomorfos, sendo o tridígito sua terminação.



Figure 31: Tridígitos do Painel 2, área B. Autor: Ariana Braga.

As “ferraduras” estão dispostas por todo o Painel 2 B, entre outros motivos e aglomeradas em concavidades da rocha suporte (Fig. 32. 5). Estas foram produzidas utilizando concavidades naturais da rocha, com a associação de picotagem com abrasão e por raspagem (Fig. 32. 2). São representadas da forma tradicional ou ainda com uma cúpula ou um sulco entre as extremidades inferiores. Observamos que por vezes estas estão ligadas a outros motivos pelo prolongamento dos seus sulcos inferiores (Fig 32. 2) associando este símbolo a fitomorfos, geométricos e sulcos simples.

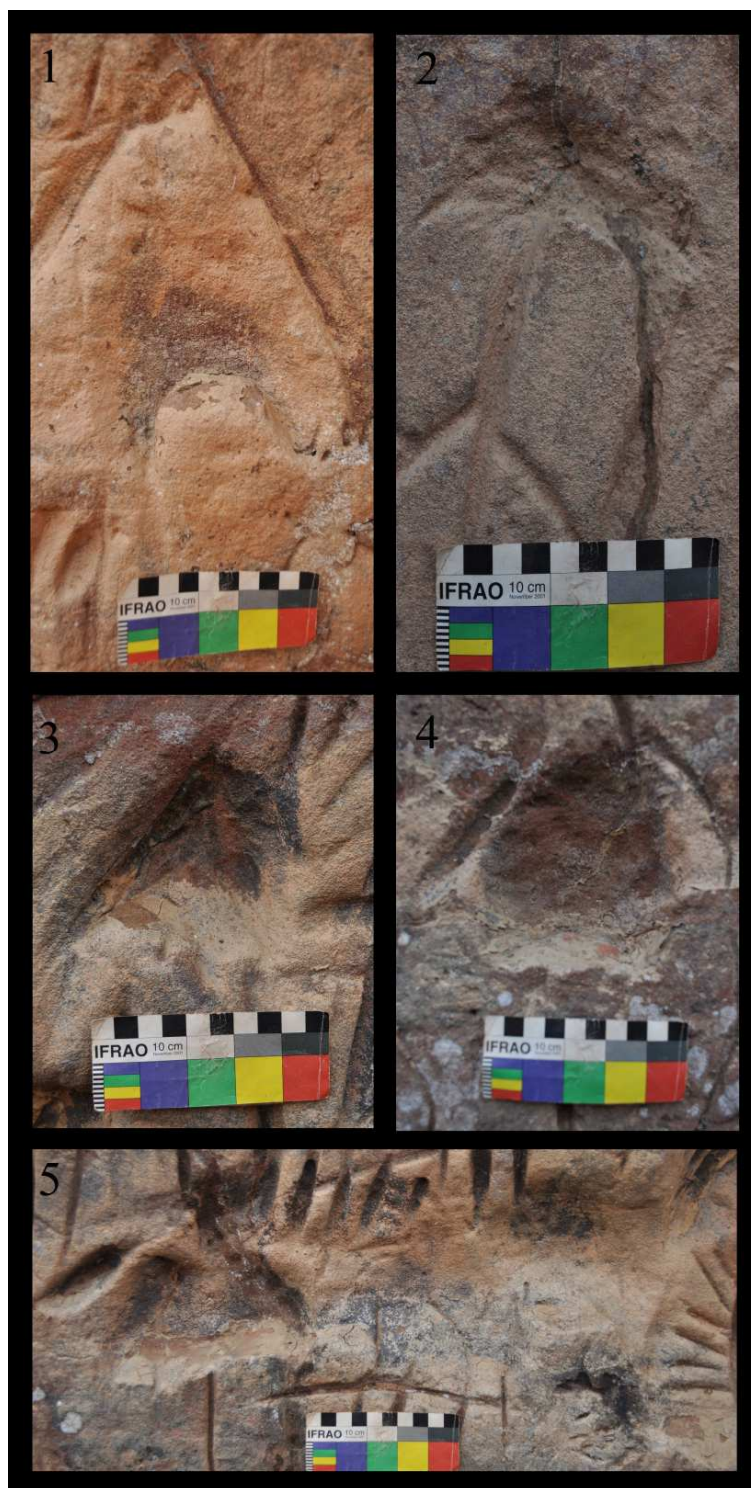


Figura 32: “Ferraduras” do Painel 2, área B. Autor: Ariana Braga.

Os sulcos simples são numericamente os motivos mais representados, entretanto menos visíveis. Estão em toda a área gravada de tamanhos variáveis, associados a outros motivos ou ainda com outros sulcos simples.

Surge sobre a grande fratura do suporte um aglomerado de sulcos, que se associou a um antropomorfo devido sua forma e a disposição dos sulcos formando uma “carapaça”.



Foto 41: Zoomorfo, Painel 2, área B. Autor: Ariana Braga.

Em cotas negativas observamos a continuação do Painel 2 A, com os mesmos motivos circulares profundos com decoração interna e o surgimento de um grande motivo geométrico (Foto 41), exemplar único neste sítio. Observamos também um aglomerado de motivos com grande quantidade de tridígitos (Foto 42) e outro de sulcos intercalados com cúpulas (Foto 43), diferentes das outras áreas gravadas em cotas negativas.



Foto 42: Motivo geométrico, Painel 2, área B. Autor: Ariana Braga.



Foto 43: Aglomerado de tridígitos e sulcos simples Painel 2, área B. Autor: Ariana Braga.



Foto 44: Motivo circular com decoração interna. Autor: Ariana Braga.

Nesta área concentra-se a maior área gravada em cotas negativas do sítio com 94 motivos distribuídos entre os cortes I1, J1, M1, N1, L1 e K1 entre os níveis 0- 5cm ao nível 105-110 cm.

Em suma o Painel 2 é uma área de grande complexidade com grande quantidade de motivos gravados, no total 710 motivos (Graf. 3) . Sua distribuição não é homogênea tendo áreas de maior concentração e outras áreas vacuas.

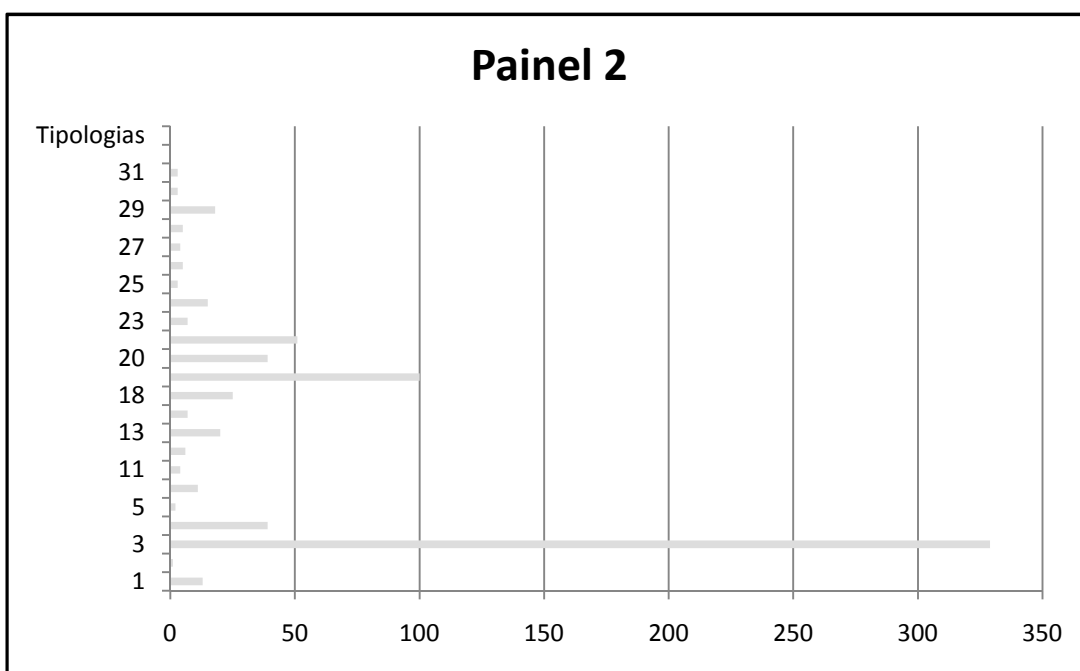


Gráfico 3: Distribuição quantitativa das gravuras no painel 2. Sendo Y a tipologia e X a representação quantitativa destas tipologias. Autor: Ariana Braga.

A técnica de execução (Graf. 4) das gravuras em geral é a abrasão, com pequena incidência de picotagem, entretanto é possível observar zonas de picotagem seguida de abrasão, para os motivos de maior profundidade como as “ferraduras” e os podomorfos.

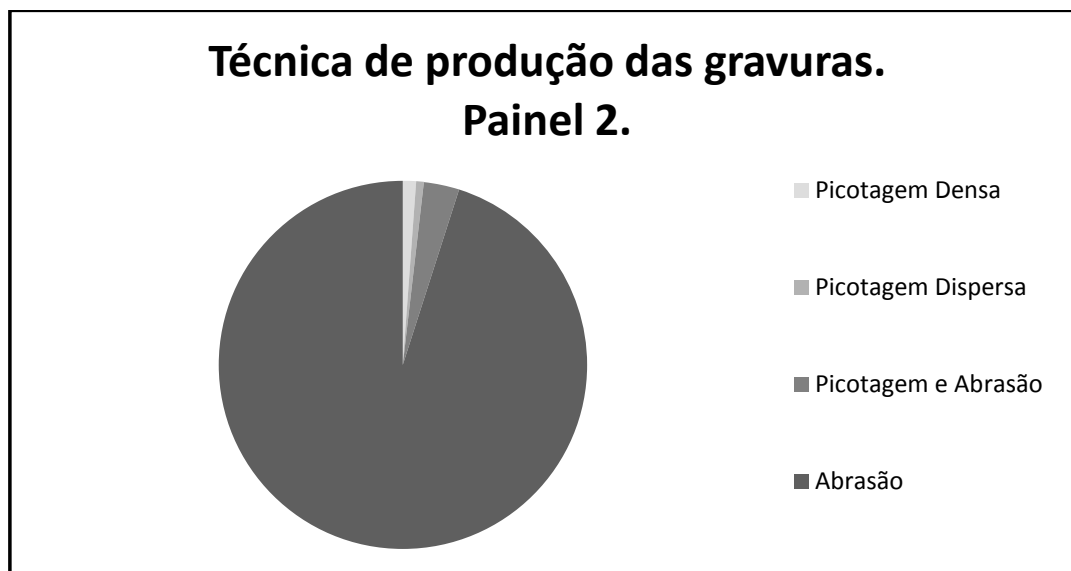


Gráfico 4: Técnica de produção aplicada a manufatura das gravuras no Painel 2. Autor: Ariana Braga.

Do ponto de vista da conservação até o momento do levantamento o Painel em questão apresentou diversas interferências antrópicas recentes. Apesar da fragilidade do suporte a pátina composta pela lama natural protege toda a superfície, mesmo com a atividade dos insetos não se notou grande interferência destes nas gravuras acima do sedimento, no entanto em cotas negativas observamos que as entre os níveis 0-5 cm e

35-40 cm atividades dos cupins (Foto 45) foi crucial para o desaparecimento e o desgaste de boa parte das gravuras desta área, pois em cotas mais profundas onde não observamos as atividades deste inseto, as gravuras encontravam-se em melhores condições.



Foto 45: Detalhe da degradação das gravuras devido a intensa atividade dos cupins nos primeiros níveis escavados. Autor: Ariana Braga.

Observam-se grafites (Fig. 33), entretanto na parte superior do painel, não interferindo nas gravuras. A atividade que interferiu diretamente neste painel foi a inserção de pregos (Foto 46) em todo o suporte por um geógrafo para a elaboração de uma quadrícula para a execução de um croqui das gravuras.



Figura 33: Grafites recentes no Painel 2. Autor: Ariana Braga.



Foto 46: Detalhe da interferência antrópica recente, aplicação de pregos no suporte rochoso. Autor: Ariana Braga.

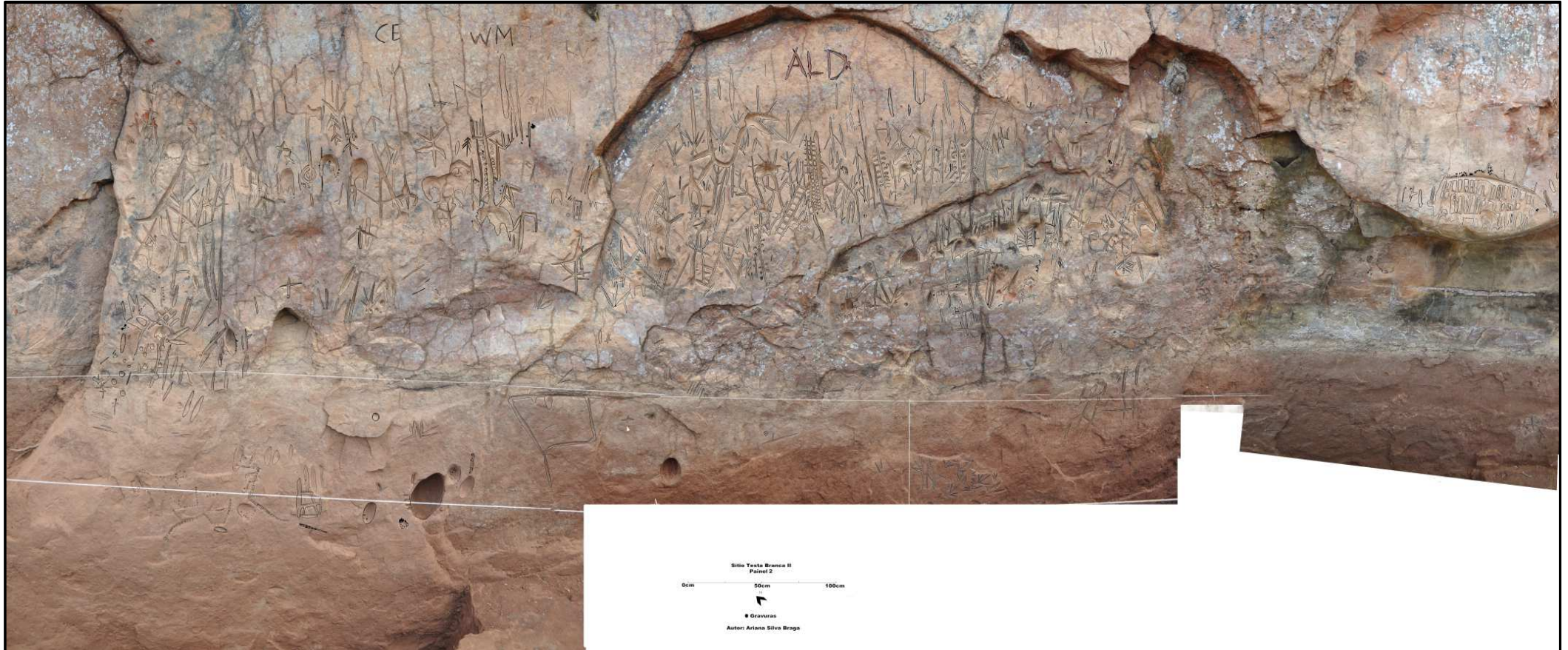


Figura 34: Painel 2. Com sobreposição do levantamento. Autor: Ariana Braga.

3.5.4 Painel 3

O painel apesar de pequeno (380 cm X 240 cm) é caracterizado pela concentração de podomorfos, 26 exemplares. A área está posicionada entre duas fraturas, ambas naturais.

Na zona ocupada pelos podomorfos observa-se uma intensidade maior de gravuras que nas áreas afastadas a este motivo. A área dos podomorfos é composta por outros motivos como conjuntos de cúpulas formando retas e na face interior de sulcos além de sulcos simples.

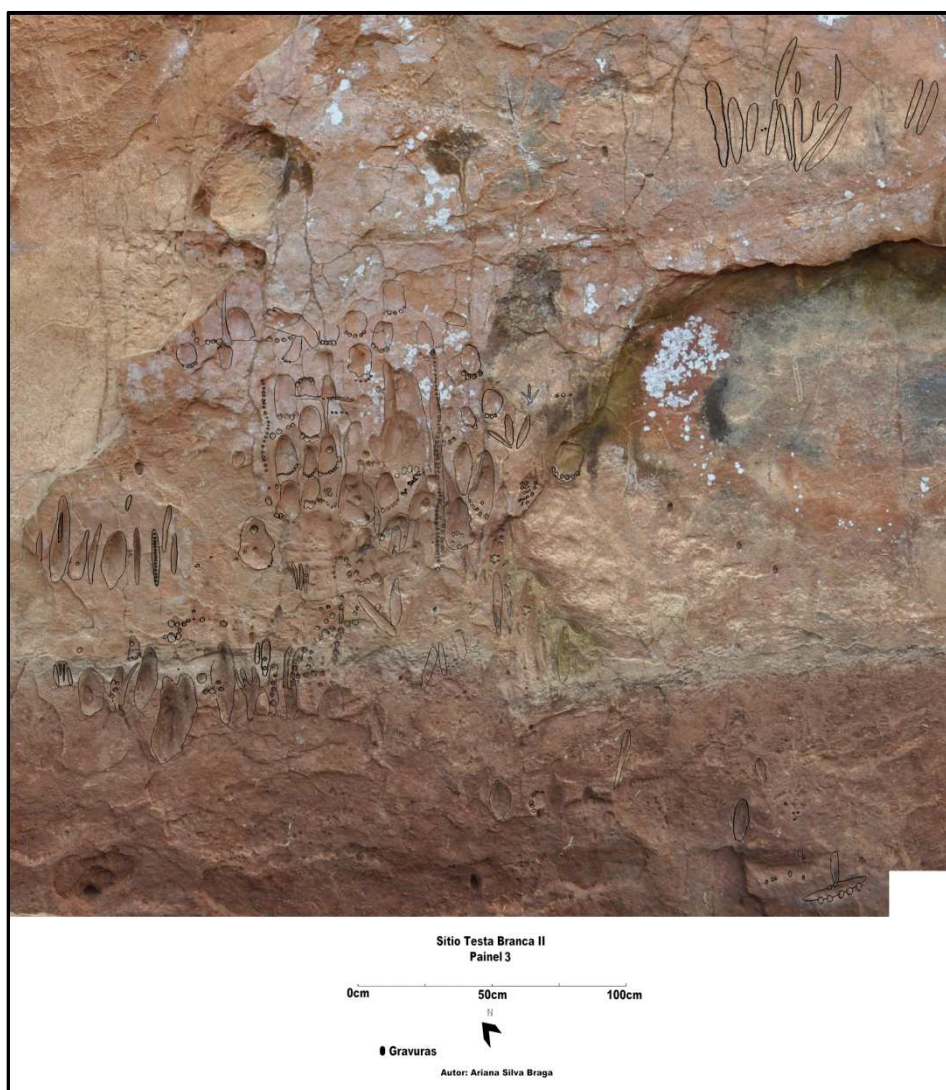


Figura 35: Painel 3. Autor: Ariana Braga.

Este conjunto de podomorfos (Fig. 36) não obedece a um padrão nas suas representações, sendo a quantidade de cúpulas para a representação dos pododáctilos variável assim como a forma do corpo deste motivo (Fig. 36. 1, 2, 3 e 4). Grande parte dos podomorfos estão orientados para baixo (oeste), ao contrário do painel 1 e 2 além de

possuírem morfologias diferentes e com maior grau de esquematizo quanto os dos painéis referidos.

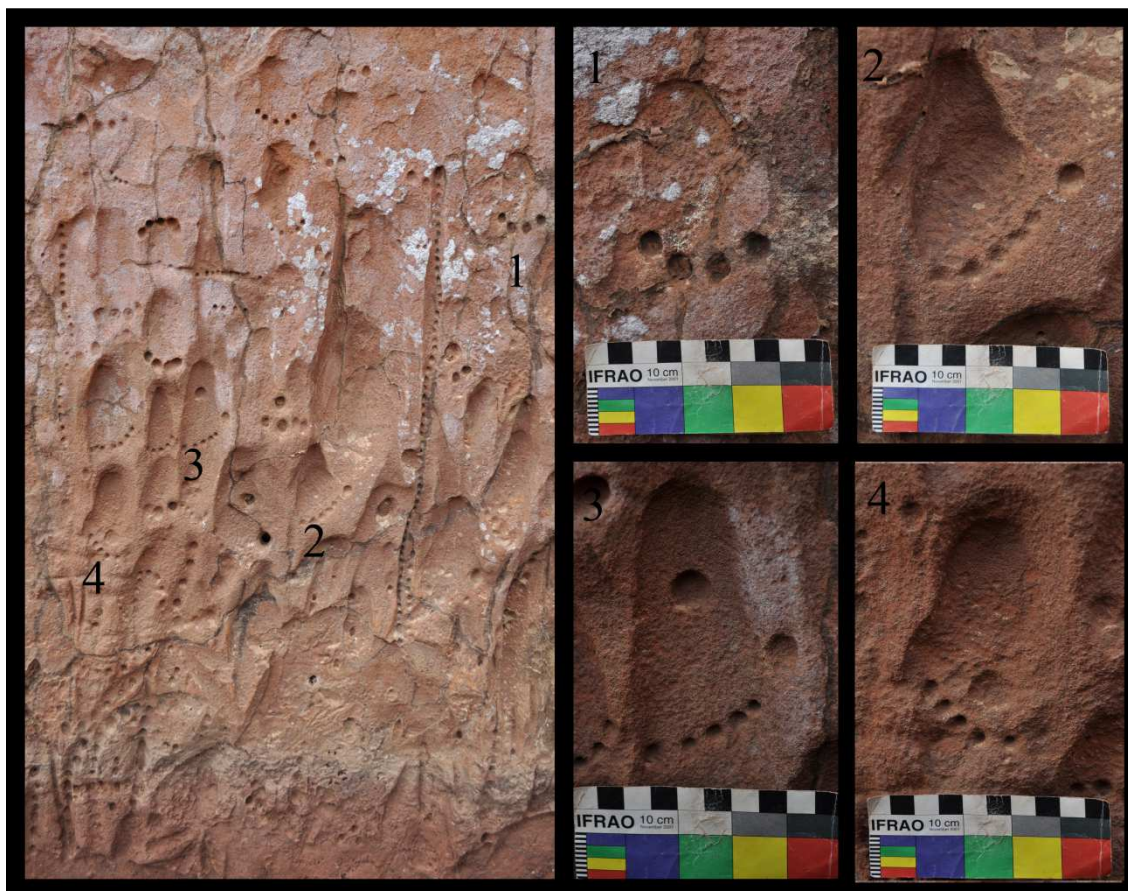


Figura 36: Aglomerado de podomorfos Painel 3. Autor: Ariana Braga.

Além dos podomorfos observamos outras três áreas de concentração gráfica, sendo a primeira um aglomerado de sulcos verticais (Fig. 37), por vezes decorados internamente por pequenas cúpulas dispostas organizadamente no interior dos sulcos.

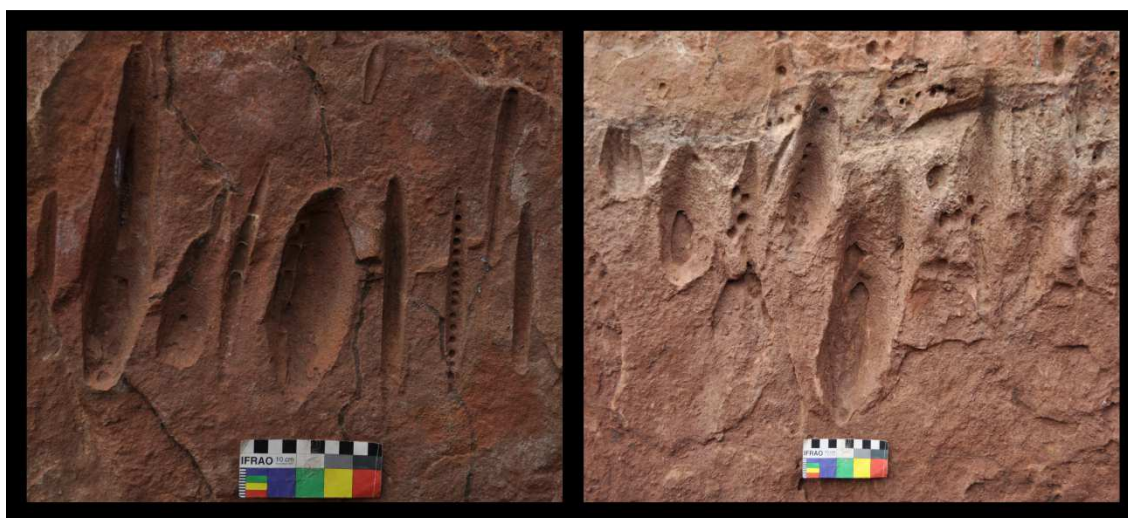


Figura 37: Aglomerado de sulcos simples verticais, Painel 3. Autor: Ariana Braga.

Nota-se abaixo dos podomorfos um aglomerado de cúpulas disposta na zona interior de sulcos, entretanto não estão bem definidos, pois estão com alto grau de degradação, visto que se encontram nos primeiros níveis da escavação na área de concentração dos cupins.



Foto 47: Aglomerado de cúpulas, Painel 3. Autor: Ariana Braga.

A terceira área de concentração está na parte superior do painel e é caracterizada pela concentração de sulcos largos e rasos (Foto 48), os quais foram produzidos com utilização da abrasão superficial, que somada à coloração do painel que é semelhante à coloração interna dos sulcos, torna estes motivos de difícil visualização.

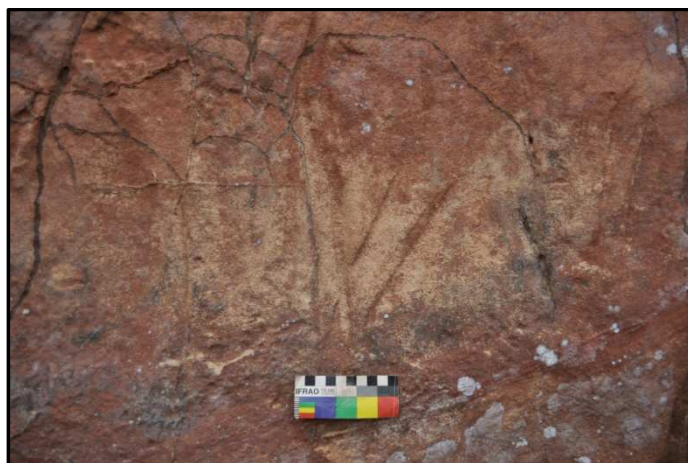


Foto 48: Aglomerado de sulcos rasos, Painel 3. Autor: Ariana Braga.

Este painel se destaca pela quantidade de podomorfos (Gráf. 5. X: 12) e cúpulas (Gráf. 5. X: 19) que ultrapassa os sulcos simples (Gráf. 5. X: 3).

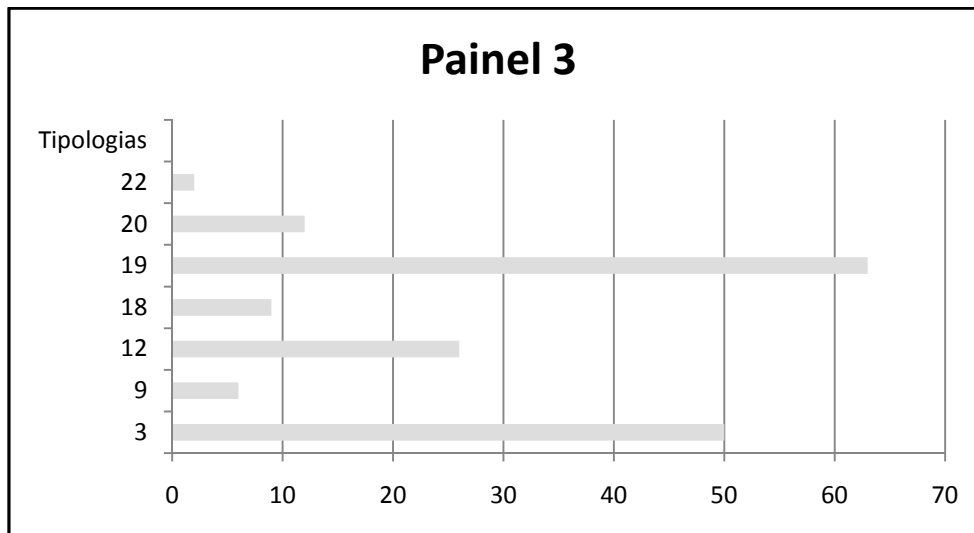


Gráfico 5: Distribuição quantitativa das gravuras no painel 3. Sendo Y a tipologia e X a representação quantitativa destas tipologias. Autor: Ariana Braga.

Estes motivos seguem o padrão geral do sítio com relação a técnica para execução das gravuras, sendo a abrasão a técnica mais aplicada, dado que desperta interesse, pois mesmo com motivos profundos como os podomorfos não notamos sinais de picotagem prévia para a fabricação destes.

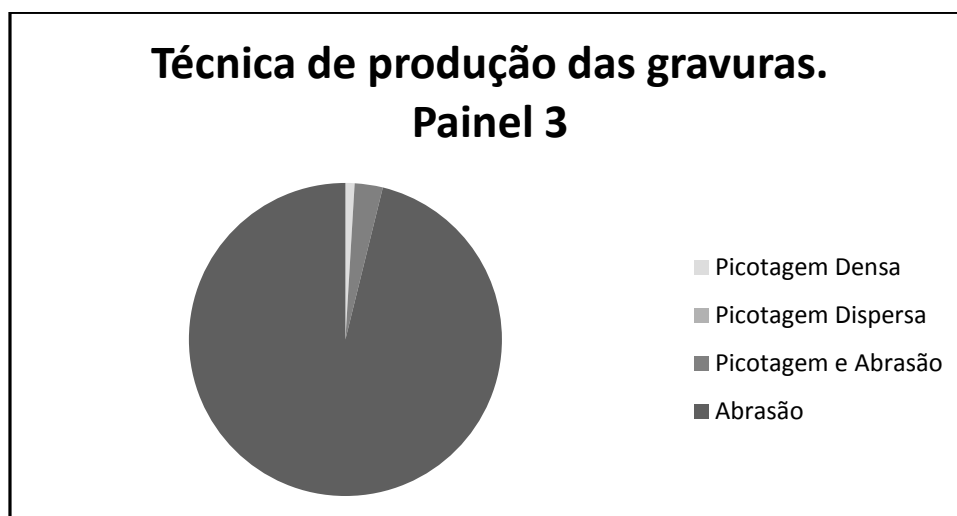


Gráfico 6: Técnicas de produção aplicada na manufatura das gravuras do Painel 3. Autor: Ariana Braga.

Observa-se que esta área sofreu deslocamento na zona superior do painel e foi danificada na parte inferior pela ação dos cupins. Do ponto de vista da conservação estes fatos são preocupantes, sabendo da fragilidade do arenito. Tendo em vista que estes dois fatores não são de fácil manejo.

3.5.5 Painel 4

Esta área localiza-se na zona de menos concentração de material arqueológico, na superfície de menor número de gravuras e está na zona menos abrigada do sítio com incidência solar no período vespertino. Tal fato dá a esta parte do suporte rochoso uma pátina de cor avermelhada, diferente das áreas sombreadas.

Devido a extensão deste painel dividiu-se em duas zonas (Painel 4A e Painel 4B) tendo em vista o grande vazio existente entre estas que coincide com uma grande fratura do suporte rochoso.

O Painel 4A (Fig. 38) possui um pequeno número de gravuras em um espaço relativamente grande. As gravuras são de tamanhos variados, mas pouco visíveis devido a pouca profundidade dos seus sulcos além da pátina que possui a mesma coloração tanto no interior dos sulcos quanto no suporte.



Figura 38: Painel 4, área A. Autor: Ariana Braga.

Os motivos são geométricos (Fig. 39), fitomorfos (Foto 49), irreconhecíveis e séries de sulcos simples paralelos na vertical, levemente inclinados.



Figura 39: Detalhe dos motivos geométricos, Painel 4 área A. Autor: Ariana Braga.



Foto 49: Fitomorfo. Painel 4, área A. Autor: Ariana Braga.

A segunda área do Painel 4 (Fig. 40), resume-se em um pequeno espaço com grande quantidade de sulcos desordenados no interior de uma concavidade natural da rocha. Estes sulcos são profundos, entretanto não se observa picotagem prévia, para seu aprofundamento.



Figura 40: Painel 4, área B. Autor: Ariana Braga.

Além dos motivos irreconhecíveis ao centro desta área observa-se um motivo antropomórfico, entretanto este é diferente de todos os outros com características únicas. Observa-se a representação do seu corpo de forma inteiriça e a representação da cabeça desconectada ao corpo, características encontradas somente neste exemplar.



Foto 50: Antropomorfo do Painel 4 área B Autor: Ariana Braga.

Observa-se que os sulcos simples são a grande maioria dos motivos gravados nesta área, entretanto é válido ressaltar que a quantidade de motivos irreconhecíveis é grande, tornando este painel atípico tendo em vista os demais painéis deste sítio.

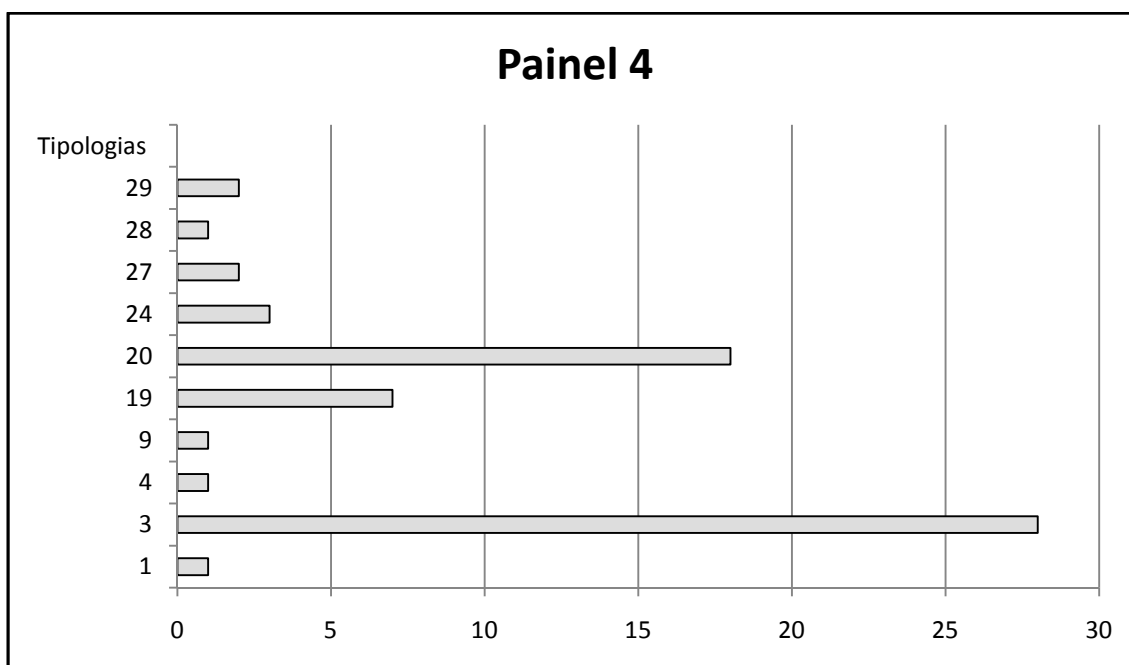


Gráfico 7: Distribuição quantitativa das gravuras no painel 4. Sendo Y a tipologia e X a representação quantitativa destas tipologias. Autor: Ariana Braga.

A técnica de maior preferência para execução destas gravuras foi à abrasão, com a pequena presença da associação desta com a picotagem. Esta ausência da picotagem resultou em sulcos majoritariamente rasos, gerando a invisibilidade de alguns motivos.

Tal fato determinado pela técnica pode ter sido uma escolha do próprio autor que pode ter utilizado da abrasão rasa a fim de gerar sulcos menos visíveis.

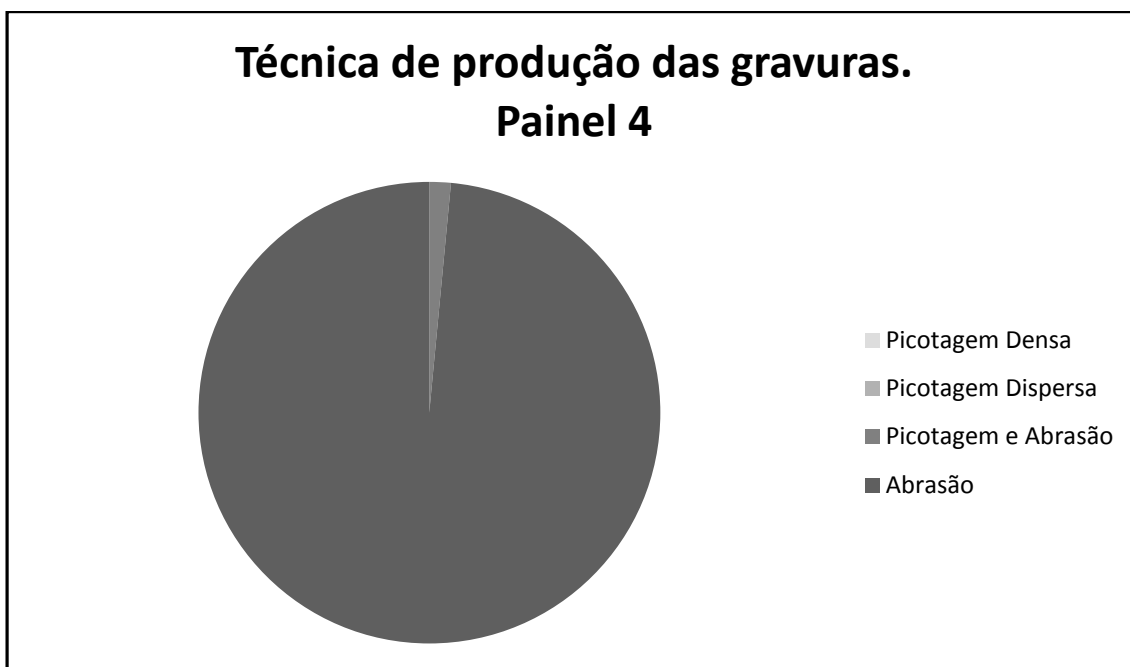


Gráfico 8: Escolha técnica para produção das gravuras do Painel4 . Autor: Ariana Braga.



Sítio Testa Branca II
Painel 4
0cm 50cm 100cm
● Gravuras
Autor: Ariana Silva Braga

Figura 41: Painel 4. Com sobreposição do levantamento. Autor: Ariana Braga.

3.5.6 Análise global

Em suma constatou-se a recorrência de certos motivos em toda a área gravada sendo sulcos, podomorfos, tridígitos e fitomorfos os mais recorrentes. Entretanto esta recorrência por vezes não influi na percepção do observador, pois motivos em menor quantidade como os machados e os escaliformes são mais atraentes ao observador, pois estão posicionados a fim de captar a atenção imediata. Apontando a preocupação na disposição dos motivos a fim de resultar estas percepções. Ao contrário dos machados que estão nas zonas superiores observa-se a disposição dos antropomorfos sempre em zonas inferiores, pouco profundos dando certa invisibilidade a estes motivos. Sendo o ponto central os podomorfos que atraem a atenção do observador assim como os machados e estão dispostos nas zonas centrais das áreas gravadas, em dimensões consideráveis, além do naturalismo na sua representação.

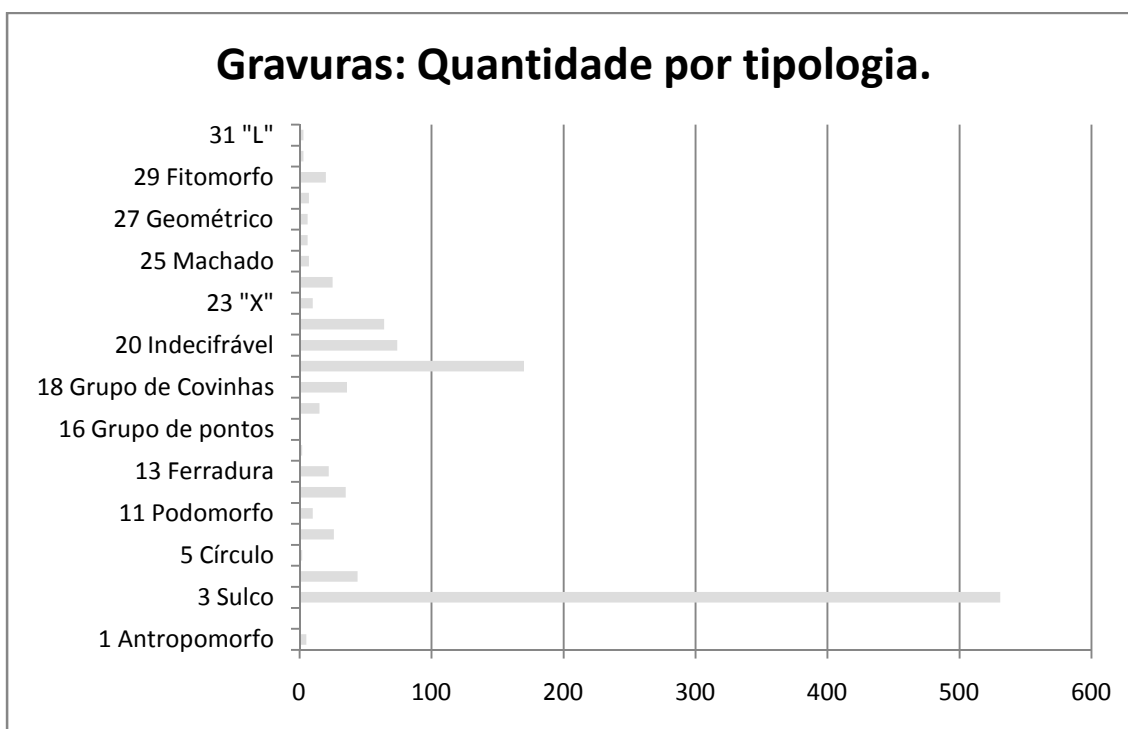


Gráfico 9: Total de motivos gravados em todo suporte rochoso do sítio TBII. Sendo Y a tipologia e X a representação quantitativa destas tipologias. Autor: Ariana Braga.

A técnica de produção foi determinante para a representação de alguns motivos, principalmente os podomorfos que associados as cúpulas permitiu identificar se este motivo é a representação do pé canhoto ou destro. Com esta constatação observa-se um dado importante, no primeiro painel temos a maioria dos podomorfos destros representados e no painel 2 de a maioria deles são canhotos. Ambos com mesma morfologia, entretanto de lados diferentes.

A técnica mais aplicada neste sítio foi à abrasão, esta escolha pode ter sido efetuada devido às condições do suporte que por se tratar de um arenito friável, responde com eficiência ao ato repetitivo de abrasar.

As associações da abrasão e a picotagem em geral foram efetuadas para resultar sulcos mais profundos ou superfícies em baixo relevo maiores e moderadamente profundas. Em geral a picotagem foi recoberta pela a abrasão mais podemos observar em algumas áreas resquícios desta nas bordas dos motivos ou ainda no interior destes, principalmente nas “ferraduras” e podomorfos.

A picotagem foi observada para produção de “nuvens de pontos” tendo apenas dois motivos gravados com soberania desta técnica, os machados sem decoração nas terminações do encabamento. Mesmo assim estes possuem sinais de abrasão na parte interior da representação do cabo.

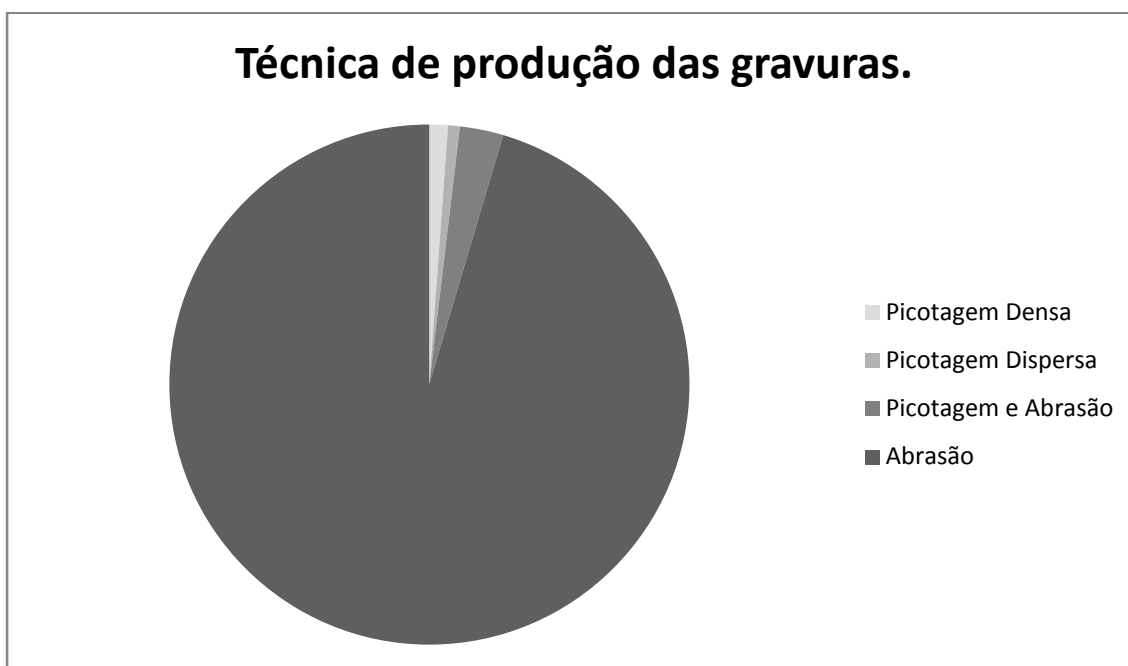


Gráfico 10: Técnica aplicada para a produção das gravuras no sítio TBII. Autor: Ariana Braga.

As gravuras estão distribuídas por toda a área mais em especial se concentram no Painel 2, esta concentração de gravuras coincide com a concentração de material arqueológico. Pois nestes cortes encontraram-se fogueiras, material lítico e cerâmico em abundância além de possuir a zona de maior concentração de gravuras a cotas negativas, pois estas surgem até os níveis 100-105 cm além de ser a área mais abrigada do sítio. Somados estes fatos conclui-se que esta área foi densamente gravada devido a frequência destas pessoas neste sítio em especial nesta área abrigada.

Ainda nesta zona foram encontrados diversos blocos gravados resultante dos deslocamentos da rocha suporte, estes fragmentos revelam que a pelo menos 100-105

cm (foi coletado carvão vegetal para datação desta e de outras camadas, entretanto estes resultados ainda não foram tratados) da ocupação humana nesta área já havia gravuras neste suporte, logo as gravuras estão ligadas diretamente ao pacote arqueológico.

Tendo em vista a profundidade das gravuras nesta área de maior concentração de evidências arqueológicas adjuntas a técnica de gravação que necessita da inserção de força para sua execução, conclui-se que estas necessitariam de uma altura mínima para sua produção, pois é necessário ter os braços livres e conseguir peticioná-los contra o suporte para chegar ao objetivo proposto, a abrasão. Tendo em vista estas necessidades acredita-se que é necessário gravar na altura do tronco para conseguir aplicar esta força no suporte rochoso. Logo acreditamos que estas gravuras mais profundas teriam sido elaboradas em um período diferente das demais. Associando-se as gravuras entre os níveis 20-30 cm a 100-110 cm a primeira camada de ocupação do sítio, ocupação lítica entre os 200-210 cm a 170-180 cm. Sendo as demais em cotas positivas ligadas a ocupação lito-cerâmica.

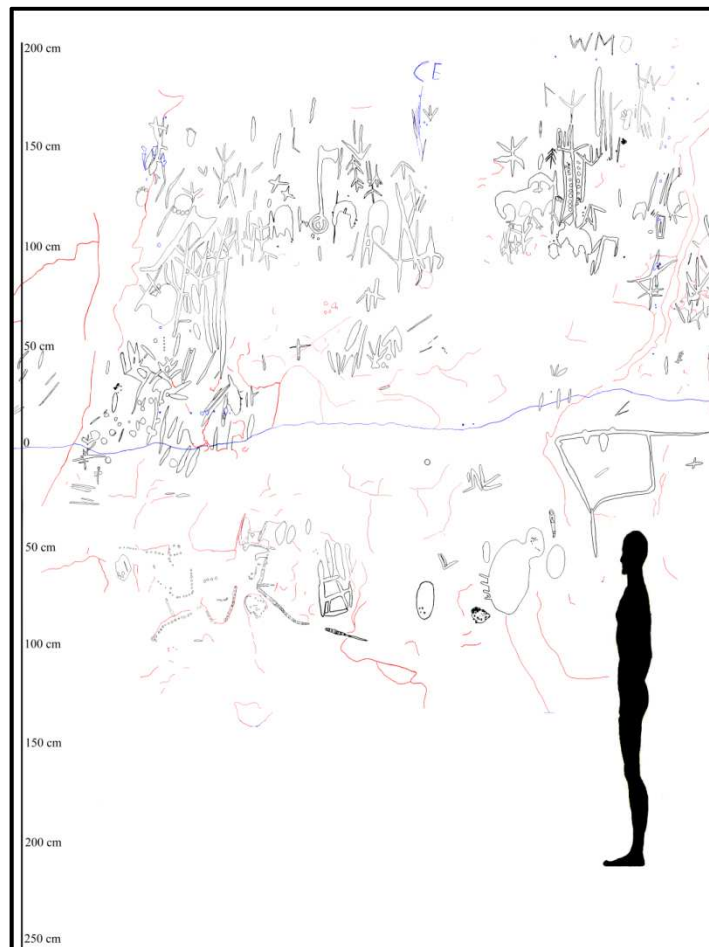
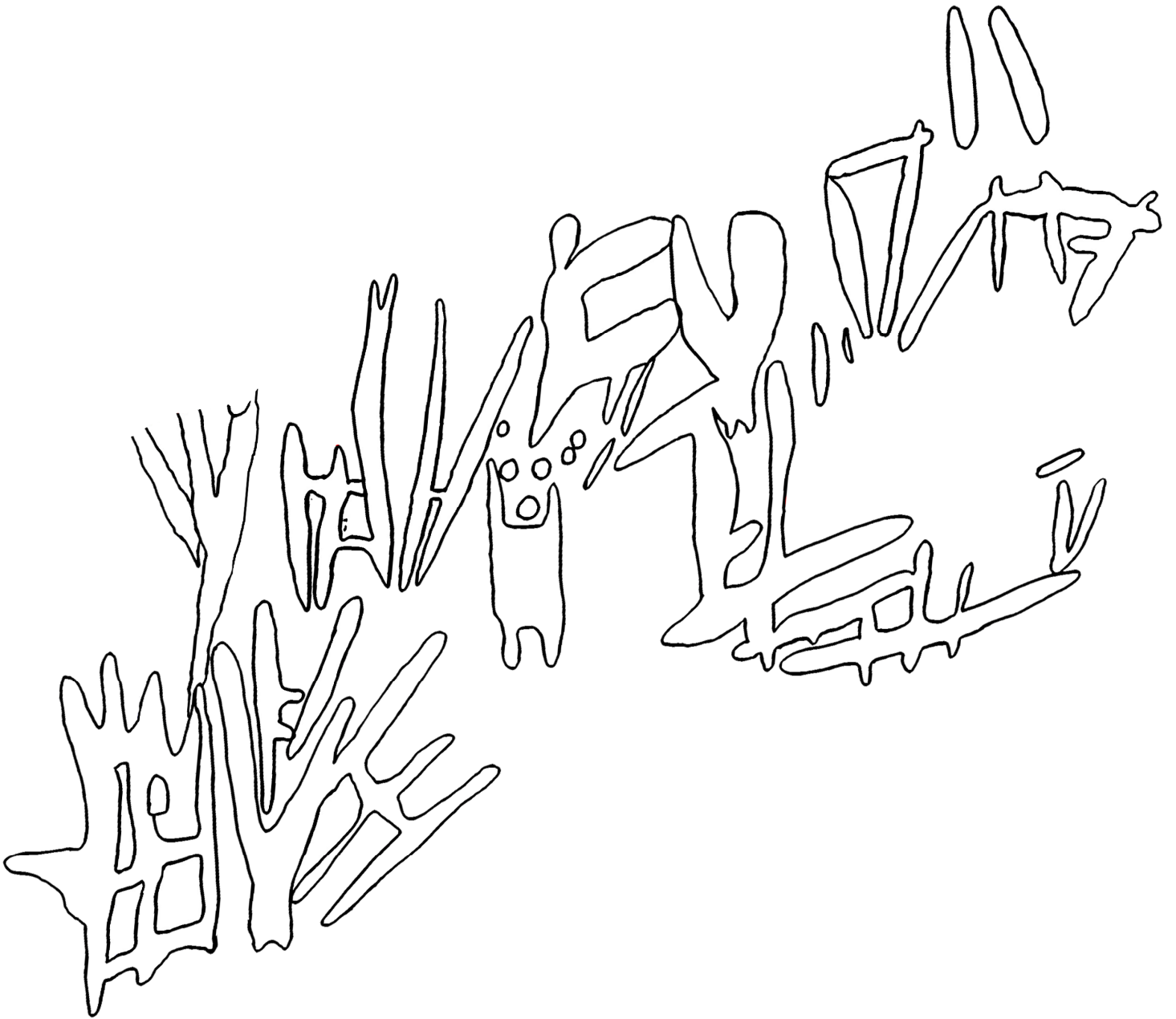


Figura 42: Painel 2A, com escala humana. Autor: Ariana Braga.

Considerações finais



*“Chora cerrado
inundado.”*

A confirmação da existência de gravuras também em níveis negativos foi de fundamental importância para a continuidade dos trabalhos, pois com a escavação da proximidade dos painéis e a descoberta da totalidade das gravuras resultou para além do levantamento integral do sítio, uma amostra do contexto arqueológico. Sendo este contexto de fundamental importância para a Arqueologia Rupestre e principalmente para as futuras datações das camadas diretamente ligadas as gravuras, tendo em vista a significativa quantidade de carvão coletada durante as escavações e os blocos gravados encontrados associados a estes níveis. Com os resultados das datações e o final da análise dos materiais líticos e cerâmicos, acredita-se obter maiores informações a respeito da relação entre as gravuras e a ocupação deste sítio, gerando dados relevantes para a Arqueologia Rupestre brasileira.

Todas as etapas do trabalho mostraram-se de extrema importância para a conclusão do mesmo, entretanto observou-se que o cuidado na etapa de levantamento rupestre foi o que tornou possível a reconstituição total do sítio e possibilitou diversos tipos de análises, pois mesmo com a submersão do sítio pelo reservatório da U.H.E. Estreito Sua documentação foi elaborada em totalidade possibilitando que futuros pesquisadores trabalhem este sítio mesmo após sua destruição. Sendo este o ponto considerado de maior relevância ao fim deste trabalho, proporcionar a continuidade da pesquisa mesmo após a inexistência do sítio.

Ao fim da reconstituição dos painéis que proporcionou a visualização total do sítio em formato digital, constatou-se que houve dois grandes períodos de ocupação distintos correlacionados a dois períodos identificáveis no pacote arqueológico o primeiro lítico entre os níveis 210 cm-170 cm e o segundo lito-cerâmico 100 cm – 30 cm.

As camadas líticas encontram-se nas cotas mais profundas próximas a rocha matriz por volta dos dois metros de profundidade, demonstrando que estas camadas poderão ser correlacionadas às gravuras encontradas entre 50- 105 cm de profundidade, sendo estas produzidas por técnica diferenciada priorizando a utilização das cúpulas para formar os motivos desejados.

Relacionou-se as gravuras entre os níveis 40 cm negativo as gravuras mais altas em níveis positivos 200 cm com as camadas lito-cerâmicas sabendo que esta área estaria com acesso dificultado pela altura aos ocupantes da primeira cama, além dos motivos escolhidos para ocupação destas áreas estarem ligados a realidade dos grupos horticultores, onde observamos a presença de fitomorfos correlacionados a machados, cujo motivo ocupa área de maior visibilidade de todo o sítio, sendo esta a mais alta por

volta de 150 cm a 200 cm positivos. Assim pode-se observar que o machado para este segundo grupo foi um objeto de importância relevante, pois fora representado cuidadosamente, disposto em zonas de menor intensidade gráfica próximo a áreas de grande quantidade de material arqueológico cerâmico além de estar sobre uma grande estrutura de combustão, que se considerou uma fogueira sendo que esta possuía diversos cacos cerâmicos em seu entorno. Tais fatos levam a compreensão de que este objeto seria símbolo deste grupo e estaria ligada a nova forma de ocupar o espaço, sabendo que este transforma a paisagem e gera um modo de vida de maior estabilidade. Entretanto para considerações desta amplitude observa-se a necessidade de maiores informações entre o contexto arqueológico e etnográfico desta região além de maiores informações a respeito do período destes sítios, sabendo da existência de outros sítios com a representação deste motivo nesta área.

Sabe-se que este é o início de um longo trabalho, ressaltando a importância da continuidade da documentação rupestre nesta região do país, devido à quantidade relevante de sítios e a destruição fulminante destas extensões tendo em vista às políticas desenvolvimentistas em vigor. Além da relevância desta área para melhor compreensão da Arte-Rupestre brasileira, tendo em vista estar localizada entre duas áreas de grande importância (a Amazônia e o Sudeste do Piauí), e a existência do grande vazio informativo que não proporciona um contexto arqueológico satisfatório para dados conclusivos na região e na área em estudo.

Nota-se ainda que este trabalho é o início e não o fim das análises do sítio TBII, pois constata-se grande importância deste para o estudo da arqueologia rupestre brasileira, logo as análises laboratoriais poderão ampliar consideravelmente as relações entre a Arte-Rupestre e o contexto arqueológico, podendo identificar maior número de ocupações e datações para as camadas com blocos gravados que possibilitaram datar indiretamente a Arte-Rupestre, sendo assim esta não se trata de uma conclusão. Eis aqui as considerações que se obteve até o momento, pois se observa que este trabalho seguirá trazendo novas informações durante muito tempo.

Considera-se de relevância a continuidade dos trabalhos no sítio TBII, entretanto é necessário que levantamentos como o aplicado neste sítio se repita com maior extensão nesta área possibilitando uma análise regional dos sítios para se chegar a dados conclusivos a respeito desta fonte tão importante para o conhecimento arqueológico. Acredita-se que o presente trabalho possa contribuir para o início dos estudos da Arqueologia Rupestre nesta área e que motive outros pesquisadores aplicar esta

metodologia que se mostrou satisfatória a realidade da arqueologia brasileira. Espera-se que esta não seja a primeira e última aplicação deste levantamento no Brasil mais sim a primeira de muitas outras para se construir em parceria um grande acervo documental da Arte-Rupestre brasileira proporcionando continuidade aos trabalhos, mesmo com a ausência dos sítios, ou ainda possibilitar estudos comparativos com relação ao desgaste por meio das documentações.

Em fim espera-se que esta área tenha maior visibilidade arqueológica, afinal possui um potencial merecedor, que vem sendo dissolvido gradativamente devido a falta de políticas públicas para proteção deste patrimônio, além da ausência de pesquisadores interessados a trabalhar nestas áreas.

Bibliografia

AB'SABER, A. (2003) - *Os domínios de natureza no Brasil. Potencialidades paisagísticas*. Ateliê. São Paulo. Acedido em 01/06/2011, em <http://pt.scribd.com/doc/35938143/Os-Dominios-de-Natureza-no-Brasil-Potencialidades-Paisagisticas>

ABBEVILLE, C. (1614) - *Histoire de la mission des Pères Capucins en l'Isle de Maragnan et terres circonvoisines*. Paris.

AGUIAR, R. e EREMITES, J. (2010) - O uso da reprodução digital no registro e catalogação de figuras de Arte Rupestre em situações de impacto e auto risco. *In: Diálogos*. Vol.14. Nº. 2, pp. 329-344. Acedido em 28/08/2011, em http://www.caminhosancestrais.com.br/artigo_dialogos_publicado_2010.pdf.

BANDEIRA, A. (2003) - Um panorama sobre os grafismos rupestres no maranhão. *In: Canindé*. Vol.2, pp. 5-8.

————— (2006) - A Produção de Conhecimento em Arqueologia: hipóteses sobre o povoamento pré-colonial na Ilha de São Luís a partir das campanhas arqueológicas de Mário Ferreira Simões. *In: Outros Tempos*. Vol.03 pp. 18-36. Acedido em 02/05/2011, em www.outrostempos.uema.br.

BARBOSA, A. (2002) - *Andarilhos da claridade: os primeiros habitantes do cerrado*. Universidade Católica de Goiás. Instituto do Trópico Subúmido. Goiânia.

BENOIST, N. (1975) - *Signos, símbolos e mitos*. Edições 70. Lisboa.

BERRA, A (2003) - *A Arte Rupestre na Serra do Lajeado, Tocantins*. (Dissertação de Mestrado em Arqueologia USP). São Paulo.

BRAGA, A. (2010) - Mapeamento dos sítios arqueológicos rupestres no estado do Tocantins. *In: ARKEOS - perspectivas em diálogo*. Vol.28. pp. 73-77.

————— (2010) - Sítio Testa Branca II, Estreito – MA: Um contributo para o estudo da arqueologia rupestre do médio rio Tocantins. Resultados Preliminares. [CD-ROM]. *In: Anais II Jornada de arqueologia no cerrado*. PUC Goiás/IGPA. Goiânia.

BRITO, M. (1981) - Estratigrafia da Bacia do Parnaíba II – As seqüências Sedimentares Superiores. *In: Anais Academia brasileira de Ciências*. Nº. 9. pp. 529-549. Rio de Janeiro.

BUENO, L. (2005) - *Variabilidade Tecnológica nos sítios líticos da região de Lajeado, médio rio Tocantins*. (Tese de doutorado em Arqueologia USP). São Paulo.

CANDEIRO, C.; ALMEIDA, L.; RODRIGUES-DA-SILVA, K. ; BARBOSA, N.; TAVARES, L; ALVES, Y. BENÍCIO, J. ; SOUZA, F.; BIANCHINI, T. e ABREU, N. (2007) - O conhecimento paleobiológico do Estado do Tocantins e o Papel do Laboratório de Paleobiologia da Universidade Federal do Tocantins. *In: XXI Semana Científica de Estudos Biológicos, Universidade Federal de Uberlândia. Livro de Resumo Vol.1*. pp. 37-38. Uberlândia-Mg.

CARNEIRO, D. e GASPAR E. (1998) - Grafismos Rupestres. *Boletim da Comissão Maranhense de Folclore*. Vol. 12. pp. 5. Acedido em 02/05/2011, em <http://www.cmfolclore.ufma.br/x/boletim12.pdf>.

————— (2003) - Patrimônio edificado e memória arqueológica no Maranhão. *In: Boletim da Comissão Maranhense de Folclore*. Vol.25 pp. 3 e 4. Acedido em 02/05/2011, em <http://www.cmfolclore.ufma.br/x/boletim25.pdf>

CARNEIRO, D. e GASPAR E. (2005) - Ocupação Pré-histórica na Ilha de São Luís: a ocorrência de grupos ceramistas proto-tupi. *In: Boletim da Comissão Maranhense de Folclore*. Vol. 32 pp. 12-15. Acedido em 02/05/2011, em <http://www.cmfolclore.ufma.br/x/boletim32.pdf>.

CASTRO, A., CASTRO, N., FARIAS, R., MENDES. M., COSTA, J. , BARROS, J., OLIVEIRA, M. e ALBINO, R. (2007) - Cerrados marginais do Nordeste e ecotónos associados. *In: Revista Brasileira de Biociências*. Vol. 5 pp. 273- 275.

CASTRO, V. (2009) - *As transformações no mundo da pesca no povoado Cajueiro, Palmeirante-TO*. (Dissertação de Mestrado em Ciência do Ambiente e Sustentabilidade da Amazonia UFMA). Manaus.

COSTA, A. (1959) - *Introdução à Arqueologia Brasileira (etnologia e História)*. Brasileira. Vol. 34 pp. 157-164.

COUTINHO, L. (2002) - O Bioma Cerrado. In: A. Klein (eds.). *Eugen Warming e o cerrado brasileiro: um século depois*. UNESP. São Paulo.

DANTAS, A. (1994) - *Indícios de uma Civilização Antiguíssima*. A União. João Pessoa.

DANTAS, L. PEDREIRA, A. e ZIMMERMAN, M. (2010) - Ocupação pré-histórica as margens do rio Tocantins. Programa SALTESTREITO, prospecção e resgate. [CD-ROM]. In: *Anais II Jornada de arqueologia no cerrado*. PUC Goiás/IGPA. Goiânia.

DIAS, O. (1979). *Instituto de Arqueologia Brasileira: Boletim n°8*. IAB. Rio de Janeiro.

DIAS, O. ; ZIMMERMANN, M.; PEDREIRA, A. e MENESTRINO, E. (2001) - Pesquisas Arqueológicas no Estado do Tocantins Projeto SALTMISA (Relatório Final). In: *Acoéme*. Vol. 1. NUTA/UNITINS. Porto Nacional.

DIAS, O. ; ZIMMERMANN, M. ; PEDREIRA, A. ; MENESTRINO, E. ; ARAÚJO, R.; GIRALDIN, O. ; OLIVEIRA, D. e MENEZES, R. (2004) - Pesquisas Arqueológicas no Estado do Tocantins. Projeto de Salvamento Arqueológico no Trecho da Linha de Transmissão de Imperatriz – MA à Miracema do Tocantins – TO, Interligação Norte/Sul-SALTMINS. In: *Acoéme*. Vol. 2. NUTA/UNITINS. Porto Nacional.

DIAS, O. ; ZIMMERMAN, M.; MENESTRINO, E. e ARAÚJO, R. (2006) - O Estado do Tocantins Relações Arqueológicas. In: *Estudos contemporâneos de arqueologia*. UNITNS/IAB. Palmas. . pp. 206-248.

- ETCHEVARNE, C. (1999-2000) - A ocupação Humana no Nordeste do Brasileiro Antes da Colonização Portuguesa. *In: Antes de Cabral: Arqueologia brasileira I*. Vol.44 pp. 112-141.
- FILHO, O. (1956) - A Casa da Pedra. *In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão*. Vol. 6. pp. 47-51.
- FACCHINI, F. (2006) - *Origines de l'homme et évolution culturelle*. Rouergue. Milano.
- FOSSATI, A. e ARCA, A. (1997) - *Tracing the past. Tracce, Online Rock Art Bulletin*. Valcamonica. Nº. 7. Acedido em 23/08/2011 em www.rupestre.net/tracce.
- FOSSATI, A., JAFFE, L; e ABREU, M. (1990) - *Rupestrian Archaeology. Techniques and Terminology. A Methodological Approach: Petroglyphs*. Cooperativa Archeologica Le Orme dell'Uomo. Brescia.
- FULBRA (2006) - *Diagnóstico Ambiental da sub-bacia Hidrográfica do Rio Arraias*. Palmas.
- GOÉS, A. e FEIJÓ, J. (1994) - Bacia do Parnaíba. *In: Boletim de Geociências da Petrobrás*. Vol. 8. Nº. 1. Rio de Janeiro. pp. 57-67.
- KEGEL, W. (1953) – Contribuição para o estudo do Devoniano da Bacia do Parnaíba. *In: Boletim da Divisão de Geologia Mineral*. Rio de Janeiro. pp. 1-48.
- KENITIRO, S. e FULFARO, V. J. (1977) - A Geologia da Margem Ocidental da Bacia do Parnaíba (Estado do Pará). *In: Boletim do Instituto de Geociências*. Vol. 8. São Paulo. pp. 31-54.
- LIMA, C. (1986) - Cultura Rupestre Maranhense. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão*. Vol.11. São Luís. pp. 7-12.
- LIMA, C. e AROSO, L. (1989) - *Pré-História Maranhense*. SIOGE. São Luís.

LIMA, C.(1985) - Província Espeleológica do Maranhão. *In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão*. Vol.10. São Luís. pp. 62-70.

MARTIN, G.(1997) - *Pré-História do Nordeste do Brasil*. Ed. da UFPE. Recife.

MATTOS, A. (1941) - *A Raça de Lagoa Santa*. Nacional. São Paulo.

MITHEN, S. (2002) - *A pré-história da mente: Uma busca das origens da arte, da religião e da ciência*. UNESP. São Paulo.

MORALES, W. (2008) - *Brasil Central: 12.000 anos de ocupação no médio curso do rio Tocantins, TO*. Annablume; Porto Seguro; Acervo. São Paulo.

NETTO, C. (2001) - *A Arte Rupestre no Brasil; Questões de transferência e representação da informação como caminho para interpretação*. (Tese de doutorado em Ciência da Informação UFRJ). Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, F. (2004) - Cotidiano da navegação no Tocantins na virada do século XIX para o XX. *In: XI Encontro Regional de História: Democracia e Conflito*, ANPUH/UFRJ. Rio de Janeiro. Acedido em 02/04/2011 em http://www.rj.s2.anpuh.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=305.

PEIRCE, C. (1990) - *Semiótica*. 2 ed. Perspectiva. São Paulo.

PESSIS, A. (1983) - Método de Análise das Representações Rupestres. *In: Caderno de Pesquisa*, série antropológica II. Nº. 3. UFPI. Teresina. pp.13-37.

PONCIANO, N. (2001) - O processo civilizador do sul de mato grosso – a colônia agrícola nacional de dourados. *In: ANALECTA*. Vol.2. Guarapuava. pp. 93-1001.

PROUS, A. (1989) - Arte Rupestre Brasileira: Uma Tentativa de Classificação. *Revista de Pré-História*. Vol. 7. USP. São Paulo. pp. 9-33.

PROUS, A. (1992) - *Arqueologia brasileira*. Universidade de Brasília. Brasília.

RIZZINI, C. T.(1963) - A flora do cerrado; análise florística das savanas centrais. *In*: FERRI, M. G. (org). *Simpósio sobre o cerrado*, Edgard Blücher/EDUSP. São Paulo. pp. 105-153.

RODRIGUES, L.(2001) - *O Rio dos Tocantins*. 2ª ed, Alexandre Acampora, Palmas.

SALDANHA, M. (2001) - *Um Estudo Sobre a Arqueologia Pré-Histórica no Maranhão*. (Monografia de graduação em História UFMA). São Luiz.

SANTOS, S. (2007) - *Ocorrências de Itacoatiaras na Paraíba*. JRC. João Pessoa.

SCHIMITZ, I.; BARBOSA. A.; RIBEIRO. M. e VERARDI. I. (1984) - *Arte Rupestre no Centro do Brasil: Pinturas e gravuras da pré-história de Goiás e oeste da Bahia*. UNISINOS. São Leopoldo.

SILVA, C. (1996-1997) - As Gravuras do Complexo Montalvânia- Vale do Rio Cochá-MG. *Arquivos do Museu de História Natural*. Vol. 17/18, UFMG. Belo Horizonte. pp. 287-328.

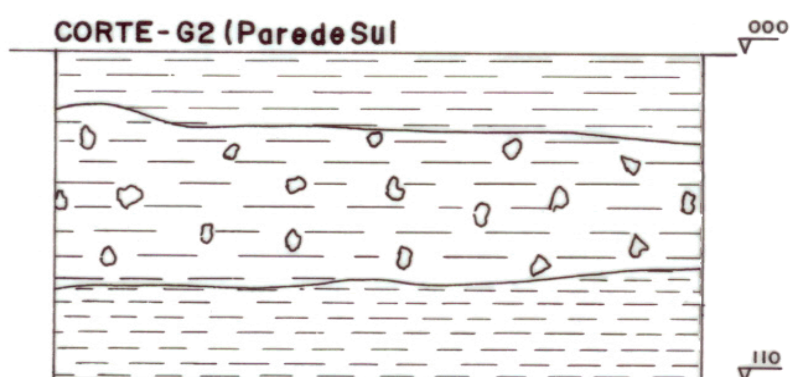
SILVA, W; ALVES, Y e CANDEIRO, C. (2010) - Coleção de icnofósseis da Bacia Parnaíba depositada no Laboratório de Paleontologia da Universidade Federal do Tocantins. *In: Revista de Biologia e Ciências da Terra*. Vol. 10. Nº. 1. Campina Grande. pp. 67-77.

SPINETO, N. (2002) - *Les Symboles dans l'histoire de l'humanité*. Rouergue. Milano.

Anexos

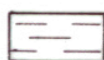
PROGRAMA SALTESTREITO
PROGRAMA DE LEVANTAMENTO, SALVAMENTO E MONITORAMENTO
DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL, PAISAGÍSTICO E
ARQUEOLÓGICO DA UHE-ESTREITO
SÍTIO ARQUEOLÓGICO TESTA BRANCA II
MUNICÍPIO: ESTREITO-MA.

PERFIL ESTRATIGRÁFICO

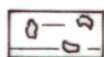


0 30 60 90cm
ESCALA = HOR./VERT. = 1: 30

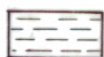
LEGENDA



CAMADA ARGILOSA, VERMELHA VIVA, SEM MATERIAL ARQUEOLÓGICO



CAMADA ARGILOSA, MARRON AVERMELHADA, PRESENÇA DE BLOCO ROCHOSO, COM MATERIAL ARQUEOLÓGICO

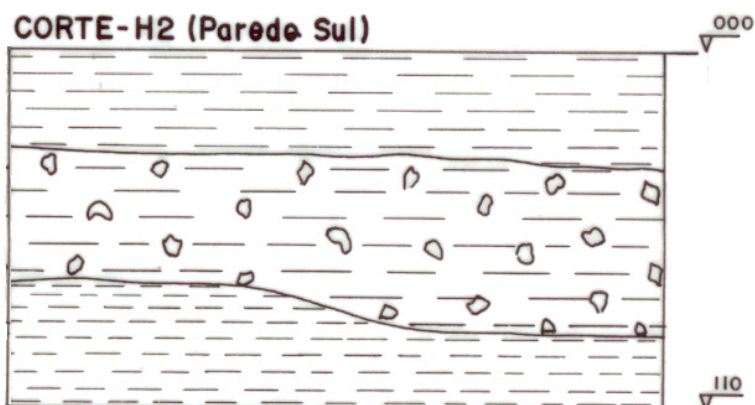


CAMADA ARGILOSA, MARRON AVERMELHADA, COMPACTA ENCERRA A PRIMEIRA OCUPAÇÃO

Autor: ANTONIO AIRES
UNITINS MUTA

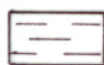
PROGRAMA SALTESTREITO
PROGRAMA DE LEVANTAMENTO, SALVAMENTO E MONITORAMENTO
DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL, PAISAGÍSTICO E
ARQUEOLÓGICO DA UHE-ESTREITO
SÍTIO ARQUEOLÓGICO TESTA BRANCA II
MUNICÍPIO: ESTREITO-MA.

PERFIL ESTRATIGRÁFICO

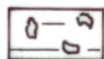


0 30 60 90cm
ESCALA = HOR./VERT. = 1: 30

LEGENDA



CAMADA ARGILOSA, VERMELHA VIVA, SEM MATERIAL ARQUEOLÓGICO



CAMADA ARGILOSA, MARRON AVERMELHADA, PRESENÇA DE BLOCO ROCHOSO, COM MATERIAL ARQUEOLÓGICO

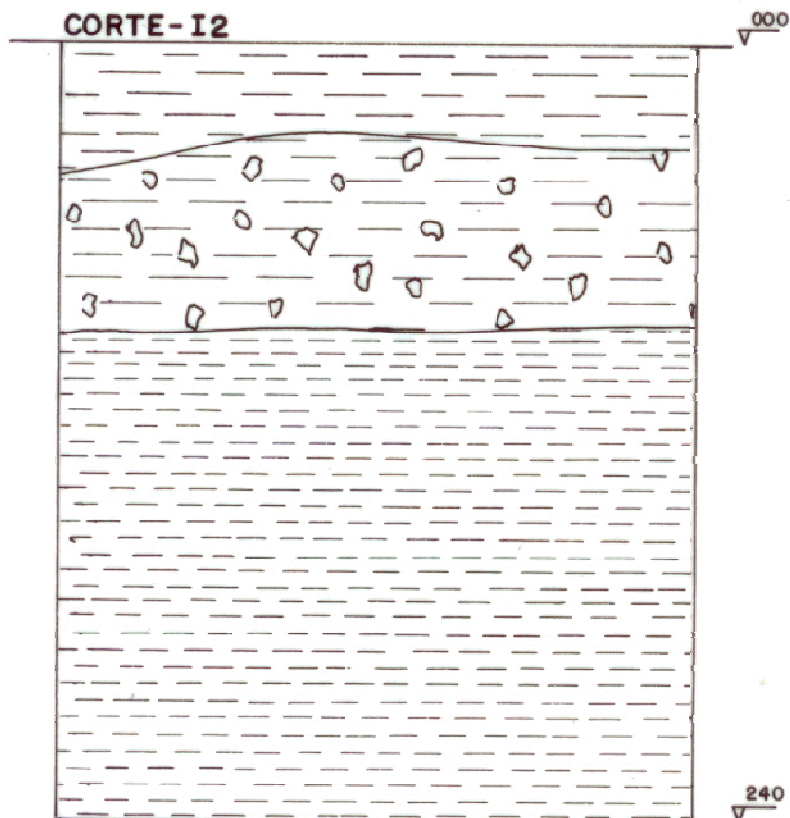


CAMADA ARGILOSA, MARRON AVERMELHADA, COMPACTA ENCERRA A PRIMEIRA OCUPAÇÃO



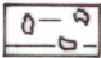

Autor : ANTONIO AIRES
UNITINS MOTA

PROGRAMA SALTESTREITO
 PROGRAMA DE LEVANTAMENTO, SALVAMENTO E MONITORAMENTO
 DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL, PAISAGÍSTICO E
 ARQUEOLÓGICO DA UHE-ESTREITO
SÍTIO ARQUEOLÓGICO TESTA BRANCA II
 MUNICÍPIO: ESTREITO-MA.

PERFIL ESTRATIGRÁFICO



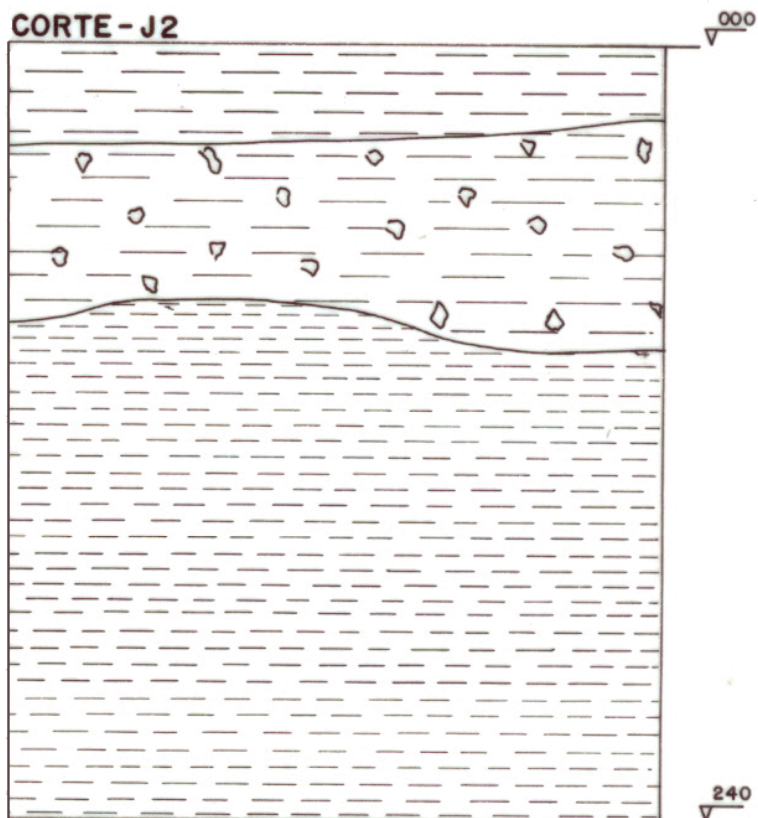
LEGENDA

- | | | |
|---|---|---|
|  | CAMADA ARGILOSA, VERMELHA VIVA, SEM MATERIAL ARQUEOLÓGICO | 
ESCALA = HOR./VERT. = 1: 30 |
|  | CAMADA ARGILOSA, MARRON AVERMELHADA, PRESENÇA DE BLOCO ROCHOSO, COM MATERIAL ARQUEOLÓGICO | |
|  | CAMADA ARGILOSA, MARRON AVERMELHADA, COMPACTA ENCERRA A PRIMEIRA OCUPAÇÃO | |

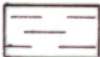
Autor : ANTONIO AIRES
 UNITINS MOTA

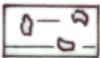
PROGRAMA SALTESTREITO
 PROGRAMA DE LEVANTAMENTO, SALVAMENTO E MONITORAMENTO
 DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL, PAISAGÍSTICO E
 ARQUEOLÓGICO DA UHE-ESTREITO
SÍTIO ARQUEOLÓGICO TESTA BRANCA II
 MUNICÍPIO: ESTREITO-MA.

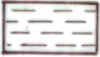
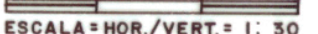
PERFIL ESTRATIGRÁFICO



LEGENDA

- | | | |
|---|---|--|
| 

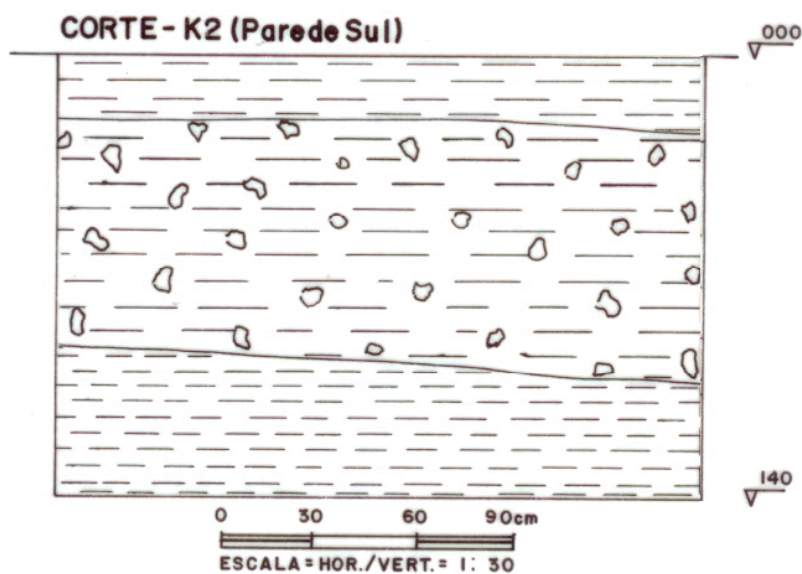


 | <p>CAMADA ARGILOSA, VERMELHA VIVA, SEM MATERIAL ARQUEOLÓGICO</p> <p>CAMADA ARGILOSA, MARRON AVERMELHADA, PRESENÇA DE BLOCO ROCHOSO, COM MATERIAL ARQUEOLÓGICO</p> <p>CAMADA ARGILOSA, MARRON AVERMELHADA, COMPACTA ENCERRA A PRIMEIRA OCUPAÇÃO</p> | <p>0 30 60 90cm</p>  <p>ESCALA = HOR./VERT. = 1: 30</p> |
|---|---|--|

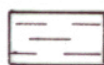
Autor : ANTONIO AIRES
 UNITINS MTA

PROGRAMA SALTESTREITO
PROGRAMA DE LEVANTAMENTO, SALVAMENTO E MONITORAMENTO
DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL, PAISAGÍSTICO E
ARQUEOLÓGICO DA UHE-ESTREITO
SÍTIO ARQUEOLÓGICO TESTA BRANCA II
MUNICÍPIO: ESTREITO-MA.

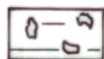
PERFIL ESTRATIGRÁFICO



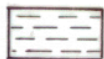
LEGENDA



CAMADA ARGILOSA, VERMELHA VIVA, SEM MATERIAL ARQUEOLÓGICO



CAMADA ARGILOSA, MARRON AVERMELHADA, PRESENÇA DE BLOCO ROCHOSO, COM MATERIAL ARQUEOLÓGICO

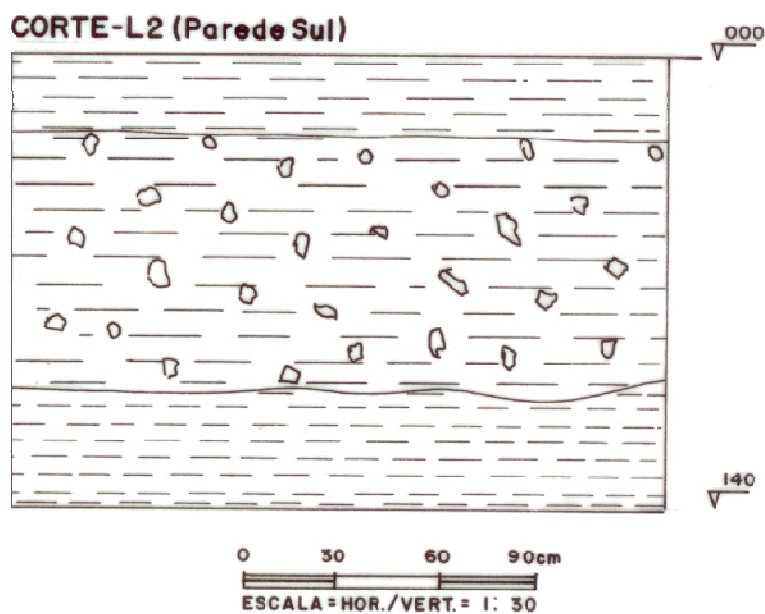


CAMADA ARGILOSA, MARRON AVERMELHADA, COMPACTA ENCERRA A PRIMEIRA OCUPAÇÃO


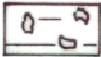

Autor : ANTONIO AIRES
UNITINS MOTA

PROGRAMA SALTESTREITO
PROGRAMA DE LEVANTAMENTO, SALVAMENTO E MONITORAMENTO
DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL, PAISAGÍSTICO E
ARQUEOLÓGICO DA UHE-ESTREITO
SÍTIO ARQUEOLÓGICO TESTA BRANCA II
MUNICÍPIO: ESTREITO-MA.

PERFIL ESTRATIGRÁFICO



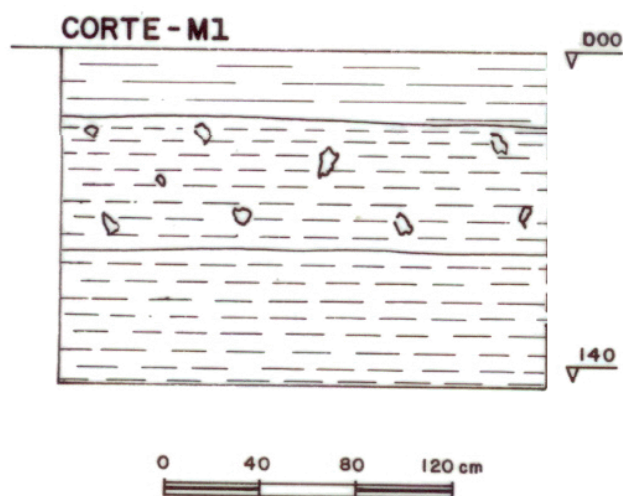
LEGENDA

- | | |
|---|--|
|  | CAMADA ARGILOSA, VERMELHA VIVA, SEM MATERIAL ARQUEOLÓGICO |
|  | CAMADA ARGILOSA, MARRON AVERMELHADA, PRESENÇA DE BLOCO ROCHOSO, COM MATERIAL ARQUEOLÓGICO |
|  | CAMADA ARGILOSA, MARRON AVERMELHADA, COMPACTA ENCERRA A PRIMEIRA OCUPAÇÃO |

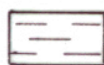
Autor : ANTONIO AIRES
UNITINS MOTA

PROGRAMA SALTESTREITO
PROGRAMA DE LEVANTAMENTO, SALVAMENTO E MONITORAMENTO
DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL, PAISAGÍSTICO E
ARQUEOLÓGICO DA UHE-ESTREITO
SÍTIO ARQUEOLÓGICO TESTA BRANCA II
MUNICÍPIO: ESTREITO-MA.

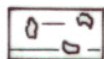
PERFIL ESTRATIGRÁFICO
Parede Sul está no mesmo alinhamento
nos cortes representados



L E G E N D A



CAMADA ARGILOSA, VERMELHA VIVA, SEM MATERIAL ARQUEOLÓGICO



CAMADA ARGILOSA, MARRON AVERMELHADA, PRESENÇA DE BLOCO ROCHOSO, COM MATERIAL ARQUEOLÓGICO

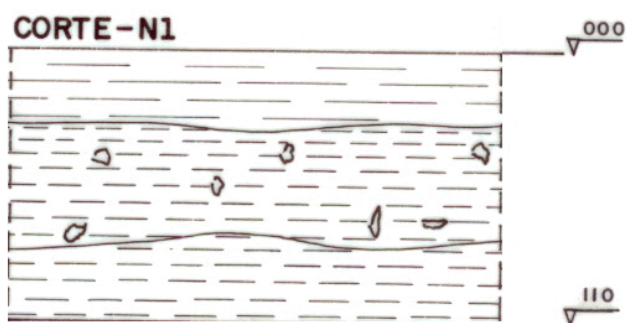


CAMADA ARGILOSA, MARRON AVERMELHADA, COMPACTA ENCERRA A PRIMEIRA OCUPAÇÃO

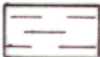
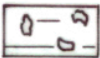
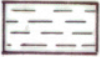
Autor : ANTONIO AIRES
UNITINS MOTA

PROGRAMA SALTESTREITO
 PROGRAMA DE LEVANTAMENTO, SALVAMENTO E MONITORAMENTO
 DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL, PAISAGÍSTICO E
 ARQUEOLÓGICO DA UHE-ESTREITO
SÍTIO ARQUEOLÓGICO TESTA BRANCA II
 MUNICÍPIO: ESTREITO-MA.

PERFIL ESTRATIGRÁFICO
 Parede Sul está no mesmo alinhamento
 nos cortes representados



L E G E N D A

- | | |
|---|--|
|  | <p>CAMADA ARGILOSA, VERMELHA VIVA, SEM MATERIAL ARQUEOLÓGICO</p> |
|  | <p>CAMADA ARGILOSA, MARRON AVERMELHADA, PRESENÇA DE BLOCO ROCHOSO, COM MATERIAL ARQUEOLÓGICO</p> |
|  | <p>CAMADA ARGILOSA, MARRON AVERMELHADA, COMPACTA ENCERRA A PRIMEIRA OCUPAÇÃO</p> |

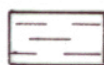
Autor : ANTONIO AIRES
 UNITINS MOTA

PROGRAMA SALTESTREITO
PROGRAMA DE LEVANTAMENTO, SALVAMENTO E MONITORAMENTO
DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL, PAISAGÍSTICO E
ARQUEOLÓGICO DA UHE-ESTREITO
SÍTIO ARQUEOLÓGICO TESTA BRANCA II
MUNICÍPIO: ESTREITO-MA.

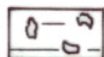
PERFIL ESTRATIGRÁFICO
Parede Sul está no mesmo alinhamento
nos cortes representados



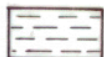
L E G E N D A



CAMADA ARGILOSA, VERMELHA VIVA, SEM MATERIAL ARQUEOLÓGICO



CAMADA ARGILOSA, MARRON AVERMELHADA, PRESENÇA DE BLOCO ROCHOSO, COM MATERIAL ARQUEOLÓGICO

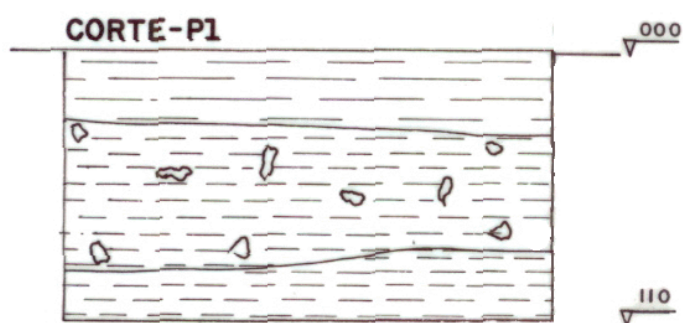


CAMADA ARGILOSA, MARRON AVERMELHADA, COMPACTA ENCERRA A PRIMEIRA OCUPAÇÃO

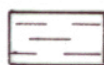
Autor : ANTONIO AIRES
UNITINS MOTA

PROGRAMA SALTESTREITO
PROGRAMA DE LEVANTAMENTO, SALVAMENTO E MONITORAMENTO
DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL, PAISAGÍSTICO E
ARQUEOLÓGICO DA UHE-ESTREITO
SÍTIO ARQUEOLÓGICO TESTA BRANCA II
MUNICÍPIO: ESTREITO-MA.

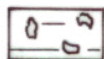
PERFIL ESTRATIGRÁFICO
Parede Sul está no mesmo alinhamento
nos cortes representados



L E G E N D A



CAMADA ARGILOSA, VERMELHA VIVA, SEM MATERIAL ARQUEOLÓGICO



CAMADA ARGILOSA, MARRON AVERMELHADA, PRESENÇA DE BLOCO ROCHOSO, COM MATERIAL ARQUEOLÓGICO

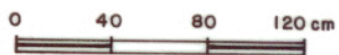
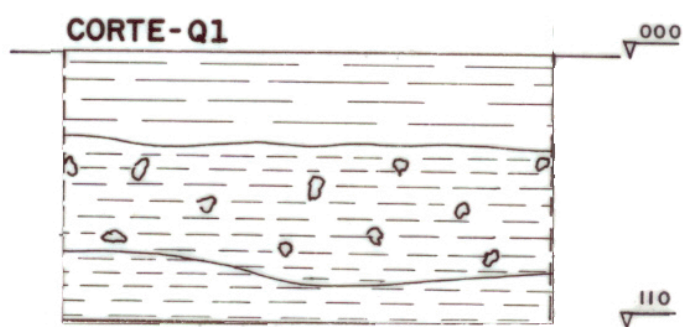


CAMADA ARGILOSA, MARRON AVERMELHADA, COMPACTA ENCERRA A PRIMEIRA OCUPAÇÃO

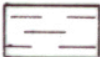
Autor : ANTONIO AIRES
UNITINS MOTA

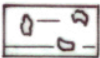
PROGRAMA SALTESTREITO
 PROGRAMA DE LEVANTAMENTO, SALVAMENTO E MONITORAMENTO
 DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL, PAISAGÍSTICO E
 ARQUEOLÓGICO DA UHE-ESTREITO
SÍTIO ARQUEOLÓGICO TESTA BRANCA II
 MUNICÍPIO: ESTREITO-MA.

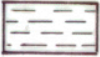
PERFIL ESTRATIGRÁFICO



LEGENDA

- 

CAMADA ARGILOSA, VERMELHA VIVA, SEM MATERIAL ARQUEOLÓGICO
- 

CAMADA ARGILOSA, MARRON AVERMELHADA, PRESENÇA DE BLOCO ROCHOSO, COM MATERIAL ARQUEOLÓGICO
- 

CAMADA ARGILOSA, MARRON AVERMELHADA, COMPACTA ENCERRA A PRIMEIRA OCUPAÇÃO

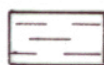
Autor : ANTONIO AIRES
 UNITINS/MTA

PROGRAMA SALTESTREITO
PROGRAMA DE LEVANTAMENTO, SALVAMENTO E MONITORAMENTO
DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL, PAISAGÍSTICO E
ARQUEOLÓGICO DA UHE-ESTREITO
SÍTIO ARQUEOLÓGICO TESTA BRANCA II
MUNICÍPIO: ESTREITO-MA.

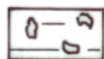
PERFIL ESTRATIGRÁFICO
Parede Sul está no mesmo alinhamento
nos cortes representados



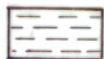
L E G E N D A



CAMADA ARGILOSA, VERMELHA VIVA, SEM MATERIAL ARQUEOLÓGICO



CAMADA ARGILOSA, MARRON AVERMELHADA, PRESENÇA DE BLOCO ROCHOSO, COM MATERIAL ARQUEOLÓGICO

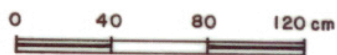
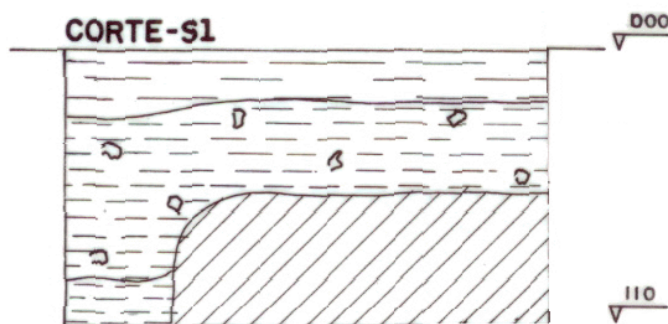


CAMADA ARGILOSA, MARRON AVERMELHADA, COMPACTA ENCERRA A PRIMEIRA OCUPAÇÃO

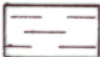
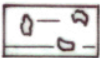
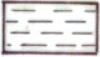
Autor : ANTONIO AIRES
UNITINS MOTA

PROGRAMA SALTESTREITO
 PROGRAMA DE LEVANTAMENTO, SALVAMENTO E MONITORAMENTO
 DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL, PAISAGÍSTICO E
 ARQUEOLÓGICO DA UHE-ESTREITO
SÍTIO ARQUEOLÓGICO TESTA BRANCA II
 MUNICÍPIO: ESTREITO-MA.

PERFIL ESTRATIGRÁFICO
 Parede Sul está no mesmo alinhamento
 nos cortes representados



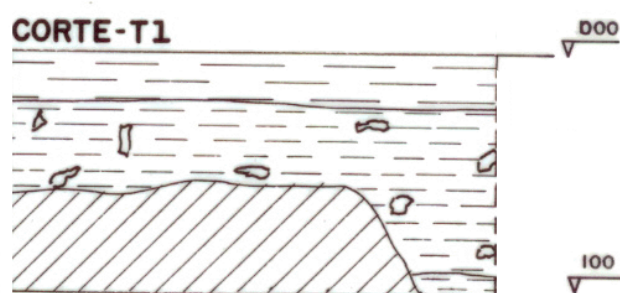
LEGENDA

- 
 CAMADA ARGILOSA, VERMELHA VIVA, SEM MATERIAL ARQUEOLÓGICO
- 
 CAMADA ARGILOSA, MARRON AVERMELHADA, PRESENÇA DE BLOCO ROCHOSO, COM MATERIAL ARQUEOLÓGICO
- 
 CAMADA ARGILOSA, MARRON AVERMELHADA, COMPACTA ENCERRA A PRIMEIRA OCUPAÇÃO

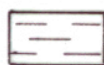
Autor : ANTONIO AIRES
 UNITINS MOTA

PROGRAMA SALTESTREITO
PROGRAMA DE LEVANTAMENTO, SALVAMENTO E MONITORAMENTO
DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL, PAISAGÍSTICO E
ARQUEOLÓGICO DA UHE-ESTREITO
SÍTIO ARQUEOLÓGICO TESTA BRANCA II
MUNICÍPIO: ESTREITO-MA.

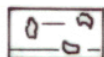
PERFIL ESTRATIGRÁFICO
Parede Sul está no mesmo alinhamento
nos cortes representados



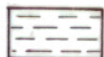
LEGENDA



CAMADA ARGILOSA, VERMELHA VIVA, SEM MATERIAL ARQUEOLÓGICO



CAMADA ARGILOSA, MARRON AVERMELHADA, PRESENÇA DE BLOCO ROCHOSO, COM MATERIAL ARQUEOLÓGICO

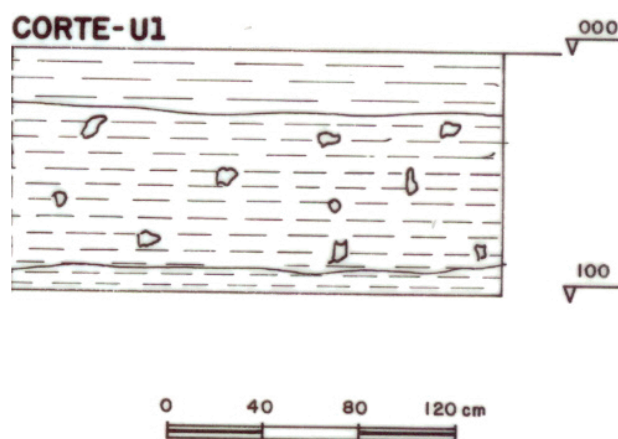


CAMADA ARGILOSA, MARRON AVERMELHADA, COMPACTA ENCERRA A PRIMEIRA OCUPAÇÃO

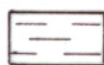
Autor : ANTONIO AIRES
UNITINS MTA

PROGRAMA SALTESTREITO
PROGRAMA DE LEVANTAMENTO, SALVAMENTO E MONITORAMENTO
DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL, PAISAGÍSTICO E
ARQUEOLÓGICO DA UHE-ESTREITO
SÍTIO ARQUEOLÓGICO TESTA BRANCA II
MUNICÍPIO: ESTREITO-MA.

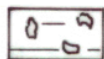
PERFIL ESTRATIGRÁFICO
Parede Sul está no mesmo alinhamento
nos cortes representados



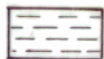
L E G E N D A



CAMADA ARGILOSA, VERMELHA VIVA, SEM MATERIAL ARQUEOLÓGICO



CAMADA ARGILOSA, MARRON AVERMELHADA, PRESENÇA DE BLOCO ROCHOSO, COM MATERIAL ARQUEOLÓGICO



CAMADA ARGILOSA, MARRON AVERMELHADA, COMPACTA ENCERRA A PRIMEIRA OCUPAÇÃO

Autor : ANTONIO AIRES
UNITINS MOTA